

DEPARTAMENTO DE CULTURA
GABINETE DE ARQUEOLOGIA, ARTE E HISTÓRIA

PATRIMÓNIO EDIFICADO COM INTERESSE CULTURAL

CONCELHO DE COIMBRA

TÍTULO

Património Edificado com Interesse Cultural
Concelho de Coimbra

COORDENAÇÃO DE PROJECTO

Ana Sofia Gervásio
Carmen Pereira
Raquel Santos

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Coimbra
Departamento de Cultura
Gabinete de Arqueologia, Arte e História

COORDENAÇÃO GERAL

João Rebelo
Mário Nunes

COORDENAÇÃO EXECUTIVA

Carmen Pereira (GAAH)
Carlos Jorge Barata (DOE)

COLABORAÇÃO

Isabel Marques (GAAH)
José Barreto (DM)
Luísa Silva (GCH)
Maria Antónia Lucas da Silva (GAAH)
Raquel Romero Magalhães (DM)
Juntas de Freguesia do Concelho de Coimbra

FOTOGRAFIA

Ana Sofia Gervásio
Carmen Pereira
Isabel Marques
José Marques
Maria Antónia Lucas da Silva
Raquel Santos
Sérgio Madeira
Susana Pereira

CARTOGRAFIA

Departamento de Planeamento
Divisão de Ordenamento e Estratégia

Departamento de Cultura
Gabinete de Arqueologia, Arte e História

ISBN

978-989-8039-16-3

DEPÓSITO LEGAL

294720/09

CONCEPÇÃO GRÁFICA

BOOKPAPERDESIGN

| Junho 2009



AGRADECIMENTOS

Departamento de Planeamento
Divisão de Ordenamento e Estratégia

Departamento de Cultura
Divisão de Museologia

Gabinete para o Centro Histórico

Companhia de Bombeiros Sapadores

Departamento de Administração Geral
e Recursos Humanos
Divisão de Informática

CÂMARA
MUNICIPAL
D
COIMBRA

Prólogo

Uma sociedade adulta deve caracterizar-se pela atenção e cuidado que põe na valorização do seu património humano, natural e cultural.

Para este último muito contribui e é essencial o conhecimento e promoção do património edificado e arqueológico. O presente trabalho, que se quer em permanente actualização, assume-se como um contributo essencial para esse conhecimento e sua valorização.

Partindo dum primeiro levantamento efectuado pela Divisão de Ordenamento e Estratégia (DOE) do Departamento de Planeamento no quadro da elaboração do PDM, cedo se constatou a necessidade do seu aprofundamento e desenvolvimento, cujo resultado, altamente positivo, aqui vemos plasmado sob a responsabilidade do Gabinete de Arqueologia, Arte e História (GAAH), não pode deixar de merecer o nosso aplauso.

Para além das fichas agora tornadas públicas, o inventário não deverá deixar de incluir, no futuro outras referências relativas a valores arqueológicos, às “repúblicas” e a outros marcos associados a vultos da cultura nacional.

Um dos aspectos mais significativos deste trabalho prende-se com o facto de o mesmo não se reportar apenas aos edifícios classificados, mas a todo um conjunto de edificações que pelo seu enquadramento histórico e cultural se devem constituir como valores que, sem prejuízo da sua adaptação a novas funções e necessidades, devem merecer a melhor atenção e cuidado e que constituem marcas para a preservação da memória histórica e cultural do concelho e das suas gentes. De realçar, ainda, o contributo das Juntas de Freguesia para o resultado alcançado.

O seu número (406) reforça o reconhecimento da importância e peso de Coimbra na dimensão cultural do País e a todos nos deve motivar, no sentido da transmissão às gerações futuras. Importa recordar que, não querendo viver do passado, o desenvolvimento, a modernidade e o crescimento sustentável passam pela correcta gestão e valorização dos recursos locais, de que os culturais são um esteio.

É com esperança que se espera que este documento se constitua como uma mais valia para o conhecimento da dimensão, diversidade e importância histórica e cultural de Coimbra e como um contributo para a modernidade e inovação que sempre caracterizaram e devem caracterizar Coimbra.

JOÃO REBELO

Vice-Presidente da Câmara Municipal de Coimbra

Apresentação

Uma equipa de trabalho na área do património cultural percorreu, durante um ano e meio, o território concelhio de Coimbra, com o intuito de redescobrir, descobrir e classificar o património construído com interesse cultural. Procedeu-se, assim, ao levantamento dos bens patrimoniais existentes, um processo moroso, mas de manifesta exigência e utilidade, que não podia adiar-se, sob pena do tempo e dos homens fazerem desaparecer ou esconder, para sempre, a herança cultural recebida e que importava salvaguardar e, futuramente, valorizar, quando precise desse benefício de recuperação ou restauro.

As especialistas do Gabinete de Arqueologia, Arte e História – GAAH que se dedicaram com empenho, dedicação, entusiasmo e até paixão cultural, ao levantamento deste património, Dr.^{as} Ana Sofia Gervásio, Carmen Pereira e Raquel Santos, elaboraram, previamente, um método de trabalho, que cimentou o pilar indispensável para alcançar o desejado resultado final. Nele participaram alguns técnicos da Divisão de Ordenamento e Estratégia – DOE do Município que, com as suas sugestões e propostas, contribuíram para a definição dos graus de protecção que iriam sustentar os princípios reguladores para uma futura intervenção no património inventariado e na área adjacente, à semelhança do praticado com o património arqueológico.

Entenderam os técnicos do GAAH e os do DOE que deveriam equacionar-se, tipologicamente, alguns factores, de molde a que os bens a inventariar tivessem em conta a especificidade e o valor intrínseco de cada um. Neste entendimento, operaram uma tabela qualitativa que prevenisse, no futuro, a sua protecção sem colidir com as regras já definidas e em vigor pelo RMUE – Regulamento Municipal de Urbanizações e Edificações.

Desta forma, tiveram em conta a antiguidade, autenticidade, raridade, singularidade e o nível de preservação, garantindo uma uniformização metodológica a aplicar, em qualquer momento e quando algum tipo de trabalho for necessário desenvolver no património em causa. A classificação aprovada implica que, em caso do bem inscrito neste levantamento, se julgue da real valia cultural e institucional, e a exigir reparação, benefício ou alteração imprevista motivada por diferentes factores impossíveis de prever, que estejam presentes e a acompanharem os trabalhos ou a propor soluções, técnicos especializados na matéria em referência, conforme se depreende da análise da Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro, em consonância com o estabelecido no Decreto-Lei n.º 270/99, de 15 de Julho, e no artigo 5.º do RMUE.

Do trabalho executado nas 31 freguesias do concelho que contou, também, com a colaboração das Juntas, resultou a descrição individual da cada bem patrimonial, assim como dos elementos e apreciações exigidos nos princípios elaborados pelos técnicos, sendo registados com ficha de sítio, 406 bens inventariados.

A par deste cuidadoso e minucioso levantamento científico moldado ao valor cultural de cada monumento visualizado, acresce para melhor segurança e compreensão, o registo georreferenciado em cartografia própria, da responsabilidade do DOE, com a especial colaboração do Arquitecto Carlos Jorge Barata, e que ficará disponível para a sua divulgação nesta obra editada. Logo, um trabalho que ao envolver técnicos de diferentes áreas, mas indispensáveis à unidade preconizada, oferece as condições para se identificarem riquezas que importava inventariar para a sua defesa e salvaguarda.

Apresentadas as premissas que conduziram a tão gratificante e importante inventário concelhio, impõe-se dar algumas informações do interesse deste meritório trabalho, que corresponde à primeira parte do levantamento total, seguindo-se o restante património, incluindo as “Repúblicas estudantis”, a editar brevemente.

O primeiro livro que ora se publica sobre a matéria em referência, avaliza a grandeza da herança registada. O conteúdo deixa perceber a importância do património concelhio recebido dos antepassados e que alimenta as raízes que sustentam a autonomia e a independência dos municípios das freguesias pertencentes ao território Conimbricense.

Mosteiros, Conventos, Igrejas, Capelas, Colégios, Seminário, Antigo Hospital, Cruzeiros, Alminhas, Palácios, Palacetes, Quintas com e sem capela, Casas de habitação com e sem capela, Fontes, Chafarizes, Jardins públicos, Coretos, Pontes, Aquedutos, Fornos, Pelourinhos, Marcos, Escolas e Edifícios de interesse patrimonial, quer sejam Monumento Nacional, Imóveis de Interesse Público e ou de Valor Concelhio, e aqueles em vias de classificação ou mesmo sem classificação, aferem de uma identificação. Esta, informa da freguesia e do lugar em que se localiza, de que espécie de património se trata, qual o conjunto de bens a que pertence, o grau de protecção exigido face ao estado de conservação encontrado, e o número de inventário que o regista no Município.

Por sua vez, as freguesias apresentam-se, bem com os lugares a que pertence o património inventariado, por ordem alfabética, possibilitando uma melhor e mais rápida consulta. Acresce, ainda, que a ficha elaborada compagina o bem cultural ou natural que pertence a cada freguesia e lugar. O pormenor mais insignificante foi tido em conta, permitindo conhecer as diversas características e a especificidade do património na data do levantamento e registo. Por isso, o trabalho se apresenta investido de minuciosos detalhes, tendo em atenção o seu conhecimento completo, a importância que desfruta e as exigências que acumula para a sua preservação. Neste entendimento, importa sublinhar com agrado e com muita satisfação, o profissionalismo dos técnicos camarários que subscrevem este levantamento, a gratificante missão cultural que os acompanha e o importante serviço que prestam ao concelho, ao País, à Cultura e ao Homem, em geral. Agradecer, publicamente, deixando nestas páginas o nosso testemunho escrito, constitui a melhor forma de lhes dizer, em nome da Câmara Municipal de Coimbra: Bem-hajam.

Vila do Espinhal, Quinta-Feira Santa, 9 de Abril de 2009

MÁRIO NUNES
Vereador da Cultura

Aspectos técnicos e metodológicos

O processo de levantamento e tratamento de dados referentes ao património edificado com interesse cultural, do concelho de Coimbra, efectuado pelo Gabinete de Arqueologia, Arte e História do Departamento de Cultura, recorreu a vários apoios técnicos e especializados. Este processo iniciou-se com a recolha dos dados existentes na Divisão de Ordenamento e Estratégia (DOE) da Autarquia, os inventários de património do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR) e da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN)¹ à data de Fevereiro de 2007.

O processo decorreu em duas fases: uma de levantamento no campo através da recolha de registos orais e de imagem, numa segunda a elaboração, preenchimento das fichas de inventário do GAAH, e georreferenciação em cartografia própria de todo o património registado. Esta foi elaborada por técnicos do DOE.

O preenchimento das fichas foi efectuado através de uma pesquisa e investigação bibliográfica relevante para cada registo, com o apoio dos técnicos da Divisão de Museologia – Departamento de Cultura e do Gabinete para o Centro Histórico. Culminou numa descrição base e sucinta do imóvel com dados históricos e arquitectónicos, e na apresentação das referências bibliográficas, para uma análise mais pormenorizada. Salvaguardando sempre que possível a existência de espólio encontrado, ou com referência à sua existência.

A ficha comporta dados que foram considerados relevantes para o registo individual, nomeadamente a identificação da designação, freguesia, lugar e data de visita. Relativamente ao número de inventário da CMC provém da base de dados geral de património elaborada pelos serviços do DOE. O tipo de sítio apresenta-se com base numa classificação proposta pelo Ex.^{mo} Sr. Vice-Presidente, Eng. João Rebelo, definidos segundo a sua tipologia e designados da seguinte forma: A – Conjuntos; B – Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C – Cruzeiro, Alminha; D – Palácio, Palacete, Quinta com capela; E – Quinta, Casa de Habitação sem capela; F – Fonte, Chafariz; G – Jardim; H – Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola).

O período cronológico foi sempre identificado segundo a data de edificação do imóvel, e na sua ausência, serviu de base a descrição arquitectónica actual.

Os graus de protecção servem para salvaguarda de futuras intervenções no património e área adjacente, conforme se pratica também com o património arqueológico. A tipologia dos vestígios

encontrados, nomeadamente a sua antiguidade, autenticidade, raridade, singularidade, e o nível de preservação permitiu atribuir os diferentes graus de protecção, que já se encontram definidos no Regulamento Municipal de Urbanização e Edificação, Taxas e Compensações Urbanísticas de Coimbra – RMUE em vigor.

Todo e qualquer tipo de trabalho a desenvolver futuramente nos monumentos deverá ter em atenção a sua classificação e grau atribuído neste estudo, encontrando-se eventualmente condicionado à presença de técnicos especializados, conforme se depreende da análise da Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro, em consonância com o estabelecido no D. L. n.º 270/99 de 15 de Julho, e no art.º 5 do RMUE, constituindo esta acção uma forma de salvaguarda adequada e fidedigna da intervenção. Assim, em correlação directa com o campo da protecção e vigilância, apresentam-se da seguinte forma: o grau 0 – Inventariado. Registrar as intervenções; o grau 1 – Para além do parecer emitido pela entidade que tutela o património, qualquer trabalho que implique remoção de sedimentos deverá ser precedido de sondagens arqueológicas e acompanhamento arqueológico na picagem das paredes; o grau 2 – Inventariado. Qualquer trabalho que implique remoção do subsolo no interior ou área envolvente deverá ser precedido de sondagens arqueológicas; e o grau 3 – Inventariado. Qualquer trabalho que implique remoção de sedimentos deverá ter acompanhamento arqueológico.

O preenchimento da ficha relativamente ao estado de conservação e ameaças reflecte o aspecto actual condicionando sempre as futuras intervenções, quer de remodelação, restauro e construção. No campo das observações identificam-se os serviços da Autarquia que intervieram no processo de elaboração da mesma.

As fichas, sempre que possível, são complementadas com imagens do património, à data da visita, e a identificação das técnicas que efectuaram o registo.

Pretende-se assim contribuir para a história da cidade de Coimbra através deste levantamento de património do concelho.

Em virtude do vasto património do concelho salvaguarda-se ainda a necessidade de dar continuidade ao levantamento, a iniciar numa segunda fase.

Coimbra, Maio de 2009

ANA SOFIA GERVÁSIO, CARMEN PEREIRA E RAQUEL SANTOS

¹ Através do D.L. n.º 96/2007, de 29 de Março integraram a instituição IGESPAR,

I.P. – Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, I.P.

Freguesia de Almalaguês

A maior freguesia em área do Concelho de Coimbra, com 22,7 km² e cerca de 4.000 habitantes.

Almalaguês é uma simpática aldeia que remonta a sua existência ao ano de 1088 e o seu nome adveio-lhe possivelmente de Zoleiman Almalaki, um nobre muçulmano que possuía estas terras e Vila Tendiga no ano de 1088. Deve remontar portanto aos inícios da reconquista e repovoamento a sul do Mondego. Contudo, só aparece documentado a partir do séc. XII, data em que recebe carta de povoação (1150). No séc. XV, juntamente com Cernache, é dada pelo infante regente D. Pedro, a Guilherme Arnaut. Outros defendem que a origem do topónimo reside no facto da aldeia, como sendo de origem árabe, provém da palavra “Al”, artigo árabe que significa “os”, e “malaguês”, que significa “colonos de Málaga”. À semelhança das aldeias Árabes, apresenta uma rua principal, mais ao menos a meio do povoado, e uma outra lateral, que partindo desta a vai encontrar noutra ponto a que chamam corredoura, ou correioira. Ainda hoje se mantém esta denominação. Apesar da sua origem árabe, sabe-se que por ali passaram e habitaram outros povos – Celtas e Romanos – verificam-se estas influências e vestígios, no castelo de Torre de Bera, séc. XII, que é uma fortificação celta, e ainda na denominação de Castro da Senhora da Alegria, na povoação com o mesmo nome, onde se sabe ter existido um castro romanizado, hoje já desaparecido. Existem em Almalaguês, três zonas historicamente distintas com características e costumes bem diferenciados, que correspondem à passagem por ali de colonos Celtas, Árabes e Romanos. Assim, uma zona tipicamente Celta, que se denomina região de Bera, na parte Nordeste; uma região central árabe abrangendo a sede de freguesia – Almalaguês; e outra que se estende de Este a Sul, com características Romanas.

A tecelagem manual em Almalaguês é uma riqueza patrimonial de significado incalculável. As colchas trabalhadas no tear com a paciência minuciosa de muitas horas de pequeníssimos punhados de perfeitos efeitos de linha são, a meu ver, as peças mais belas e ricas deste artesanato. Contudo, os tapetes, os conjuntos de panos, as toalhas de rosto e banho manufacturadas no tear artesanal, as passadeiras e carpetes coloridas, são uma riqueza a não perder nunca. É preciso preservar este património. A tecelagem manual constitui a actividade económica mais importante da freguesia de

Almalaguês. Em alguns lugares da freguesia, encontramos a tecedeira artesã isolada, ou de parceria com uma companheira. Utilizam um tear rudimentar manual, instalado no seu próprio domicílio. Para além do tear, há ainda a destacar alguns instrumentos que, embora não fazendo parte dele, intervêm de modo significativo na execução das tarefas preliminares da tecelagem: a dobadoira, o caneleiro, o Restelo, a urdideira, a burra ou arames e a espadilha. Ainda são de considerar miniaturas de teares e alfaias agrícolas e cestaria em vime.

A simpatia do povo, na forma simples, pura e aberta de receber quem nos visita, o orgulho que nos vai na alma, ao saborear uma boa chanfana, broa de milho, sopa do lavrador, arroz doce, jeropiga, copo de vinho de Almalaguês... são o nosso cartão de visita.

VICTOR COSTA

Presidente da Junta de Freguesia

CÂMARA
MUNICIPAL
D
COIMBRA



Levantamento do Património da Freguesia de Almalaguês

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|--------------------|--------------------------------------|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| Almalaguês | Capela de São Pedro | B | EVC | 1 | 180079 | 4 |
| | Cruzeiro | C | EVC | 1 | 180025 | 15 |
| Almalaguês | Capela de Santo Cristo | C | | 3 | 180026 | 10 |
| Almalaguês | Capela de São Sebastião | B | | 0 | 180027 | 12 |
| Almalaguês | Igreja Paroquial de S. Tiago | B | | 2 | 180080 | 2 |
| Anaguéis | Casa da Quinta do Vale do Forno | E | | 3 | 180333 | 3 |
| Anaguéis | Igreja Matriz de Anaguéis | B | | 0 | 180249 | 17 |
| Bera | Capela de Nossa Senhora da Conceição | B | | 2 | 180246 | 13 |
| Flor da Rosa | Capela da Nossa Senhora da Saúde | B | | 0 | 180248 | 6 |
| Monforte | Capela de Nossa Senhora de Fátima | B | | 0 | 180247 | 1 |
| Monte de Bera | Capela de São Frutuoso | B | | 2 | 180245 | 9 |
| Quinta do Colaço | Capela de Santo António | B | | 0 | 180250 | 14 |
| Rio de Galinhas | Alminha do Senhor dos Aflitos | C | | 0 | 180358 | 7 |
| Rio de Galinhas | Capela de Santa Ana | B | | 0 | 180316 | 8 |
| Senhora da Alegria | Capela de Nossa Senhora da Alegria | B | EVC | 1 | 180078 | 5 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

Freguesia de Almedina

Se Coimbra é rica em Património Histórico monumental, Cultural, Social e Religioso, então meus amigos, orgulhem-se de ter nascido, viver, ou pertencer por quaisquer laços à Freguesia de Almedina. Contrariamente ao que costumamos ler, em artigos publicados, a freguesia de Almedina não teve a sua origem em 1854, mas em 1119 conforme nos atesta um documento original, existente na Torre do Tombo, cuja cópia possuímos. Já neste documento, o primeiro de que temos conhecimento, esta área, é chamada de freguesia de S. Cristóvão, o que vai até cerca de 1779. Passou depois a denominar-se de Sé Velha, passando depois a Almedina. Mas sem que o local mude, temos diversos exemplos no nosso País. Sem ir mais longe, a antiga Rua das Covas, hoje Rua Borges Carneiro, ou o Bairro Marechal Carmona, hoje Norton de Matos, e tantas outras, que sem mudar de lugar, mudam de nome. Ora nós nunca podemos dizer que são originários da época, cujo nome ostentam. À sua localização e espaço, certamente ninguém pode ficar indiferente. O local foi sem dúvida o escolhido pelos primeiros povos a chegarem para a edificação do burgo. A encosta abrigada, o sol, o rio, muitas árvores, terrenos férteis, a posição estratégica em que se situava, foram as condições suficientes para que a nossa colina fosse escolhida. Não admira portanto ser desde o início terra de história e tradições. E se em terra boa há que semear, em local com condições há que construir. Deste modo, vamos falar um pouco do nosso Património Edificado, com interesse Cultural, Social e Religioso.

Berço de Reis, e Infantes, Coimbra foi a primeira capital do reino onde D. Afonso Henriques se fixou pouco depois da Batalha de S. Mamede ocorrida em 1128, por aqui se manteve a corte durante quase dois séculos, e aqui teriam nascido mais quatro Reis de Portugal, além de figuras ilustres e importantes que por aqui passaram em busca da Sabedoria e do Conhecimento. Coimbra, incubadora neste núcleo de Almedina, da maior Escola da Idade Média, "Estudos Gerais", criados por D. Dinis, de onde saíram Poetas, Artistas, Escritores, Cientistas, Homens e Mulheres que deram novos Mundos ao Mundo, terá que ser preservada e amada como merece. É sem dúvida aqui que se encontra o coração da cidade que se desenvolveu à sua volta. Não será pois de admirar que o

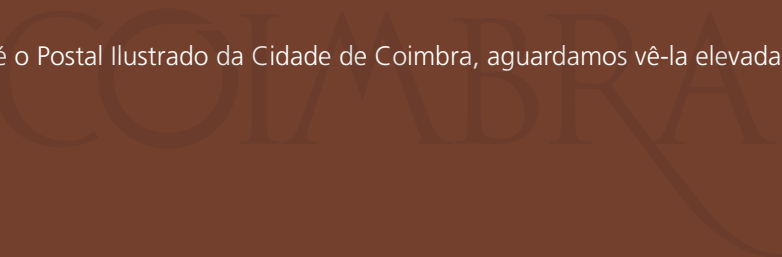
Património desta área, que vai desde as casas mais modestas, até à vetusta Universidade tenham a sua história, e mereçam de nós Almedinenses a maior atenção, o maior carinho, o maior interesse, na sua conservação e utilização, não o deixando cair ao abandono. Os anos passaram, mas Almedina, com a maior parte da muralha, os seus inúmeros Mosteiros, Conventos, a Sé Catedral, as Torres, os Hospitais, a Universidade, as Colegiadas, as Casas Senhoriais, Jardins, Tabernas, as Serenatas, as Escadas, as Ruelas, os Becos, os Pátios, que comprovam a sua história e Coimbra não teria o mesmo encanto, sem a colina “sagrada”, como foi denominada pelos humanistas do séc. XVI comparando-a com Atenas.

É um património, riquíssimo, na sua maior parte bem conservado, que é de todo o interesse preservar porquanto ele é a alma da nossa freguesia, o que temos nela de melhor. Se consultarmos a obra do GAAC “Alta de Coimbra que futuro para o Passado”, publicado em 1995, encontramos o desejo de uma revalorização da Alta, quase envolto num impossível, tantos são os aspectos negativos descritos na nossa freguesia. Era essa a realidade existente.

Assim continuou por mais alguns anos, e embora muito, mesmo muito haja a fazer por tudo isto, a verdade é que, quando damos por nós, reparamos também que muito mudou de há uma década para cá. Somos incapazes de travar o envelhecimento da população, mas temos tentado criar condições para aproximar os jovens. A falta de segurança ainda se faz sentir, o desemprego será a nosso ver, o grande responsável pela maior parte das situações, assim como o reduzido número no quadro de forças policiais, agravado da falta de autoridade que lhe é imposta por lei. Porém, não podemos já falar em falta de iluminação, nem na mesma desordenação de trânsito, na falta de limpeza, na falta de apoio domiciliário, na falta de condições nas escolas, na falta de apoio dado às instituições, nas ruas degradadas (embora ainda não chegássemos a todas), mas vendo bem, Almedina está diferente!!!

Claro que ainda há muito a fazer. O Sousa Bastos!!! Pensamos que está para breve... Diz o velho ditado, “o macaco tanto bem quer aos filhos que os mata”. Quem sabe se o Sousa Bastos não tivesse tantos amigos, já não estaria arranjado para bem de todos? Mas tarde é amanhã... hoje ainda vai a tempo! Há ainda muitos prédios a recuperar, talvez se fossem dadas as mãos, os trabalhos pudessem decorrer com outro ritmo. Sabemos que é difícil, mas para as coisas se tornarem fáceis, o difícil é começá-las, e isso já aconteceu. E quando vemos um prédio em reconstrução com um slogan a “ALTA está em ALTA” aí, nós reparamos que ao lado, o outro já foi reconstruído e o outro, e o outro também. Se nos permitem queremos deixar um reparo também à nossa Universidade. Tratem melhor o Jardim Botânico, que me fascinou em jovem, e que vemos agora em tão más condições de trato e limpeza. Lamentável ainda os grafismos, sem punição para os que fazem aquela arte em prédios e Monumentos acabados de recuperar, conspurcando-os. Esta é uma outra sujeira na nossa cidade. E se o Turismo é uma aposta no futuro, com a excelência das condições da nossa Alta, deixo o apelo para que, com civismo, ajudem a preservar o nosso Património Edificado, porquanto em nenhuma outra parte da cidade o turista poderá obter o local para melhor fotografia, e para continuarmos a dizer com certa vaidade:

ALMEDINA é o Postal Ilustrado da Cidade de Coimbra, aguardamos vê-la elevada a PATRIMÓNIO MUNDIAL.



Levantamento do Património da Freguesia de Almedina

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|----------|--|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| Almedina | Antigo Colégio de São Bento | B | IIP | 1 | 180218 | 23 |
| | Igreja de São Bento | B | | 1 | 180048 | |
| Almedina | Biblioteca Geral e Arquivo da Universidade de Coimbra | B | | 1 | 180425 | 41 |
| Almedina | Capela de Santo Antoninho ou Santo António dos Porcos | B | | 0 | 180429 | 30 |
| Almedina | Casa da Nau | E | IIP | 1 | 180042 | 19 |
| Almedina | Casa dos Alpins | B | | 1 | 180325 | 42 |
| Almedina | Casa dos Melos | E | | 1 | 180326 | 21 |
| Almedina | Casa dos Sás | E | | 1 | 180215 | 44 |
| Almedina | Colégio da Rainha Santa Isabel | B | | 3 | 180438 | 39 |
| Almedina | Colégio São Teotónio | B | | 3 | 180439 | 34 |
| Almedina | Coreto do Parque Dr. Manuel Braga | H | | 3 | 180336 | 46 |
| Almedina | Cruzeiro do Santo Cristo do Arnado | C | | 1 | 180204 | 31 |
| Almedina | Edifício do Governo Civil/Antigo Colégio de Santo António da Estrela | B | | 1 | 180401 | 25 |
| Almedina | Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / Colégio de São Paulo Apóstolo | B | | 1 | 180424 | 35 |
| Almedina | Igreja da Sé Velha | B | MN | 1 | 180005 | 36 |
| Almedina | Igreja do Antigo Colégio de Santo António da Estrela | B | IIP | 1 | 180047 | 22 |
| Almedina | Igreja e Colégio da Santíssima Trindade | B | | 1 | 180217 | 20 |
| Almedina | Igreja e Colégio de Santo António da Pedreira | B | | 1 | 180203 | 37 |
| Almedina | Igreja e Colégio de São José dos Marianos | B | | 1 | 180220 | 24 |
| Almedina | Jardim-Escola João de Deus | H | | 1 | 180426 | 27 |
| Almedina | Jardim Botânico da Universidade de Coimbra e respectiva cerca | G | IIP | 1 | 180050 | 40 |
| Almedina | Misericórdia de Coimbra/Colégio Novo, Igreja e claustro | B | MN | 1 | 180011 | 28 |
| Almedina | Paço de Sub-Ripas | D | MN | 1 | 180037 | 43 |
| Almedina | Paços da Universidade de Coimbra | B | MN | 1 | 180034 | 33 |
| Almedina | Palácio dos Grilos/Colégio Santa Rita | B | | 1 | 180323 | 18 |
| Almedina | Seminário Maior | B | | 1 | 180219 | 29 |
| Almedina | Torre de Anto | E | MN | 1 | 180038 | 26 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

Freguesia do Ameal

A freguesia do Ameal situa-se a 12 km de Coimbra, na margem esquerda do Mondego, na estrada que vai para Montemor-o-Velho, via Pereira do Campo, e no actual IC 2. Composta por 1678 habitantes, segundo os Censos de 2001, ocupa uma área de 11,25 km², distribuídos pelos lugares de Ameal, Vila Pouca do Campo e Quinta dos Cunhas.

Segundo Ferraz de Carvalho (1934), Ameal provém da contracção da palavra Amieiral, que significa lugar plantado de Amieiras. A Norte da freguesia localiza-se o sítio denominado de Cales, palavra indo-europeia pré-romana, que lança a hipótese da povoação ter origem pré-romana (Alarcão, 2004).

Esta freguesia formou-se a partir da antiga freguesia de S. Justo do Ameal, que era priorado de apresentação do prior S. Jorge, Convento dos cônegos regrantes extramuros da cidade de Coimbra. A fertilidade das suas terras verdejantes e úberes em água, fez com que elas tivessem tido sempre grandes senhorios como proprietários, como era o caso do Mosteiro de S. Jorge ou da Universidade de Coimbra que possuiu aqui alguns casais, por herança dos bens do priorado-mor crúzio.

No lugar do Ameal, a uma distância de 200 metros entre a igreja paroquial e o Cerrado das Almas, Vergílio Correia (1940), registou inúmeros vestígios de ocupação romana: cerâmica de construção e doméstica, pondera de barro, de ollae, tegulae e tijolos. Nos trabalhos arqueológicos efectuados em 1999, aquando da construção do IC2, foram recolhidos lasca de sílex e núcleo levallois, cerâmicas de construção e doméstica de época romana e medieval, fragmentos de vidro, cabo de instrumento de osso, espólio osteológico de caprídeos e bóvidos (Almeida, 1999). Durante os trabalhos de realocização realizados em 2003 pelo Gabinete de Arqueologia, Arte e História da Câmara Municipal em parceria com o IPA, foram ainda encontrados um fragmento de tegulae mamata e imbreces.

Outro local onde se verifica a presença do período romano, situa-se em Arneiros do Ameal, onde Vergílio Correia (1940), registou a existência de tegulae.

Em 1994 alunas do curso de História, variante de Arqueologia, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Marques *et al*, 1994), encontraram vestígios romanos, nomeadamente pesos de tear e tegulae, no sítio denominado de Fartamouros, situado a Sul da E.M. 605.

Assim, a freguesia apresenta vestígios desde a pré-história e actualmente regista como património de interesse cultural a Igreja Matriz de São Justo e Santo Sacramento e o seu Cruzeiro, a Capela da Senhora da Alegria, a Capela do Mártir São Sebastião, o Palácio dos Condes do Ameal com a Capela de Santo António, e o Palacete da Quinta de Vila Pouca do Campo.

Um dos sítios mais atractivos da freguesia é o encantador Monte da Senhora da Alegria, com uma vista sobranceira sobre a impressionante paisagem dos campos do Mondego.

Nomes ilustres desta aldeia são o Prior do Ameal, que deu nome a uma das torres da muralha da cidade de Coimbra. João Correia Aires de Campos, notável arqueólogo e chefe do Partido Regenerador em Coimbra, deputado, presidente da Câmara Municipal de Coimbra e Presidente do Asilo de Mendicidade de Coimbra. Seu filho, João Maria Correia Aires de Campos, 1.º Conde do Ameal. O filho deste, João de Sande de Magalhães Mexia Salema Aires de Campos, foi 2.º Conde do Ameal, foi também 1.º Visconde do Ameal, recebeu este título no mesmo dia que o pai recebia o de Conde. Desempenhou importantes cargos políticos, desde deputado em várias legislaturas até Secretário do Ministro dos Estrangeiros Venceslau Lima. Foi Presidente do Asilo de Mendicidade de Coimbra. Os Condes do Ameal, que entre outros, tinham um dos seus palácios nesta mesma aldeia, outro na Rua da Sofia (actual Palácio da Justiça), na cidade de Coimbra (Silva, 1997).

Já na segunda metade do séc. xx, nasceu também no Ameal o poeta de renome internacional João Rasteiro, que já publicou 5 livros e possui vários poemas publicados em várias revistas e antologias de Portugal, Brasil, Itália, Colômbia e Espanha e vários poemas traduzidos para o espanhol, italiano, inglês francês e finlandês. Conta também no seu palmarés com vários prémios internacionais.

Relativamente à etnografia do Ameal, ressaltam-se as actividades artesanais ligadas à cestaria. Na gastronomia destaca-se a chanfana, os peixes do rio e o arroz doce.

As principais festas realizam-se em honra de Nossa Senhora da Alegria, pelo Natal, e no mês de Junho, em honra do Senhor.

A freguesia possui duas Escolas Primárias, uma na localidade do Ameal e outra na de Vila Pouca do Campo. A nível de equipamento desportivo a freguesia tem a Associação Recreativa e Desportiva do Ameal e o Clube de Pesca do Ameal e é dotada de dois pavilhões polidesportivos. Futuramente prevê-se a construção do Centro Social Ameal Solidário no Ameal.

ANA SOFIA GERVÁSIO, CARMEN PEREIRA E RAQUEL SANTOS

Gabinete de Arqueologia, Arte e História

Câmara Municipal de Coimbra

CÂMARA MUNICIPAL

DE COLIMBRA

Levantamento do Património da Freguesia do Ameal

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|---------------------|---|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| Ameal | Capela da Senhora da Alegria | B | | 0 | 180305 | 47 |
| Ameal | Capela Santo António | B | | 3 | 180057 | 52 |
| | Palácio dos Condes do Ameal | D | | 3 | 180030 | 53 |
| Ameal | Cruzeiro da Igreja Matriz de São Justo e Santo Sacramento | C | | 2 | 180059 | 48 |
| | Igreja Matriz de São Justo e Santo Sacramento | B | | 2 | 180058 | 51 |
| Vila Pouca do Campo | Capela do Mártir de São Sebastião | B | | 3 | 180232 | 49 |
| Vila Pouca do Campo | Palacete da Quinta de Vila Pouca do Campo | D | | 3 | 180029 | 50 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

Freguesia de Antanho

A origem da povoação, crê-se que estará ligada à existência de um antigo castro romano, que estava localizado no topo norte, onde hoje se encontra o Aeródromo Bissaya Barreto. Julga-se que o povoamento se tenha realizado no séc. II ou I AC. São as ruínas de um campo fortificado a que o povo sempre chamou de “Cidade da Mata”, “Mata Velha” ou “Cidade Velha”. Estes rastros da presença romana, foram descobertos e analisados, pelo Arqueólogo e Professor da Faculdade de Letras, Dr. Virgílio Correia, entre os anos de 1906 e 1911. Foi conotado como sendo um acampamento romano temporário que mais tarde teria evoluído para uma povoação.

A Freguesia de Antanho está localizada a cerca de 4,5 km, a sudoeste da cidade de Coimbra, sendo composta pelos lugares de Antanho, Albergaria, Valongo; Cegonha e Cardenha.

Na origem do nome existem várias hipóteses, alguns estudiosos dizem que estará relacionado por ter havido variadas antas; outros atribuem a origem a “Antanhô” (diminutivo de Antão) ou a “Antanho” (que significa antigamente) ou então como Antanho dos Cavaleiros, devido à importância da presença dos Cunhas. Existem ainda mais duas hipóteses, a de que Antanho pode derivar de “Antonius” António ou ainda do latim “Antonius”.

Na parte cultural, queremos dizer que Antanho é uma terra rica em Etnografia, Etnologia e Cultura, e porque não nos podemos adiantar, vamos dar só os temas dos pontos principais:

Desde as medicinas populares, como “Tirar o Quebranto”, o “Cobrão”, os “Defumadouros”, passando pelas tradições como, por exemplo, “O Rebrantar o Judas”, os “Sítios de Medo”, o “Deitar as Pulhas ou pela música, como as famosas “Pândegas”, o festejar dos Santos Populares, as Marchas pelos vários lugares da Freguesia, muito se pode dizer acerca da riqueza cultural que Antanho tem, por isso aconselhamos a leitura da Monografia de Antanho, onde está tudo bem documentado, e por não ser possível descrever aqui tudo como de facto merece.

A vida da população de Antanho sempre esteve ligada até há bem pouco tempo à agricultura. Até as pessoas que trabalhavam no meio urbano, na sua maioria, e em parte dos seus tempos livres, de alguma maneira o aproveitavam para trabalhar a terra. Ainda hoje é um hábito que se mantém.

As principais culturas eram as do milho, da vinha, da oliveira, da batata e árvores de fruto. Para além disso, a população sempre trabalhou em fábricas locais, nomeadamente na área dos lanifícios, no comércio tradicional, como tabernas e mercearias, entre outros.

Para além disso, Antanhol também é conhecida como a terra dos Oleiros, dos Pezeiros, das Tre-moceiras, dos Ferreiros, dos Serralheiros, Carpinteiros, Calceteiros, entre outros ofícios.

Hoje em dia, a nossa terra tem uma grande diversidade, e as pessoas que aqui habitam são das mais variadas áreas profissionais, escolhendo a nossa terra para residir, devido à proximidade com Coimbra, aos bons acessos, à segurança e qualidade de vida que tentamos proporcionar às pessoas que aqui habitam. Muitas das profissões e dos hábitos que referimos anteriormente ainda se mantêm, mas, de facto, nos últimos anos muitas coisas mudaram. Temos assistido ao aparecimento de novas áreas de negócio, como oficinas de mecânica, stands e armazéns de produtos automóveis, tipografias, novos cafés, construção de novas zonas habitacionais, e finalmente, e talvez a nova alavanca para dinamizar a freguesia, a construção do I-Parque, que esperamos sinceramente seja um motor de desenvolvimento para Antanhol, para as freguesias vizinhas e para a cidade de Coimbra.

JOSÉ MANUEL NUNES FILIPE
Presidente da Junta de Freguesia

CÂMARA
MUNICIPAL
D
COIMBRA



CÂMARA MUNICIPAL D

Levantamento do Património da Freguesia de Antanhol

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|------------|--|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| Albergaria | Capela de Santo António | B | | 0 | 180359 | 54 |
| Albergaria | Capela de São Miguel | B | | 0 | 180063 | 55 |
| Antanhol | Cruzeiro | C | | 0 | 180061 | 62 |
| Antanhol | Igreja Matriz de Nossa Senhora da Alegria | B | | 2 | 180060 | 59 |
| Cegonha | Capela de São Domingos | B | | 0 | 180235 | 56 |
| Valongo | Capela de Nossa Senhora da Conceição | B | | 0 | 180234 | 61 |
| Valongo | Cruzeiro da Capela de Nossa Senhora da Conceição | C | | 0 | 180236 | 58 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

Freguesia de Antuzede

Segundo um foral do séc. xv, cujo original está guardado nos Arquivos de Santa Cruz, a grafia do lugar aparecia escrita como “Antozende”. O povoamento destas terras deverá ter sido feito em finais do séc. xi. Um dos seus primeiros proprietários foi o mercador Roberto e sua mulher Especiosa, a quem, em Fevereiro e Setembro de 1122, o colimbranus e vassalo de D. Teresa, Soeiro Pereira Guterres (e sua mulher Elvira Zacarias), compra uma propriedade que nos surge muito bem delimitada (a E – Alcarraques; a W – Rio Frio, a N – Trouxemil e a S – a água do Bolão). Esta propriedade ou herdade foi igualmente pertença de Marinha Soares, sua filha, e seu marido, que mais tarde fazem testamento (Março de 1142), ao Mosteiro de Santa Cruz. O repovoamento, necessário para a zona, e esta doação, fizeram com que o próprio Mosteiro tentasse alargar os seus domínios, aliás acobertados por Afonso Henriques e pelo Arcebispo D. Telo, fundador do Mosteiro. Outras propriedades chegam à sua posse, através de uma compra a Adozinda Gomes e a seu filho Pedro Mendes, ao que parece uma grande propriedade, possivelmente a terça parte do todo o Antuzede. Por volta de 1170, em Janeiro, uma outra propriedade é comprada a Fernão Peres. A aquisição de terras por parte do Mosteiro não abranda e recuando ao ano de 1165, foi comprada mais uma propriedade a Maria Trutuzendes e seu filho Fernando Pais, esta ficando já na periferia, em S. Facundo, que tinha sido freguesia até 1850, mas que está englobada em Antuzede. Mais tarde, esta mesma propriedade foi doada por D. João III à Companhia de Jesus e, a partir de 1733, à sua extinção, passou a pertencer à Universidade de Coimbra.

Todos estes anos foram de guerrilhas entre Santa Cruz e a Sé de Coimbra, pela posse das terras. S. Facundo teve esses problemas de pertença a uma ou a outra instituição, até que uma Inquirição emanada pelo Papa Inocêncio III, em 1200-1201, legitimou como verdadeiro possuidor o Cabido da Sé de Coimbra, no que se refere a direitos eclesiásticos, pois parece que a documentação do séc. xv coloca S. Facundo como terras pertencentes a Santa Cruz. Helena Cruz Coelho refere igualmente que “os religiosos possuíam nesta área 222,5 casais e avultado número de jeiras no Bolão. Em S. Facundo possuíam 12 casais”.

Chega-se então à conclusão que, na segunda metade do séc. XII, estes lugares eram herdade do Mosteiro de Santa Cruz, e por isso também chamada Herdade dos Frades Crúzios, ou Herdade Crúzia. O Mosteiro tinha aqui toda a sua jurisdição. “Entre outros privilégios, os caseiros do Mosteiro tinham o de não serem obrigados a pagar para a levada dos presos, nem a darem aboletamento a soldados (obrigação de alojar tropas, ou pessoas anexas ao exército, em casas particulares em virtude do Boletão, bilhete ou boletim militar ou civil, passado pela autoridade competente, e ao que devia obedecer o dono da casa). Esta sentença foi-lhes confirmada pela Relação do Porto, a 4 de Fevereiro de 1589 e 22 de Maio de 1590. “O imposto que os camponeses tinham que pagar era a chamada eirádaga, imposto de exploração da terra, que a Cidreira era fixada por trigo, centeio e cevada.

O ministrar dos sacramentos aos moradores deveria ser feito em Santa Cruz, uma vez que era a sede da paróquia e dela dependia toda a vida pastoral. O número de camponeses foi crescendo e deslocar-se à sede demorava muito tempo, a tal ponto que os fregueses fizeram uma petição para a construção de uma igreja neste lugar de Antuzede. O monumento foi construído em 1592 a expensas de Santa Cruz, no que se refere à Capela-mor, enquanto que o corpo da Igreja foi feito à custa do povo. A passagem da herdade dos Frades Crúzios para freguesia deve ter sido no ano de 1592. Parece ter ficado acordado que “em obediência à antiga paróquia os fregueses obrigavam-se três vezes no ano à Igreja de João de Santa Cruz, no dia de Corpo de Deus, no dia de Santa Cruz de Maio e no dia de S. João Batista, o que fizeram até ao séc. XVIII. O lugar de S. Facundo tem uma igreja aquele Santo, de grandes proporções, o que indica que tenha sido uma sede de paróquia, com jurisdição própria. Refira-se igualmente o diferendo que houve em relação à introdução da cultura do arroz, o que parece não ter sido fácil.

Esta cultura necessita de grandes quantidades de água, em locais próprios e pantanosos, o que favorecia o aparecimento de febres mortais. Este problema terá chegado ao conhecimento de Mitra de Coimbra e a figura do Bispo-Conde, D. Manuel Correia Bastos Pina, terá intercedido a favor dos populares. Em 1930 a freguesia contava com os seguintes lugares: Cerdeira, Geria, Póvoa do Pinheiro, Quinta do Marco, Serra, S. Facundo e as seguintes quintas: Quinta Grande, Quinta da Madre de Deus, Quinta do Outeiro, Quinta da Ponte, Quinta da Quintã e a Quinta do Seco. Situada a 6 km, da cidade de Coimbra, a freguesia de Antuzede é composta pelos lugares de Antuzede, Póvoa do Pinheiro, S. Facundo, Quinta, Cidreira, Geria, Paul e Gândara, que ocupam uma área total de 830 km². Uma das principais características da freguesia relaciona-se com o contraste da sua paisagem. Esta mostra-nos, por um lado, a parte populacional, em pequenos aglomerados populacionais e, por outro, a sua grande dispersão, sendo o espaço entre as povoações completado por área florestal e campos de cultivo.

Economicamente, a freguesia de Antuzede contou desde sempre com actividades ligadas à agricultura e à pecuária. Os seus terrenos férteis distribuem-se por duas zonas distintas: junto às linhas de água, nomeadamente ao Rio Mondego e às Valas de Ançã e Vala de Vale Travesso e Vala do Norte, nos quais se cultiva o milho e o arroz; nas encostas, cultiva-se a batata, a vinha e o olival. Tanto a oliveira como o milho terão contribuído para a existência de algumas estruturas para a produção de azeite e farinha. Sabe-se que nesta freguesia existiram vários lagares e um moinho de água, dos quais apenas resta um lagar, antigamente integrado na propriedade crúzia, hoje aproveitado para a realização de eventos sociais. A criação de gado bovino, em especial a produção de leite e a pastorícia, foram e ainda são hoje actividades com alguma importância, já que, ao longo dos tempos, foram sendo o suporte económico de muitas famílias. Actualmente, porém, e uma vez que grande parte da população está empregada em Coimbra, as actividades agrícolas e pecuárias são praticadas apenas com características de subsistência.



Levantamento do Património da Freguesia de Antuzede

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|-------------------|--|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| Antuzede | Capela de Nossa Senhora da Piedade | B | | 2 | 180178 | 67 |
| Antuzede | Igreja Matriz de Santo Agostinho | B | | 2 | 180065 | 75 |
| Campos do Bolão | Marco do Bolão | H | | 3 | 180435 | 63 |
| Cidreira | Capela de Santo António | B | | 0 | 180283 | 66 |
| Geria | Capela de Santo Adriano | B | | 2 | 180066 | 77 |
| Geria | Quinta das Janelas | E | | 0 | 180069 | 65 |
| Póvoa do Pinheiro | Capela de São Gonçalo | B | | 0 | 180282 | 71 |
| São Facundo | Alminha | C | | 0 | 180361 | 69 |
| São Facundo | Capela do Senhor do Outeiro | B | | 0 | 180086 | 72 |
| São Facundo | Casa antiga | D | | 3 | 180085 | 76 |
| São Facundo | Cruzeiro | C | | 0 | 180071 | 68 |
| São Facundo | Cruzeiro | C | | 0 | 180322 | 73 |
| São Facundo | Cruzeiro da Igreja Matriz Mártir São Sebastião | C | | 2 | 180402 | 78 |
| | Igreja Matriz Mártir São Sebastião | B | | 2 | 180070 | 74 |
| São Facundo | Quinta de São Facundo | D | | 3 | 180360 | 70 |
| São Facundo | Quinta do Meio (Casa do Regalo) | D | | 3 | 180067 | 79 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

Freguesia de Arzila

Arzila situa-se a cerca de 12 km da sede de concelho no seu extremo oeste, sendo uma das 31 Freguesias de Coimbra. É constituída pelos lugares de Arzila e Lameira de Cima. As referências históricas são escassas, mas sabe-se que o seu povoamento terá sido aquando da reconquista por Fernando Magno. Foram seus donatários os Condes de Sabugal e Óbidos. Ocupa uma área de 344,62 hectares com cerca de 1050 habitantes, 842 recenseados.

A Reserva Natural do Paul de Arzila ocupa uma área de cerca de 535 ha com 4 km de comprimento e 2,5 km de largura nos seus pontos mais afastados. A altitude varia entre os 5 e os 87 metros.

Arzila é rica em associativismo. Existem Associações desportivas, culturais, de caça e religiosas, entre as quais: Grupo Folclórico e Etnográfico de Arzila, Juventude Desportiva e Recreativa de Arzila, Clube de Caçadores, Grupo de Jovens "Os Lontras", Associação para o Desenvolvimento da Música Popular do Baixo Mondego "Fonte Nova", Associação de Música Popular e Medieval Fonte da Pipa, Grupo de Acção Sócio-Caritativa da Paróquia de Arzila, Confraria do Santíssimo Sacramento (Irmandade).

O Brasão da freguesia consiste num processo iniciado por deliberação da Junta de Freguesia a 08 de Fevereiro de 2000.

Justificação de simbologia:

Escudo — Escudo de prata

Coroa Mural — Coroa mural de prata de três torres

Listel — Listel branco, com legenda a negro "ARZILA"

Esteira — Em chefe, uma faixa de azul, carregada de uma esteira de ouro, realçada de negro. Representa o artesanato, as Feiras, o cultivo do bunho, ou seja a cultura e tradição da Freguesia de Arzila.

Cômore — Movente dos flancos um cômore de verde que representa o Paul e toda a Reserva Natural.

Rio — Brocante sobre o cômodo, duas burelas ondadas de prata e uma de azul, carregado de uma enguia de ouro. Representa as águas propícias ao desenvolvimento da flora, e a abundância de animais, em especial destaque as enguias que constituíram uma importante fonte de receitas.

Bandeira — Azul; Cordão e borlas de prata e azul; Haste e lança de ouro.

A nível de património ressalva-se a igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, a Ponte do Paço, uma placa identificativa de Arzila em azulejo, as ruínas da suposta “Igreja dos Mouros”. A freguesia tem assim os seguintes locais aprazíveis de uma visita: Igreja Paroquial, Paul de Arzila, Centro de Interpretação do Paul de Arzila, Centro Sócio-Cultural – Sede do Grupo Folclórico e Etnográfico de Arzila, sede, pavilhão e campo de futebol do Juventude Desportiva e Recreativa de Arzila, Jardim da Casa Multiusos, Túmulos das Irmãs Carmina e Joaquina Lara, que se encontram na Capela do Cemitério da Freguesia.

No âmbito económico identificam-se actividades relacionadas com a agricultura, mobiliário, construção civil, serralharia civil, oficina automóvel, pequeno comércio, transportes pesados de longo curso. Em termos etnográficos realizam-se a festa de Nossa Senhora da Conceição a 8 de Dezembro, a festa da Esteira a realizar normalmente no mês de Setembro, o festival de Folclore a realizar no mês de Maio ou Junho e a Feira Medieval. A gastronomia caracteriza-se pelos ruivacos fritos, enguias fritas com broa de milho, arroz doce, papas doces. E no artesanato existe a manufactura de esteiras com bunho e junção e cestaria de vime. A freguesia é rica em jogos tradicionais tais como: jogo da bogalhinha, jogo do frade ou Ramalho, etc. Aqui se contam algumas lendas antigas entre as quais: Lenda do Lobisomem, Lenda da Mata da Vieira, Lenda dos Mouros etc. Chegaram também aos nossos dias algumas orações e mezinhas dos nossos antepassados.

FILIPE VAZ

Presidente da Junta de Freguesia

CÂMARA
MUNICIPAL
D
COIMBRA



CÂMARA MUNICIPAL D COIMBRA

Levantamento do Património da Freguesia de Arzila

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|---------|---|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| Arzila | Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição | B | | 2 | 180097 | 84 |
| Outeiro | Igreja dos Mouros | B | | 2 | 180368 | 83 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

Freguesia de Assafarge

Assafarge é nome de ressonância árabe, que em textos antigos aparece grafada como Assafra-gea, Alçofarge e Safarge. É menos corrupto Assafargel, palavra mourisca que significa marmelo ou marmeleiro. Pertenceu antigamente ao concelho de Penela.

Os dízimos desta freguesia eram para o Cabido da Sé de Coimbra, que apresentava os vigários, os quais tinham de renda 120\$000 réis. Além dos dízimos, pagava também um sexto aos Melos, de aquém da ponte, de Coimbra. Pouco se sabe, no entanto, sobre as suas origens. As primeiras referências à povoação remontam ao séc. XII (1122), tendo recebido carta de povoamento em 1228.

Parece óbvio, todavia, que, muito antes por aqui andou o homem, estando manifestamente provada a presença dos Romanos.

Conta o professor Virgílio Correia, nas suas “Notas de Arqueologia e Etnografia do Concelho de Coimbra”: “Nos Carvalhais de Baixo, obtive um belo machado de pedra, do tipo chamado de enxó de 0,19 de comprimento, tendo como curiosidade bastante rara a metade que encabava por polir. Entre os Carvalhais de Cima e de Baixo, no monte que os separa, há cavidades irregulares na rocha a que andam ligadas lendas de mouros. Diz o povo que escavaram nelas mas não encontraram o “tesouro da moura”, que ainda lá está.”

E mais adiante, referindo-se ao espaço que compreende hoje a Estação Romana de S. Silvestre, entre Palheira e Algar: “A uns 500 metros dos Carvalhais de Cima, no caminho da Palheira, na base de um cabeço, encontra-se grande quantidade de imbrices [telhas romanas] grossas, de tipo caracterizadamente romano, e vi ainda uma mó dormente, circular; mas não lobriguei uma só tegula [telhas romanas de tipo diferente das imbrices]. A alguns metros do lugar que chamam o Algar, encontrou o dono da propriedade uma sepultura formada por um caixão de pedras, com lages por baixo, ainda com esqueleto dentro. O nome de Algar, na Beira, em especial na região de que me ocupo, significa sempre que há antiguidades no próprio lugar, ou perto”. Assafarge, que está dotada de razoáveis transportes, saneamento e outras estruturas, constitui um lugar de óptima qualidade para se viver.



CÂMARA MUNICIPAL

Levantamento do Património da Freguesia de Assafarge

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|---------------------|---|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| Abrunheira | Capela de Nossa Senhora da Ajuda | B | | 0 | 180095 | 97 |
| Abrunheira | Cruzeiro do Santo Cristo | C | | 0 | 180096 | 98 |
| Assafarge | Capela de Santo Cristo | C | | 0 | 180309 | 87 |
| Assafarge | Cruzeiro | C | | 0 | 180310 | 88 |
| Assafarge | Cruzeiro | C | | 0 | 180090 | 93 |
| Assafarge | Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição | B | | 2 | 180089 | 92 |
| Carvalhais de Baixo | Capela de Santo Amaro | B | | 3 | 180091 | 94 |
| Carvalhais de Cima | Capela de São Simão | B | | 3 | 180237 | 86 |
| Palheira | Alminha do Pinhal Borges | C | | 3 | 180370 | 99 |
| Palheira | Capela de São Silvestre | B | | 3 | 180088 | 91 |
| Palheira | Capela Nossa Senhora da Piedade | B | | 0 | 180087 | 90 |
| Vale de Cântaro | Capela de Nossa Senhora da Paz | B | | 0 | 180371 | 85 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

Freguesia de Botão

A Freguesia de Botão dista da cidade de Coimbra 12 km e ocupa um considerável espaço territorial abrangendo uma área total de 16,5 km², dos quais 2,57 km² são superfície agrícola. A área insere-se num extraordinário espaço geográfico-natural, com uma diversidade na fauna e na flora, destacando o património natural que constitui o designado “Maquis de Vale Soeiro”, conjunto rico e diversificado de espécies naturais, de especial interesse devido às características vincadamente mediterrânicas. A mata surgiu da regeneração natural, sendo pouco relevante a actividade antrópica. Ao nível do património natural uma palavra para o centenário freixo que existe na povoação do Outeiro do Botão.

Residem na freguesia aproximadamente 2500 habitantes, distribuídos pelas seguintes povoações: Botão (lugar sede da freguesia), Larçã (lugar mais populoso), Outeiro, Paço, Póvoa do Loureiro, Mata de S. Pedro e Paul.

Os registos mais antigos sobre o território actual da freguesia datam do séc. x. No ano de 976 o lugar de Larçã era doado ao Mosteiro de Lorvão. Entretanto, Coimbra perdeu-se para os mouros em 987 e, será precisamente um árabe quem, passados alguns anos venderá a sua herdade de Botão ao mesmo mosteiro em 1018. Mais de um século depois Paço terá registo documental atestado em 1141 e, muito mais tarde, nascerá a Mata de S. Pedro a partir de um pequeno conjunto de casais.

Constitui a data de 1514 um marco importante na História da Freguesia de Botão, pois D. Manuel concedeu neste ano Carta de Foral a Botão. Foi sede de um concelho de média dimensão até 1836. Larçã e Outeiro do Botão foram também pequenos concelhos. As raízes do poder concelhio de Botão perdem-se no tempo: D. Pedro confirma os privilégios do Concelho de Botão em 1357 (dado mais antigo sobre o concelho), e o mesmo fará D. João em 1428 e D. Afonso V em 1452. Tinha autonomia na jurisdição cível, dependia no crime de Coimbra e tinha os seus símbolos: Brasão, Câmara ou Casa da Vila, Cadeia, Açougue, Curral. Tinha um quadro próprio de oficiais concelhios sendo os principais, o juiz-ordinário, o procurador, o tesoureiro e o escrivão. A estes acrescia uma estrutura de cargos auxiliares, almotacés, louvados e depositários.

A Freguesia de Botão tem património de muito valor. A Igreja de Botão, desde tempos antigos da invocação do apóstolo S. Mateus como símbolo da força e da união em torno da fé. Não é uma igreja qualquer, as obras do séc. XVI deram-lhe a feição manuelina, que importantes melhoramentos posteriores a vieram enriquecer. Também no séc. XVI nasceu o chamado Paço Manuelino, localizado em Botão, defronte para a Igreja. Está hoje arruinado, mas teve noutros tempos, especialmente no tempo da Abadessa do Mosteiro de Lorvão, D. Catarina de Eça, grande imponência e beleza pelas obras de restauro e remodelação que sofre. Ainda em Botão, e logo à entrada do lugar, temos a estrutura adulterada do que foi um belo Cruzeiro Setecentista ou "cruzeiro de caminho", que apenas existia à entrada das povoações que tivessem certa importância. Está hoje coberto por uma cúpula assente em 4 pilstras. Cada povoação tem o seu espacinho de património, corporatizado nas Capelas: no Botão temos a Capela de S. Sebastião; no Outeiro a de S. Miguel; em Larçã, a Capela de S. Sebastião, e a pequena capelinha do Senhor dos Aflitos; em Paço, a Capela de Nossa Senhora da Conceição, e as Capelinhas do Sr. da Vida, e de Santo António; na Mata de S. Pedro a Capela de S. Pedro; na Póvoa do Loureiro a de Santo António; no Paul a Capela de Nossa Senhora da Lapa e a Igreja de Santa Catarina, templo ortodoxo.

Em termos religiosos Botão é sede de Paróquia e nela existem 3 Irmandades em pleno funcionamento: a de S. Mateus, de Botão; a de S. João, de Larçã, e a de Santo António na Póvoa do Loureiro.

A maior personalidade da freguesia foi Frei Francisco de Santo Agostinho de Macedo. Nasceu a 1 de Maio de 1596 em Botão. Pertenceu aos Franciscanos, foi notável pregador e confesso anticastelhano. Agente secreto de D. João IV foi por ele nomeado, em 1650, Cronista-Latino do Reino. Tornou-se Conselheiro de D. Ana de Áustria e em 1652 o reino português nomeou-o embaixador em Inglaterra.

Ao longo dos tempos, e entre os recursos económicos da zona, a exploração da Mata de Botão para madeira e cortiça, a exploração da mineralogia e a pedra calcária despertaram particulares atenções. Actualmente existe uma exploração direccionada para o pinheiro e o eucalipto. A nível de agricultura o vinho, o cereal e a azeitona são a trilogia da produção agrária da zona, já em 1758 se dizia que o azeite "no seo genero he do melhor do reino".

A freguesia em termos sociais dispõe de alguns equipamentos básicos: farmácia, posto médico, escolas primárias, caixa multibanco, ATL.

Entre as várias associações da freguesia merece especial destaque o Centro Social, Cultural e Recreativo de Botão (CSCRB), data de 10 de Abril de 1991, promove social, cultural e recreativamente a comunidade. Dá apoio aos mais carenciados, sejam eles idosos ou jovens. É IPSS desde 1999 e tem como grande projecto a construção do Centro de Dia e respectivas valências.

Botão: uma freguesia com história, que tem procurado desenvolver-se, acompanhando os tempos modernos, preservando o passado. Uma freguesia à espera de todos quantos a queiram visitar, pois é possuidora, para além de seu património, de uma maior riqueza que são as pessoas, que tão bem sabem receber. Possui grandes qualidades de vida e ambiental, onde dá gosto viver.

Cá esperamos por todos vós e um até sempre.



JÚLIO RETROZ

Presidente da Junta de Freguesia



Levantamento do Património da Freguesia do Botão

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|-------------------|--------------------------------------|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| Botão | Capela de São Sebastião | B | | 0 | 180367 | 114 |
| Botão | Cruzeiro de Santo Cristo | C | | 0 | 180099 | 106 |
| Botão | Fontanário do Botão | F | | 0 | 180100 | 107 |
| Botão | Igreja Matriz de São Mateus | B | | 2 | 180098 | 105 |
| Botão | Paço Abacial do Botão | D | | 3 | 180102 | 100 |
| Larçã | Capela de São Sebastião | B | | 0 | 180268 | 113 |
| Larçã | Capela do Senhor dos Aflitos | B | | 0 | 180366 | 111 |
| Mata de São Pedro | Capela de São Pedro | B | | 0 | 180285 | 116 |
| Outeiro do Botão | Capela de São Miguel | B | | 0 | 180267 | 115 |
| Outeiro do Botão | Cruzeiro | C | | 0 | 180365 | 109 |
| Paço | Capela da Nossa Senhora da Conceição | B | | 3 | 180403 | 101 |
| Paço | Capela da Senhora da Vida | B | | 0 | 180364 | 103 |
| Paço | Capela de Santo António | B | | 0 | 180269 | 112 |
| Paul | Capela da Senhora da Lapa | B | | 0 | 180362 | 104 |
| Paul | Igreja de Santa Catarina | B | | 0 | 180363 | 102 |
| Póvoa do Loureiro | Capela de Santo António | B | | 0 | 180270 | 110 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

Freguesia de Brasfemes

A ideia de preservar o património deve constituir uma causa. Para que esta se propague, é essencial que as instituições (governamentais, museus, organizações de defesa do património, centros de investigação, municípios e freguesias, entre outros), empreendam a defesa e a divulgação do património edificado.

Às freguesias, como a de Brasfemes, colocam-se cada vez mais desafios. Um dos maiores reptos é acompanhar as transformações do tecido socioeconómico da freguesia, defendendo as características que a identificam, e, ao mesmo tempo, promovendo um conjunto de estratégias que sejam capazes de tornar sustentável o desenvolvimento à nossa escala, mas também preservar o património edificado, que de alguma forma recolhe, salvaguarda e assegura a história desta comunidade.

Os nossos antepassados construíram o património que nesta obra se mostra. Dificilmente conceberiam que, mais tarde, este seria alvo de interesse, ou, que os valores do património edificado teriam, um dia, um valor universal.

Podemos imaginar o sofrimento das mãos que cinzelavam a pedra arrancada das entranhas da Serra do Ilhastro, talvez chorando a sua sensibilidade, sonhando até, que a sua habilidade estaria em todos cantos e recantos da sua e de outras freguesias, arte/trabalho/produto que constituiria o orgulho do seu povo, afirmar/testemunhar a nobreza da sua história e um símbolo das suas venturas e desventuras. Ao percorrer a freguesia verificamos o encontro do passado com o futuro.

Cruzamo-nos com os rostos de artesãos que arquitectam com suas mãos a arte.

A presença de antepassados que falam e ensinam a humildade do saber moldar elementos da natureza, de mãos calejadas e sensíveis que, habilmente, construíram, adornaram e valorizaram a sua terra.

Ao longo das ruas, vielas e caminhos, descobrimos o talento, a subtileza de um quadro floral, bem como de seguida, a rudeza de uma pia ou, pouco depois, a elegância de uma janela.

Ao percorrer a freguesia de Brasfemes, encontramos arte, arte nos varandins em ferro trabalhado, forte e gracioso, arte nas janelas em cantaria, arte nos jardins...

É com arte que os Brasfemenses se despedem dos seus entes queridos, tornando-se o símbolo máximo do trabalhar a pedra, todo o conjunto escultórico existente no seu cemitério.

Compete-nos, a todos, saber transmitir a História de quem lutou, desbravou, talhou com as suas mãos rudes, objectos de uma dimensão que, hoje, nos deslumbram e emocionam, nos transmitem a identidade que realmente somos.

Estejamos atentos.

Venham conhecer Brasfemes!

ARMÉNIO FERRAZ
Presidente da Junta de Freguesia

CÂMARA
MUNICIPAL
D
COIMBRA



CÂMARA MUNICIPAL

COIMBRA

Levantamento do Património da Freguesia de Brasfemes

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|--------------------|---|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| Brasfemes | Alminha do Purgatório | C | | 0 | 180440 | 123 |
| Brasfemes | Capela de Santo António | B | | 0 | 180404 | 122 |
| Brasfemes | Cruzeiro | C | | 0 | 180104 | 124 |
| Brasfemes | Igreja Matriz de São João Baptista | B | | 2 | 180103 | 121 |
| Sincera | Capela de Nossa Senhora do Parto | B | | 3 | 180265 | 119 |
| Vilarinho | Chafariz de Santo António | F | | 0 | 180369 | 118 |
| Vilarinho de Baixo | Capela Nossa Senhora da Piedade (Antiga) | B | | 3 | 180315 | 125 |
| Vilarinho de Cima | Capela de Nossa Senhora da Piedade (Nova) | B | | 0 | 180264 | 117 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

Freguesia de Castelo Viegas

Possuindo uma área de 7,5 km², com os lugares de Conraria, Casal S. João, Vale de Cabras, Pereiros e Castelo Viegas, a freguesia possui uma população a rondar os 2000 habitantes, estando recenseados cerca de 1500. Freguesia de média dimensão, possui um património histórico e natural acima da média, superando muito, outras de dimensão superior. A sua actividade económica estende-se pela área agrícola com vinha, produtos hortícolas e frutícolas, milho, olival e pecuária (gado suíno e bovino), indústria de madeira, viveiros e serviços (comércio essencial à vida das pessoas), uma boa rede de educação e saúde.

O seu património histórico é valioso, onde se encontram, Igreja Matriz de Castelo Viegas; Convento de São Jorge de Milreus (hoje a funcionar como Escola Superior Universidade Vasco da Gama); Capela de São Pedro; Cruzeiro do Santo Cristo; Cruzeiro “Cruz de Celas” original; Capela de Santa Luzia; Capela de Nossa Senhora da Natividade; Capela de São João; Capela e Quinta da Conraria (hoje a funcionar como APCC—Associação de Paralisia Cerebral de Coimbra); Quinta do Carmo (permanece lá o Instituto do Emprego e Formação Profissional de Coimbra) e o Hospital Sobral Cid, hoje transformado em Centro Hospital Psiquiátrico. De relevo ondulado, possui um clima temperado mediterrânico e por ele se estendem colinas e vales. Estas características deram lugar à criação de quintas ainda hoje bem cuidadas e exploradas de forma sustentável, são exemplo: a Quinta da Conraria, do Carmo, de São Jorge, Cavada, Urgeiriça, Paço, Fonte de Canas, Albanês, São Bernardo, Peneireiro e Santo António. Esta morfologia permite aos visitantes, a partir de pontos mais altos, desfrutar de belíssimas paisagens, com realce para aquelas em que Coimbra e o seu Mondego são vistos de uma forma única. Freguesia com bastante água natural, possui grande número de fontes recentemente restauradas, de grande valor histórico, a saber: fonte da Conraria; Cavalariça; Paço; Fundo do Ribeiro; Vale de Cabras; Santa Luzia e Pereiros de Baixo, denominada de Fonte da Bica. A cultura, desporto e lazer vai por aqui resistindo graças à existência de associações socioculturais distribuídas pelos lugares da freguesia: Associação da Conraria; Castelo Viegas; Pereiros e Casal São João. No plano gastronómico, a sua população orgulha-se da chanfana, negalhos, ossos, papas

laberças, sopa da noiva, arroz doce e bolos de abóbora. O seu artesanato assenta essencialmente em teares manuais. Dadas as características da freguesia, as zonas para edificação são poucas, o que leva os “filhos da terra” a procurar outras paragens. A contrastar com esta situação, há uma grande procura de terrenos por pessoas a trabalhar em Coimbra que aqui edificam as suas vivendas de construção, gama alta. Os lugares de oferta são os Pereiros e Casal São João, únicos aprovados para tal e com vistas privilegiadas.

A aprovação da revisão do PDM virá a estender um pouco mais as zonas de construção, mas de uma forma muito sustentada, afim de não se alterarem as características da freguesia, tão importante no *modus vivendi* da sua população.

Relativamente às infra-estruturas, a freguesia conheceu ultimamente grande desenvolvimento, possuindo hoje rede de saneamento básico a 90%, água canalizada, recolha de lixo, transportes públicos, distribuição de correio, posto de correio, multibanco, farmácia, posto de saúde, restauração, talho, minimercados, loja de ferragens, cabeleireiro, ramo automóvel, creches, jardins-de-infância, serração de madeiras, carpintaria, climatização e subestação da REN.

É bom viver na freguesia de Castelo Viegas, as suas gentes sabem receber bem.
Visite-nos.

CARLOS ALBERTO FERREIRA
Presidente da Junta de Freguesia

CÂMARA
MUNICIPAL
D
COIMBRA

CÂMARA MUNICIPAL

Levantamento do Património da Freguesia de Castelo Viegas

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|---------------------|---------------------------------------|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| Casal de São João | Capela de São João | B | | 0 | 180238 | 127 |
| Castelo de Viegas | Capela de São Pedro | B | | 3 | 180107 | 133 |
| Castelo de Viegas | Cruzeiro | C | | 0 | 180335 | 130 |
| Castelo de Viegas | Cruzeiro de Santo Cristo | C | | 0 | 180106 | 132 |
| Castelo de Viegas | Igreja Matriz de Santo Estêvão | B | IIP | 1 | 180083 | 128 |
| Conraria | Capela de Nossa Senhora da Natividade | D | | 0 | 180109 | 135 |
| | Quinta da Conraria | D | | 0 | 180105 | 131 |
| Pereiros | Capela de Santa Luzia | B | | 3 | 180108 | 134 |
| Quinta de São Jorge | Convento de São Jorge de Milreus | B | IIP | 1 | 180018 | 126 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

Freguesia de Ceira

Preservar e transmitir aos vindouros todo o nosso passado é uma das nossas responsabilidades. Ceira tem uma longa tradição histórica e tal como hoje já no tempo dos Romanos, a povoação e o rio tinham o mesmo nome, CELIUM ou CELIA, que, séculos depois aparece com a grafia SEYRA evoluindo posteriormente para Ceira.

Foi doada, por D. Afonso Henriques em Setembro de 1180, ao Chanceler D. Julião Pais que a povoou. Na carta de doação descrevem-se as confrontações que coincidem sensivelmente com as actuais. Esta carta foi confirmada por D. Sancho I e D. Afonso II. D. Julião Pais, no séc. XIII aumenta o seu património na região, adquirindo terras no Porto de Ceira.

Diz a tradição local que antes do assoreamento do rio Ceira, o lugar constituía um importante porto fluvial, vindo barcos da Figueira da Foz pelo Mondego, descarregar mercadorias a um cais de que ainda existem vestígios, junto às Barreiras do Campo. Tudo quanto constituía a antiga povoação ribeirinha ficou soterrada pelos aluviões do rio. Ceira teve foral atribuído por D. Manuel I em 12 de Março de 1514. No séc. XVII Ceira era significativamente importante como apoio aos viajantes. No ano de 1623, no livro de Registo de Obrigações, encontram-se inscritos 4 estalajadeiros, um dos quais bastante importante, a avaliar pelas respectivas obrigações: dar de comer e beber, palha, agasalhar cavalgadas e esteiras.

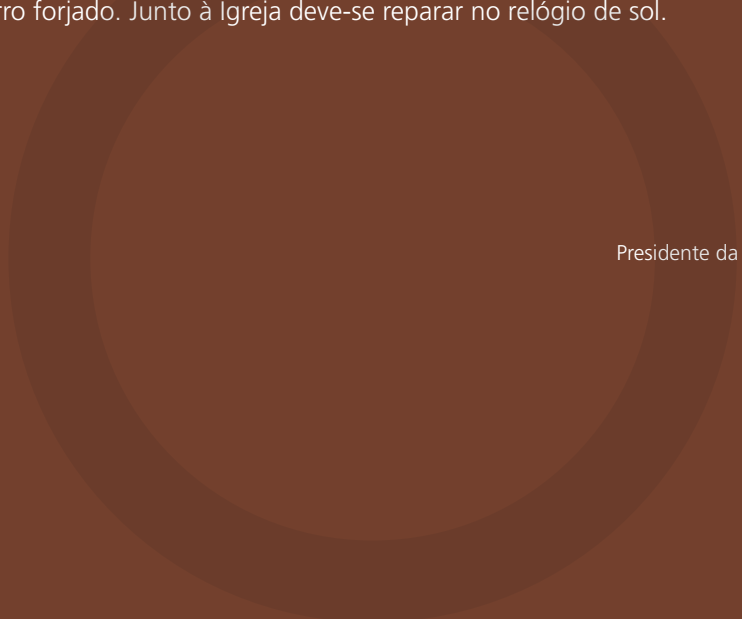
Com as reformas de Passos Manuel, no reinado de D. Maria II, Ceira deixou de ser concelho passando a ser uma freguesia de Coimbra. Relativamente ao património edificado com interesse cultural é essencialmente religioso. A Igreja de Ceira, erguida em 1889, é dedicada a nossa Senhora da Assunção. Ampla, abrindo-se na nave duas capelas fronteiras, possui quatro altares do séc. XVII.

O retábulo principal é em talha dourada, com colunas e arcos torcidos. Conserva algumas imagens de pedra e de tamanho médio, do séc. XV, vindas da antiga igreja, como: S. Brás com o menino ajoelhado, S. Sebastião e Nossa Senhora com Jesus morto.

A capela de Santo Cristo foi, inicialmente, um templete de quatro colunas dóricas, sustentando uma cúpula que protegia o cruzeiro central. Esta coluna central foi transportada para o fundo da

capela e encimada por um crucifixo do séc. XVIII barroco. Ao lado pode ver-se a imagem de Nossa Senhora do Bom Leite, do final do séc. XV, muito venerada. As restantes Capelas da freguesia possuem um vasto e valioso património iconográfico e existem em todos os lugares.

Da arquitectura civil realçamos a fonte do Senhor do Horto, com um retábulo esculpido em pedra de Ançã, de finais do séc. XVI, no lugar do Sobral e algumas casas mais abastadas, com excelentes trabalhos em ferro forjado. Junto à Igreja deve-se reparar no relógio de sol.



José Luís Vicente
Presidente da Junta de Freguesia

CÂMARA
MUNICIPAL
D
COIMBRA



CÂMARA MUNICIPAL

Levantamento do Património da Freguesia de Ceira

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|-----------------|---|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| Boiça | Capela de São Simão | B | | 0 | 180252 | 145 |
| Cabouco | Capela da Nossa Senhora da Saúde | B | | 0 | 180255 | 146 |
| Cabouco | Capela de Santa Luzia | B | | 3 | 180373 | 143 |
| Carvalho | Capela de Nossa Senhora das Preces | B | | 2 | 180356 | 136 |
| Ceira | Capela do Santo Cristo | C | | 0 | 180112 | 139 |
| Ceira | Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção | B | | 3 | 180111 | 138 |
| Lagoas | Capela de Nossa Senhora de Lurdes | B | | 0 | 180254 | 141 |
| São Frutuoso | Alminha e Nascente | C | | 0 | 180406 | 149 |
| São Frutuoso | Capela de Nossa Senhora dos Milagres ou de São Frutuoso | B | | 0 | 180256 | 144 |
| São Frutuoso | Igreja de São Frutuoso | B | | 0 | 180372 | 142 |
| Sobral de Ceira | Capela de Nossa Senhora da Conceição | B | | 3 | 180251 | 147 |
| Tapada | Capela de São Gonçalo | B | | 0 | 180464 | 446 |
| Vendas de Ceira | Capela Nossa Senhora da Graça | B | | 0 | 180405 | 148 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

Freguesia de Cernache

Situada no extremo sudoeste do concelho, do que é a segunda maior freguesia, dista oito quilómetros do seu concelho e distrito — COIMBRA. Possui uma área geográfica de 19,55 km² com aproximadamente 6000 habitantes.

De solos férteis, a que não é estranha a abundância de água, surgem, na área geográfica da freguesia, as nascentes de Feteira, do Olho Marinho, de Salviegas, de Vila Nova e do Rifano que formam a ribeira de Cernache cujas águas escorrem para o Mondego. Apesar da suavidade do declive aqui se instalaram, desde tempos muito remotos, vários moinhos e lagares de azeite que aproveitando a força motriz da água laboravam dia e noite, sendo os primeiros, pela continuidade da laboração, uma característica da terra até há bem pouco tempo. A água que alimentava os campos era, por vezes, a mesma que fazia girar rodízios e azenhas.

Numerosos vestígios atestam a presença dos povos hispano-romanos na freguesia, mas é com a fixação da capital em Coimbra, no reinado de D. Afonso Henriques, que se inicia o desenvolvimento da povoação, ao tempo, graças às influências dos mosteiros dos cónegos regrantes de Santo Agostinho e de Celas, que aqui possuíam extensas propriedades. Desse tempo, restam alguns rodízios na ribeira de Cernache e seus inúmeros pequenos afluentes, a testemunhar a importância de tal actividade no passado. Na verdade, grande parte dos cereais consumidos em Coimbra foi durante séculos farinada pelos moleiros desta freguesia, que cobravam uma certa maquia estabelecida pela Câmara da cidade.

Cernache foi concelho, com Câmara e todos os funcionários administrativos e judiciais necessários, chamando-se então Cernache dos Alhos, pela abundância e boa qualidade destas liliáceas que os seus campos férteis produziam. Ainda hoje é daqui que sai também a maior parte da cebola que se vende enrestiada nas feiras de S. Bartolomeu em Coimbra ou nas de Soure e Montemor.

Elevada a vila em 1420, por carta de D. João I, que entregou o senhorio a seu filho D. Pedro, duque de Coimbra, Cernache recebeu mais tarde o seu foral, concedido por D. Manuel I, em 15 de Setembro de 1514, mercê que o decreto de 6 de Novembro de 1836 suprimiu.

Da sua história ressaltam, ainda, os donatários ilustres. Assim, no séc. XVI, foi de Gonçalo Nunes Barreto, a quem D. Fernando concedeu a jurisdição civil, em 1376. O infante regente D. Pedro doou a povoação, juntamente com Almalaguês e Sobreiro, a Guilherme Arnao, fidalgo inglês vindo no séquito da rainha D. Filipa, como mordomo. Muito ligado ao infante, morreu com ele na batalha de Alfarrobeira. Dele descendem os Arnaut.

A sede da freguesia, que começou a estender-se ao longo da Estrada Nacional n.º 1, esteve desde tempos muito antigos ligada a Coimbra. Nas imediações passava a estrada romana de Lisboa a Braga, e os peregrinos chegavam a esta vila, onde Álvaro Anes de Cernache fundara um hospital e uma albergaria especialmente para os acolher. Sobre esta escreveu Giovanni Confalonieri, em 1594: “Tem uma hospedaria bem cuidada, com serviço de pratos, por certo parecido com Itália.”

À entrada de Cernache, assinalada por um torreão de gosto romântico, fica a antiga Quinta dos Condes de Esperança, com o seu parque agradabilíssimo de grutas e altos plátanos, que já teve fama de ser uma das melhores do País. Foi adquirida pela Companhia de Jesus, que ali instalou um bem apetrechado Colégio dirigido pelos padres Jesuítas.

A Igreja Matriz testemunha o passado histórico da vila, apresentando vestígios dos sécs. XIII ao XVIII, através das sucessivas remodelações. Na capela do Santíssimo, a merecer a maior atenção é o famoso Relevo de Alabastro de Nottingham, considerada a mais bela escultura de todas quantas se fizeram em Inglaterra no séc. XIV. Representa a Coroação da Virgem e terá vindo para Portugal com o séquito de D. Filipa de Lencastre, pela mão de Guilherme Arnao, senhor da povoação.

Falar dos moinhos de Cernache é antes de mais falar num inestimável valor patrimonial de todos, e sobretudo, numa aposta que tem assim a ver, não só com a recuperação de um importante património da Freguesia, mas também com a preservação de uma herança cultural que deve ser transmitida de geração em geração.

A nível gastronómico a freguesia apresenta a “Chanfana” de carne de borrego, as “Escarapeadas”, um doce feito de massa de pão, e o “Bolo da Festa” de Nossa Senhora dos Milagres, que apenas sendo feito na época das Festas, é uma tradição ancestral.

Embora neste momento, grande parte dos habitantes da Freguesia não tenham nascido nela, a vontade e determinação que sempre caracterizou as nossas gentes, tem sido transportada para os novos habitantes, fazendo com que a Freguesia continue com o seu crescimento, de uma forma correcta e sustentável, de modo a que Cernache se torne um local ainda mais aprazível para se viver.

MARCO PAULO CRUZ

Funcionário da Junta de Freguesia de Cernache

Licenciado em História pela FLUC



Levantamento do Património da Freguesia de Cernache

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|--------------|---------------------------------------|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| Casa Telhada | Capela de São Martinho | B | | 0 | 180244 | 150 |
| Casconha | Capela de São Tomé | B | | 0 | 180307 | 161 |
| Cernache | Capela de São Lourenço | B | | 0 | 180306 | 163 |
| Cernache | Igreja de Nossa Senhora da Assunção | B | EVC | 1 | 180020 | 158 |
| Cernache | Quinta dos Padres | D | | 0 | 180289 | 159 |
| Feteira | Capela de Nossa Senhora da Conceição | B | | 0 | 180308 | 160 |
| Loureiro | Capela de Nossa Senhora das Neves | B | | 3 | 180114 | 155 |
| Orelhudo | Capela de São Vicente | B | | 0 | 180240 | 153 |
| Picoto | Capela de Santo António | B | | 0 | 180442 | 162 |
| Pousada | Capela de São Pedro | B | | 0 | 180242 | 152 |
| Telhadela | Capela de São Domingos | B | | 0 | 180243 | 154 |
| Vila Nova | Capela de São João | B | | 0 | 180241 | 157 |
| Vila Pouca | Capela de Santa Luzia e Santo António | B | | 3 | 180239 | 151 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

Freguesia de Eiras

Eiras é uma freguesia do concelho de Coimbra, cujas origens remontam ao séc. x da nossa era. O seu património edificado existente, com interesse cultural, é diverso e foi construído a partir do séc. xvi. A motivação religiosa está presente na maior parte deste património, mas também pontuam outras razões, como sejam as comunicações (pontes), e a qualidade de vida das populações (fontes e minas de água). Sabemos que, ao longo dos séculos, muitas edificações desapareceram, como por exemplo a antiga Igreja Matriz, no Passal, a Capela de S. Domingos no monte com o mesmo nome, e a Capela de Santa Catarina na Quinta do Paço. Resta, no entanto, um conjunto de edifícios, que representam a importância que Eiras teve e tem, no contexto da região onde está inserida. O Terreiro da Fonte, no centro da localidade sede da Freguesia, contém a parte mais importante destas edificações, com a monumental Igreja Matriz, a Fonte de D. João V e a Igreja do Santíssimo Sacramento ou do Espírito Santo.

Estes monumentos justificam, só por si, uma visita demorada, tão valiosos são os pormenores da sua construção. A Fonte é um dos melhores exemplares existentes na região, da Arquitectura do séc. xviii, aplicada na construção de chafarizes públicos. As igrejas associam a grandiosidade à singeleza e à beleza das imagens, altares e ornamentos existentes no seu interior. A Igreja Matriz domina o Terreiro, com as suas duas torres monumentais, o átrio e o frontão. A Igreja do Sacramento remata pelo poente este magnífico conjunto arquitectónico, pouco vulgar, mesmo em localidades de dimensão geográfica superior à de Eiras.

Saindo daqui, o visitante pode deslocar-se a pouco mais de 100 metros, encontrar a Capela do Cristo, na rua com o mesmo nome, e visualizar a despretensiosa construção, bem como a bela imagem de S. Pedro, cuja autoria é atribuída à oficina de João de Ruão. Dirigindo-se aos Casais de Eiras, passando de novo pelo Terreiro da Fonte, encontra-se logo a 50 metros a Ponte de dois arcos em pedra, sob a Ribeira de Eiras, também datada do séc. xviii. Já nos Casais de Eiras, no sítio do Escravote, pode ser apreciada a Fonte do mesmo nome, inserida em paisagem bucólica e repousante, do Parque de Lazer junto à Ribeira de Eiras. Deixando a localidade de Eiras, o visitante pode dirigir-se ao

Loreto, no extremo poente da freguesia, e visitar a Capela de Nossa Senhora do Loreto, de arquitetura maneirista situada no centro desta localidade, e precedida, junto à antiga estrada real, de um nicho religioso, dedicado a Nossa Senhora da Guia. Mas para o visitante interessado, poderão surgir outros motivos de interesse durante a sua permanência na freguesia. Alguns destes locais estão infelizmente degradados e/ou com difíceis acessos, no entanto, aqui deixo alguns dos seus nomes: casas de habitação antigas no centro histórico de Eiras, antiga casa da Quinta da Ribeira, no Bairro de Santa Apolónia, as mães de água da Fonte de Eiras no Gingil, Azenhas de Rodas no Lagar das Laranjeiras, o antigo Moinho de Vento, no monte S. Domingos, a Mina de Santa Catarina na Mata do mesmo nome, a Cruz da Costa e Cruz Nova, o Arco Pintado, etc.

JOSÉ PASSEIRO

Presidente da Junta de Freguesia

CÂMARA
MUNICIPAL
D
COIMBRA



Levantamento do Património da Freguesia de Eiras

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|--------|-----------------------------------|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| Eiras | Aro em pedra – Quinta do Paço | E | | 3 | 180407 | 169 |
| Eiras | Capela de Nossa Senhora do Loreto | B | | 2 | 180121 | 174 |
| Eiras | Capela de Santo Cristo | B | | 3 | 180119 | 172 |
| Eiras | Capela do Espírito Santo | B | IIM | 1 | 180055 | 165 |
| Eiras | Casa antiga | E | | 3 | 180182 | 167 |
| Eiras | Casa antiga | E | | 3 | 180120 | 173 |
| Eiras | Casa antiga – Quinta do Carmo | E | | 0 | 180124 | 176 |
| Eiras | Casas antigas no Arco Pintado | E | | 3 | 180123 | 175 |
| Eiras | Chafariz de São João | F | | 3 | 180118 | 177 |
| Eiras | Cruzeiro | C | | 0 | 180375 | 164 |
| Eiras | Igreja Matriz de São Tiago | B | | 2 | 180117 | 170 |
| Loreto | Ponte | H | | 3 | 180125 | 171 |
| Loreto | Quinta dos Jesuítas | D | | 0 | 180430 | 166 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

Freguesia de Lamarosa

Situada no extremo Oeste do concelho, na margem direita do rio Mondego, dista cerca de catorze quilómetros da cidade de Coimbra. Sobranceira, pelo Sul, aos verdes campos do Baixo Mondego e a jusante deste daqui podem ver-se recortadas no horizonte as serras da Lousã, Sicó e Açor, a Norte confronta com os domínios das gândaras bairradinas.

O topónimo principal desta freguesia deriva do nome comum “Lamarosa”, com o sentido de “cheia de lama”, tratando-se de uma referência às características do local na altura da atribuição do topónimo.

Lamarosa foi uma vigararia da apresentação do duque de Lafões. Pertenceu ao concelho de Tentúgal, extinto em 31 de Dezembro de 1853.

Esta gravitação na poderosa esfera de influência de Tentúgal — de grande esplendor histórico, administrativo e arquitectónico — fez com que Lamarosa vivesse um longo sono letárgico, de que só agora, com um certo desenvolvimento socioeconómico e cultural, parece despertar completamente. Os testemunhos históricos não são por isso abundantes. Ainda assim, merece um registo especial a nossa igreja matriz dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Construção datada de 1740, foi erguida a meio caminho entre Ardazubre e Lamarosa. É sede de festa religiosa e secular no dia 8 de Dezembro. Possui ainda a capela de Santo António, no lugar de Vera Cruz, a capela de Nossa Senhora de Fátima, em Vila Verde e a capela do Mártir S. Sebastião, em Andorinha.

Podem ainda encontrar-se duas ermidas: uma perdida entre frondosos pinheirais, nas imediações de Casais Figueiras (em honra de Nossa Senhora do Bom Despacho), mini construção de uma simplicidade extrema e enternecedora, cuja titular tem sido nos últimos anos venerada pelas gentes locais, que lhe tributam festa no dia da Ascensão, e, também, a Ermida Azul, em Lamarosa, implantada em quinta particular que lhe deu o nome.

Em adiantado estado de degradação estão a Capela de Nossa Senhora do Carmo, cuja imagem consta ter sido levada, em tempos idos, por gentes da vizinhança, e a ponte a que chamam romana, a escassos metros da capela e sobre o ribeiro de Vera Cruz. Esta ponte integrava a Estrada Real e

por ela deverão ter passado os verdugos de Inês de Castro, uma vez que pernoitaram no Castelo de Montemor-o-Velho na véspera do crime.

Este capítulo poderá ser encerrado com dois cruzeiros de construção recente e um pelourinho cuja edificação deverá ser anterior à da igreja matriz.

A agricultura, o comércio e a indústria são as actividades base da economia local; contudo, noutros tempos, a cantaria deteve grande importância económica, embora actualmente seja apenas representada através do artesanato. Pois, um dos orgulhos da freguesia são os seus mestres canteiros, de Casais de Vera Cruz e Andorinha. Assim, das suas mãos fortes e hábeis continuam a sair obras de arte que se espalham pelo País e pelo estrangeiro.

LINO TROVÃO

Presidente da Junta de Freguesia

CÂMARA
MUNICIPAL
D
COIMBRA



Levantamento do Património da Freguesia de Lamarosa

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|-----------------------|---|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| Andorinha | Capela de São Sebastião | B | | 3 | 180288 | 181 |
| Andorinha | Fonte | F | | 0 | 180409 | 183 |
| Ardezubre | Cruzeiro | C | | 0 | 180312 | 192 |
| Casa da Lamarosa | Capela do Nosso Senhor dos Aflitos | B | | 0 | 180180 | 187 |
| | Quinta da Lamarosa | D | | 0 | 180129 | 180 |
| Casais de Figueira | Forno | H | | 0 | 180410 | 184 |
| Casais de Vera Cruz | Alminha | C | | 0 | 180311 | 193 |
| Casais de Vera Cruz | Capela de Santo António | B | | 0 | 180287 | 190 |
| Casais de Vera Cruz | Cruzeiro | C | | 0 | 180130 | 179 |
| Ermida Casal Figueira | Capela de Nossa Senhora do Bom Despacho | B | | 0 | 180127 | 189 |
| Lamarosa | Capela da Senhora do Carmo | B | | 3 | 180357 | 188 |
| Lamarosa | Fontanário da Lamarosa | F | | 0 | 180408 | 182 |
| Lamarosa | Igreja Matriz de Santo Varão | B | | 2 | 180128 | 185 |
| Vila Verde | Capela de São João Baptista | B | | 0 | 180286 | 191 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

Freguesia de Ribeira de Frades

Por doação de D. Afonso Henriques, o Mosteiro de Santa Cruz recebe as terras que hoje constituem a freguesia de Ribeira de Frades. Esta doação levou a que se estabelecessem indissolúveis laços históricos entre os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho e a população local, contribuindo, inclusivamente, para o actual nome da povoação.

Ribeira de Frades era terra essencialmente agrícola, que atraía os Cónegos, pela abundância dos seus frutos, legumes e cereais que, cultivados com técnicas de tradição romana, eram a base de sustentação do Mosteiro Crúzio. Foi, efectivamente, o Mosteiro de Santa Cruz e as frequentes visitas dos seus membros que ajudaram ao desenvolvimento cultural e populacional da freguesia. Da mesma forma é aos Regrantes que se deve algum do património construído da Ribeira de Frades, nomeadamente as residências e casas de trabalho, das quais ainda era visível, até há pouco tempo, o designado “Celeiro dos Frades”, no qual se podiam admirar grandes talhas de azeite, agora em propriedade particular. Esta vivência originou frequentes visitas canónicas, que tinham como finalidade apreciar o trabalho desenvolvido pela comunidade religiosa, que daí recebia os seus dividendos. A visita dos Cónegos regrantes a Ribeira de Frades está na origem de uma tradição que ainda hoje se mantém — a Romaria de Nossa Senhora da Nazaré.

Ancestralmente era o Superior do Mosteiro quem mandava fazer uma festa, que era o orgulho e alegria de todos. Os festejos caracterizavam-se por duas vertentes, uma de doutrina e cultura e outra, digamos de carácter mais terreno, traduzida pela partilha de um Bodo. A tradição da Partilha do Bodo, que era basicamente composto por chanfana, passou a realizar-se de forma sistemática no dia 15 de Agosto (dia da Assunção — cujo culto se difundiu fortemente devido ao estudo do Dogma da Assunção, realizado com especial relevo na Faculdade de Teologia de Coimbra e que muito terá contribuído para a devoção a Nossa Senhora da Nazaré).

Durante os reinados de D. José I e de D. Maria, várias famílias nobres decidiram fixar residência em Ribeira de Frades, nomeadamente as Casas de Réris, Maris, o Visconde e Marquês de Taveiro e

ainda a Marquesa de Tentúgal, que passaram a estender os seus senhorios a esta região. Aquando do reinado de D. Maria II, devido ao constante assoreamento do Rio Mondego, registaram-se grandes modificações no seu leito, que tiveram como consequência o melhoramento da agricultura local, já que as terras da margem direita se tornaram mais férteis e produtivas.

A vizinhança do rio e demais condições naturais possibilitaram a existência de um próspero porto fluvial, onde aportavam grande número de barcas serranas. Era também através deste porto que se escoavam os produtos locais, essencialmente agrícolas, e por onde chegavam várias mercadorias, como o sal, vindo da Figueira da Foz, e a madeira, da zona de Penacova, usada para a construção e para alimentar os fornos das fábricas de cerâmica existentes na localidade.

Distando cerca de 6 km da cidade de Coimbra, a freguesia de Ribeira de Frades ocupa aproximadamente 600 hectares, na margem esquerda do Rio Mondego, e faz parte de uma vasta área geomorfológica de Portugal Continental conhecida como Orla Meso-Cenozóica Ocidental, que por sua vez entra em contacto com o Maçico Antigo, que passa em Coimbra (Tovim) e se estende até Espinho e Tomar.

Os depósitos pliocénicos grosseiros do período terciário, encontrados na freguesia, apresentam uma cor avermelhada, sendo constituídos por “argilas, areias mal calibradas e cascalhos de xisto, quartzo, quartzito, etc.”. Estes depósitos são, ao que parece, de origem fluvial que aqui se acumularam durante uma regressão da idade Villafranquiana permitindo a criação de terrenos fluviais superiores. Foi durante a era glacial que se deu a formação de terrenos cada vez mais baixos. “Relativamente ao período do Würm, o nível de base baixou cerca de 150 m, o que provocou um escavamento intenso.”

Habitada por cerca de 3000 pessoas, a freguesia espraia-se pelos terrenos planos junto ao Mondego, permitindo o desenvolvimento da agricultura, nomeadamente do arroz e do milho, que assumem vital importância para a economia da povoação. Na Ribeira de Frades, no entanto, a agricultura não se limita à produção destes dois elementos. O facto de ser atravessada pela Ribeira de Antanho que fertiliza as terras em seu redor, permitiu também o cultivo de legumes e frutos, nomeadamente de abóboras, melancias e nabos, usados para autoconsumo ou para venda no mercado de Coimbra.

Apesar de a agricultura constituir a principal actividade económica local, durante alguns anos do séc. xx, a indústria teve um papel importante não apenas no desenvolvimento económico das famílias locais, mas também, de certa forma, na paisagem e casario da Ribeira de Frades. De todas as unidades fabris destaca-se a Argus, composta por três unidades de produção — uma de tijolo, uma de vigas e outra de ladrilho. O que resta desta fábrica é ainda visível na freguesia ocupando uma vasta área junto à antiga estrada de ligação a Taveiro.

Da freguesia fazem parte os lugares de Moinho do Calhau, Outeiro e Santa Eufémia, que apesar de actualmente mostrarem construções mais ou menos modernas, mantêm ainda algum casario tradicional, sendo frequentes as casas com aspecto rural, cuja fachada nos mostra uma larga porta de madeira que dá acesso a um pátio interior separando os currais da casa de habitação.

Quanto à vida cultural, Ribeira de Frades conta com a existência do Grupo Folclórico Os Camponezes do Mondego e também com o grupo de teatro TARF, Grupo Gaiteiros “Boinas Pretas” e Grupo “Cantarinhas da Ribeira”. É servida por transportes dos Serviços Municipalizados de Transportes Urbanos de Coimbra.

JORGE VELOSO

Presidente da Junta de Freguesia

CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA

Levantamento do Património da Freguesia de Ribeira de Frades

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|-------------------|-----------------------------------|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| Largo da Ribeira | Pelourinho de Santo Cristo | C | | 0 | 180134 | 194 |
| Ribeira de Frades | Capela Antiga de Santo Amaro | B | | 0 | 180303 | 197 |
| | Cruzeiro | | | | | |
| Ribeira de Frades | Capela de Nossa Senhora da Nazaré | B | | 3 | 180135 | 198 |
| Ribeira de Frades | Capela de Santa Ana | B | | 0 | 180376 | 200 |
| Ribeira de Frades | Igreja Matriz de São Miguel | | | 2 | 180133 | 195 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

Freguesia de Santa Clara

Santa Clara é terra encantada, é uma freguesia de amores e santidade, com um legado histórico e patrimonial de séculos. É terra de rainhas e boas gentes. De milagres e de lendas. Cada pedacinho de Santa Clara tem uma história para contar e descobrir. Falar dos seus monumentos e dos seus habitantes é como passear na história de Portugal, da raça humana, do conhecimento e do saber.

Há seis mil anos o primeiro homem pisou Santa Clara para depositar os seus mortos na necrópole dos Alqueves.

Os Franciscanos construíram o Convento de S. Francisco da Ponte, que viria a dar o primeiro nome à freguesia, Freguesia de S. Francisco da Ponte, que séculos mais tarde, com a extinção das Ordens Religiosas, mudou para Freguesia de Santa Clara.

D. Mor Dias atravessou a “Ponte do Ó” no séc. XIII para vir a Santa Clara construir o Convento Velho, conhecido actualmente como Convento de Santa Clara-a-Velha, não conseguindo ver a sua conclusão, entregou a obra inacabada à Ordem de Santa Clara, por pressão dos Frades Crúzios instalados na margem direita. Mais tarde o Papa Clemente V viria a conceder licença a D. Isabel de Aragão para concluir o mosteiro.

O Mondego não parava de subir e parte deste monumento ficou coberto pelas águas. Com o Convento Velho alagado foi construído num local mais elevado do Monte da Esperança o Convento de Santa Clara-a-Nova, que viria a receber o corpo da Rainha Santa Isabel. O mesmo aconteceu ao Convento de S. Francisco da Ponte, do qual não resta qualquer vestígio, apenas o novo (já do séc. XVII) Convento de S. Francisco.

Por esta altura já Santa Clara era o centro do comércio em Coimbra, com a Feira dos 7 e dos 23, que se realizava onde é hoje o Portugal dos Pequenitos. Nessa altura havia na freguesia cinco lagares de azeite e vinha gente das terras a montante do Mondego para a jorna da lavoura, ao mesmo tempo que as barcas serranas vinham comercializar em Coimbra os produtos da agricultura. O povo lusitano gostava de cavalos, touros e touradas, eram verdadeiros aficcionados, daí que se construísse em Santa Clara uma Praça de Touros, que mais tarde ardeu em circunstâncias estranhas. O espaço

reservado para falar de Santa Clara é insuficiente para apenas referir a antiguidade, mas de relance referenciamos a Quinta das Lágrimas, o Portugal dos Pequenitos, Quinta das Canas (conhecida por Lapa dos Esteios), o Observatório Astronómico e muito património religioso como as Capelas de Nossa Senhora da Conceição no Bordalo e na Ladeira da Rainha Santa, a Capela da Senhora da Graça na Cruz dos Morouços, Capela de Nossa Senhora da Esperança, Convento Nossa Senhora das Vitórias, etc. De referir também os aquedutos, do Mosteiro Real de Santa Clara e o da reforma pom-balina, da autoria de Alves Macomboa, que nunca levou água ao seu moinho, isto é, ao Mosteiro de Santa Clara-a-Nova.

Passando aos tempos modernos, a Freguesia de Santa Clara tem evoluído em conformidade com o desenvolvimento de Coimbra. É uma freguesia rica em turismo e aqui podemos mesmo dizer que temos nesta Freguesia os mais emblemáticos espaços dedicados às crianças, o Portugal dos Pequenitos e o Exploratório. Estas duas valências atraem à Freguesia e à cidade centenas de milhar de crianças de todo o País, que vêm, ora com os pais, ora em passeios escolares ou em excursões.

Se no Portugal dos Pequenitos podem ver e usufruir do património histórico e arquitectónico construído a uma dimensão mais pequena, que são ex-libris em várias regiões e cidades do País, como a Torre dos Clérigos, Castelo de Guimarães, Torre de Belém, Universidade, etc., onde não faltam referências patrimoniais e tradicionais das ex-colónias do Brasil, Angola, Timor, S. Tomé, Guiné, Cabo Verde e Moçambique, no Exploratório as crianças e os visitantes têm um encontro com a ciência em várias vertentes.

Com esta riqueza patrimonial, podemos afirmar que Santa Clara tem Portugal dentro das suas fronteiras, incluindo as suas ex-colónias. Santa Clara é também a freguesia portuguesa que está mais perto do Sol, das estrelas, do firmamento, pois é nesta freguesia que se encontra o Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra.

Portugal participou em várias guerras, como a colonial, 1.^a e 2.^a guerras mundiais, teve de adquirir e construir material bélico para se proteger e assegurar a defesa das suas fronteiras. Está em Santa Clara o Museu Militar, onde para além do material bélico usado nesses conflitos armados, o visitante pode ver o primeiro computador (Predictor) que o País teve ao serviço das Forças Armadas e da nação.

É muito difícil ver todo o património de Santa Clara numa visita esporádica, precisam-se de vários dias para ver tudo, daí que a oferta hoteleira seja muito boa nesta freguesia com o Hotel Quinta das Lágrimas e Hotel D. Luís.

Santa Clara é uma freguesia feminina que não pára de parir. Nos últimos 8 anos pariu duas pontes, Rainha Santa e Pedro e Inês, um Parque Verde com piscinas, Exploratório, pavilhões de apoio a desportos náuticos, Museu de Santa Clara-a-Velha, monumentos a Inês de Castro, Parques Infantis, etc., mas continua grávida e vai dar à luz um Recordatório da Rainha Santa Isabel/Alfredo Bastos, um Parque Infantil no Vale Verde, um polidesportivo a céu aberto no Vale Rosal, um balneário público e uma pista de automodelismo no mesmo local, uma nova ponte sobre o Rio Mondego, lar de idosos na Rua Mário Pio, Centro de Dia nas Lages, sede da Associação Ornitológica na Travessa dos Martas e quiçá numa nova gravidez possa vir a ter uma piscina municipal e um conjunto de habitações sociais. Caracterizando Santa Clara em três penadas podemos dizer que é uma freguesia histórica, residencial, turística e comercial (Fórum Coimbra), com pequenos nichos industriais. É uma terra pacífica, bairrista, hospitaleira e crente.

JOSÉ SIMÃO

Presidente da Junta de Freguesia

Levantamento do Património da Freguesia de Santa Clara

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|-------------------|---|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| Almegue | Capela da Quinta do Nogueira | B | | 0 | 180355 | 217 |
| Banhos Secos | Imóvel em Banhos Secos/Quinta da Bica | E | | 3 | 180185 | 212 |
| Bordalo | Capela do Bordalo | B | | 0 | 180320 | 219 |
| Cruz dos Morouços | Capela de Nossa Senhora da Graça | B | | 0 | 180233 | 223 |
| | Cruzeiro | C | | 0 | 180294 | 208 |
| Cruz dos Morouços | Capela do Senhor dos Aflitos | B | | 0 | 180291 | 221 |
| Lages | Capela das Lages | B | | 0 | 180292 | 206 |
| Lages | Quinta das Canas (Lapa dos Esteios) | D | EVC | 1 | 180021 | 203 |
| Santa Clara | Aqueduto de Santa Clara | H | IIP | 1 | 180019 | 205 |
| Santa Clara | Capela da Quinta do Correio-Mor | D | | 3 | 180377 | 202 |
| Santa Clara | Capela de Nossa Senhora da Conceição e Capela de Santa Catarina | B | | 1 | 180186 | 213 |
| Santa Clara | Capela de Nossa Senhora da Esperança | B | | 1 | 180181 | 209 |
| | Cruzeiro | C | | 1 | 180293 | 204 |
| Santa Clara | Capelas dos Passos da Calçada de Santa Isabel | C | | 1 | 180184 | 211 |
| Santa Clara | Casa do Forno | E | | 3 | 180076 | 214 |
| Santa Clara | Convento de São Francisco | B | | 1 | 180183 | 210 |
| Santa Clara | Mosteiro de Santa Clara-a-Nova | B | MN | 1 | 180013 | 222 |
| Santa Clara | Mosteiro de Santa Clara-a-Velha | B | MN | 1 | 180014 | 216 |
| Santa Clara | Portugal dos Pequenitos | H | | 1 | 180349 | 220 |
| Santa Clara | Quinta da Copeira | D | EVC | 1 | 180077 | 215 |
| Santa Clara | Quinta das Lágrimas | D | IIP | 1 | 180045 | 207 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

Freguesia de Santa Cruz

A delimitação da antiga Paróquia de Santa Cruz de Coimbra remonta à fundação do reino de Portugal, conforme documento de D. Afonso Henriques, de 1139.

Actualmente, a Freguesia de Santa Cruz dispõe de 5,7 km² de área total, compreendendo várias zonas de povoamento: Baixa, Montes Claros, Conchada, Coselhas, Loreto e Pedrulha. Confronta com as Freguesias de S. Bartolomeu e Santa Clara, a sul; S. Martinho do Bispo e Antuzede, a oeste; Trouxemil, a norte; Eiras e S. Paulo de Frades, a este; Santo António dos Olivais e Sé Nova, a sudeste. Os dados do último Censos 2001 apontam para 6866 habitantes, aproximadamente a população que tinha em 1920. A tendência para a diminuição que se observa a partir do final do séc. xx, e que, no presente, se tenta inverter, pode ser justificada essencialmente pela transformação do Centro Histórico da Baixa de Coimbra como zona de comércio e serviços e pela degradação progressiva da estrutura habitacional que tem conduzido ao abandono por parte da população residente.

No entanto, há uma população flutuante diária de cerca de 50 mil pessoas que trabalham ou utilizam o seu comércio e/ou serviços. Apesar da actividade dominante ser o comércio e serviços possui alguma indústria e uma área agrícola na Pedrulha e Campos do Bolão.

A Freguesia é percorrida pelos seguintes cursos de água: Rio Mondego, Ribeira de Coselhas, Ribeira de Eiras, Vala do Norte, Ribeira do Vale Meão e Vala dos Frades.

A Freguesia de Santa Cruz, cujo Padroeiro é S. João Baptista, concentra um conjunto patrimonial de grande riqueza e antiguidade, um legado histórico que recua a uma época anterior à própria Nacionalidade.

Após a conquista de Coimbra aos mouros, D. Afonso Henriques instala a capital do Condado em Coimbra, sítio estratégico na linha defensiva e ponto de partida para a Reconquista do território, a sul. O apoio dos influentes Cónegos Regrantes de Santo Agostinho (D. Telo, S. Teotónio e D. João Peculiar), a partir do Mosteiro de Santa Cruz, contribuiu para transformar a cidade num importante centro cultural e teve influência relevante na batalha diplomática que D. Afonso Henriques travou com Leão e Castela e a Santa Sé, para o reconhecimento de Portugal como Reino independente.

Com os mestres do Mosteiro, Fernando Martins de Bulhão (Santo António) veio beber a sua formação de homem de cultura. Na igreja, profundamente reformulada no reinado de D. Manuel I, jazem D. Afonso Henriques e D. Sancho I.

D. João III imprimiu a esta zona um aspecto de modernidade, aquando da transferência definitiva da Universidade para Coimbra, ao encarregar Frei Brás de Braga de proceder a reformas no Mosteiro, das quais resultou entre outras, a construção do Claustro da Manga (actual Jardim da Manga) e a abertura da Rua de Santa Sofia, onde se instalaram diferentes Ordens Religiosas com os seus Colégios, para preparação dos alunos destinados à Universidade (S. Miguel, Todos-os-Santos, S. Bernardo, S. Domingos, S. Tomás, Carmo, Graça, S. Pedro e S. Boaventura, tendo este ocupado uma pequena parte da Judiaria Nova, extinta por Édito de D. Manuel I, de 1496).

Foi a vivência desta primeira fase da Nacionalidade que inspirou os símbolos que estão na base do brasão da Freguesia: os livros de Santa Cruz, as coroas dos dois primeiros reis de Portugal e a cruz crúzia, que representa o topónimo "Santa Cruz", o Mosteiro, com a sua Igreja e Torre.

Para além da Igreja de Santa Cruz, o Café (Capela de S. João das Donas), a Igreja de Santa Justa, as fontes da Madalena e Fonte Nova (antiga Fonte dos Judeus), os edifícios da Inquisição, outros aspectos arquitectónicos e urbanísticos, merecem particular destaque, como o casario da Baixa, cujo traçado e topónimos das ruas revelam origem medieval.

O Mercado Municipal, com um interessante pavilhão do peixe, da arquitectura do ferro, da autoria do arquitecto Augusto da Silva Pinto, ocupa o local da antiga horta dos crúzios e é, ainda hoje, uma referência na comercialização de produtos hortícolas da região.

Refira-se, também, o Teatro da Cerca de S. Bernardo, projecto arquitectónico de cariz contemporâneo da autoria do Arquitecto João Mendes Ribeiro.

Na Conchada (antigo Monte da Forca), o Cemitério integra significativos trabalhos em pedra e em ferro forjado e, na Pedrulha, realçam-se o Cruzeiro (séc. XVI), o Marco do Bolão (séc. XVII), a Igreja de Nossa Senhora da Visitação (séc. XVII), a Capela de S. Simão e a Fonte dos Passarinhos.

No passado, a Freguesia conheceu uma actividade artesanal diversificada e próspera de que constitui exemplo a serralharia artística (visível no património construído, em belíssimas grades de ferro forjado e fundido) e a cerâmica artística, tradição patenteada na toponímia (Rua da Louça, Largo dos Oleiros) e, de memória recente, a Fábrica da Sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra, no Terreiro da Erva.

A Tricana de Coimbra, figura indelevelmente associada ao quotidiano cidadão, foi imortalizada por Camões e em poemas da Canção Coimbrã. Por sua vez, o estudante universitário com o seu traje académico, irreverência e alegria, personifica uma marca singular no contexto cidadão.

Espaços de memória colectiva, na Baixa, testemunham as celebrações mais significativas das tradições urbanas e académicas, tais como a Serenata, a Latada, a Queima das Fitas, a Procissão da Rainha Santa Isabel, as Fogueiras de S. João, diferentes espectáculos musicais, entre outras manifestações culturais.

No âmbito gastronómico, a proximidade do rio Mondego permitiu introduzir uma grande variedade de peixe na dieta alimentar, como é o caso da lampreia, das enguias e do sável.

Os campos férteis do Bolão, na Pedrulha, forneciam grande parte dos legumes e das hortaliças, vindo o arroz do Baixo Mondego. Sem indicar um prato típico, pode falar-se do arroz de grelos, de lampreia, de polvo, de bacalhau, de sardinha, de cabidela e de pato. As canjas, as sopas de legumes, as iscas, o cabrito e a chanfana são também pratos comuns nesta zona.

A arrufada de Coimbra, a lampreia de ovos, os pastéis de Santa Clara e outros doces famosos de origem conventual encontram-se, geralmente, à venda nos eventos da doçaria tradicional e nas pastelarias da Baixa.

Existe ainda o património natural de interesse turístico.

O Jardim da Casa do Sal, situado no vale de Coselhas, ladeando a Ribeira e convergindo com a

Rotunda e principais vias de acesso à cidade, é um local aprazível, uma mancha verde onde abundam árvores, arbustos e caminhos pedonais de terra batida.

A Mata Nacional do Choupal, associada a um simbolismo romântico, tem corrido mundo nas canções de Coimbra. Com uma área de 79 hectares bordeja o rio numa extensão de 2 km e encerra importantes espécies de fauna e flora. Constituiu, durante muitos anos, um local de eleição para as mais diversas actividades lúdicas e desportivas e uma referência obrigatória desta cidade.

Visite e/ou venha viver na Freguesia de Santa Cruz e usufrua dos seus encantos e valências. “Seja bem-vindo, quem vier por bem...”. Dispomos de uma boa rede de transportes, estabelecimentos comerciais, equipamentos sociais, culturais, educativos e desportivos, que acolhem os espaços-sede das diferentes colectividades locais. Propomo-nos continuar a acrescentar infra-estruturas para uso presente e futuro, preservar as existentes e tentar resolver necessidades prementes de natureza diversa, em prol da melhoria da qualidade de vida dos nossos cidadãos.

ANTÓNIO PINTO DOS SANTOS
Presidente da Junta de Freguesia

CÂMARA
MUNICIPAL
D
COIMBRA

Levantamento do Património da Freguesia de Santa Cruz

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|-----------------|---|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| Campos do Bolão | Marco do Bolão | H | | 3 | 180435 | 63 |
| Loreto | Quinta do Loreto | E | | 3 | 180122 | 243 |
| Pedrulha | Capela de São Simão | B | | 0 | 180463 | 445 |
| Pedrulha | Igreja Matriz de Nossa Senhora da Visitação | B | | 3 | 180230 | 238 |
| Pedrulha | Portal antigo com inscrição | E | | 0 | 180411 | 240 |
| Santa Cruz | Antigo Colégio de São Boaventura | B | | 1 | 180231 | 245 |
| Santa Cruz | Claustro da Manga do Mosteiro de Santa Cruz/Jardim da Manga | B | MN | 1 | 180008 | 230 |
| Santa Cruz | Colégio/Igreja de São Pedro dos Religiosos Terceiros | B | | 1 | 180191 | 227 |
| Santa Cruz | Colégio/Igreja Nossa Senhora da Graça | B | MN | 1 | 180039 | 242 |
| Santa Cruz | Colégio das Artes/Tribunal da Inquisição | B | | 1 | 180434 | 246 |
| Santa Cruz | Colégio de São Bernardo/Colégio do Espírito Santo | B | | 1 | 180192 | 228 |
| Santa Cruz | Escola Secundária Jaime Cortesão | H | | 1 | 180443 | 234 |
| Santa Cruz | Fonte da Madelena | F | | 2 | 180188 | 224 |
| Santa Cruz | Fonte Nova/Fonte dos Judeus | F | | 1 | 180189 | 225 |
| Santa Cruz | Hospital dos Lázarus | B | | 2 | 180334 | 231 |
| Santa Cruz | Igreja/Mosteiro de Santa Cruz | B | MN | 1 | 180006 | 237 |
| Santa Cruz | Igreja de Santa Justa (a antiga) | B | | 1 | 180379 | 236 |
| Santa Cruz | Igreja de São Domingos (Capela Mor) | B | MN | 1 | 180016 | 244 |
| Santa Cruz | Igreja do Carmo e respectivo claustro | B | EVC | 1 | 180074 | 226 |
| Santa Cruz | Igreja e Cruzeiro de Santa Justa | B | | 1 | 180187 | 235 |
| Santa Cruz | Igreja São João de Santa Cruz/Café Santa Cruz | B | MN | 1 | 180007 | 232 |
| Santa Cruz | Mercado Municipal D. Pedro V | H | | 2 | 180352 | 239 |
| Santa Cruz | Palácio da Justiça / Antigo Colégio São Tomás | B | | 1 | 180324 | 229 |
| Santa Cruz | Rua da Sofia | A | IIP | 1 | 180041 | 241 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

Freguesia de Santo António dos Olivais

A história da freguesia remonta aos princípios do séc. XIII. Cerca do ano de 1210, a infanta D. Sancha funda o Real Mosteiro de Santa Maria de Celas, de Vimarães, da Ordem de S. Bernardo, e à sua roda nasce e vai crescendo o burgo de Celas. Poucos anos passados, em 1217/18, junto à capelinha de Santo Antão, os primeiros franciscanos chegados a Portugal fundam um humilde eremitério, nos Olivais.

E em 1220, depois de nesse mesmo ano ter tomado ordens sacerdotais em Santa Cruz, aqui se vem acolher Frei António, preferindo este nome ao de Fernando e trocando o rico hábito e a Murça branca de cônego regrante de Santo Agostinho pela humilde estamenha franciscana. O novo nome foi-o buscar ao patrono do modesto cenóbio, visto que o nome latino "Antonius" veio Antão e veio António.

Frei António morreu em 1231 e, após a sua canonização, que ocorreu logo no ano seguinte, o convento franciscano dos Olivais de Coimbra mudou a invocação de Santo Antão para Santo António. Assim nascia Santo António dos Olivais, cuja povoação se foi desenvolvendo nas imediações da colina sagrada.

Refere José Manuel Azevedo Silva, em "A Criação da Freguesia de Santo António dos Olivais": "Cerca de 1247, os menoritas foram para o seu novo convento de S. Francisco da Ponte e, nos finais do séc. XV, em virtude do crescente culto antonino, o cabido catedralício mandou reformar o templo dos Olivais, ficando a igreja com as dimensões que hoje tem, à excepção de um pequeno aumento da capela-mor, feito no séc. XVIII, pela mesma altura em que foi constituída a vistosa escadaria."

No séc. XVI são ampliadas as instalações conventuais, no espaço que hoje é ocupado pelo adro e pelo cemitério, para albergar a comunidade dos franciscanos capuchos. Pela mesma época, também o Mosteiro de Celas sofria grandes obras de ampliação e beneficiação. Entretanto, a paisagem humanizada do espaço hoje adstrito a Santo António dos Olivais vai-se alterando. Lentamente, quase imperceptivelmente, mas vai-se modificando. Vão crescendo os velhos

povoados e outros vão nascendo. Para se ter um ponto de referência, basta recordar que, em 1700, o burgo de Celas contava 48 fogos, o que perfazia cerca de 200 habitantes. E o povoado de Santo António dos Olivais teria, então, um pouco mais. Por outro lado, pelos dados colhidos nos livros paroquiais, vê-se que Celas representava, em relação a toda a freguesia da Sé, de que fazia parte, cerca de 14% dos baptizados, 10% dos casamentos e 17% dos óbitos. Corria o ano de 1854 e nos meios eclesiásticos e civis amadurecia a ideia de redimensionar as freguesias da cidade de Coimbra. Uma comissão elaborou o “Plano de Redução, Supressão de Paróquias na Cidade de Coimbra e Seus Subúrbios”, que foi aprovado e convertido em lei. Com a aplicação do decreto, em 25 de Novembro de 1854, estava criada a Freguesia de Santo António dos Olivais, desde logo a maior de Coimbra. Dispunha já de 749 fogos que abrigavam 3000 habitantes, tomando a maior parte das povoações de que se compunha a Freguesia de S. Pedro. Ao tempo, e de acordo com a primeira parte do artigo quarto do referido documento, a nova freguesia “começa no sítio da Quinta dos Albergarias, segue pela Azinhaga do Reitor da Sé, Ladeira dos Lóios, Casal da Fortuna, Quinta do Cídral, Azinhaga do Cerieiro, Lagar do Calhabé, Estrada do Fonseca, até às Vendas de Arregaça, Estrada da Portela, em direcção à Azinhaga e porto fronteiro à Lapa dos Esteios, margem do rio, Portela, Torres até ao Roxo, pelos limites actuais de S. Paulo e Penacova. Do Roxo, pelo caminho mais curto, até ao Promotor, estrada de Benfins, Conchada, Montarroio, Montes Claros, Albergarias — tudo à esquerda, e ao norte do Mondego. Compreende, mais ao sul desde o rio, os lugares da Ribeira das Carvalhosas, Palheiros e Zorro, que fazem parte do curato das Torres”.

Actualmente, a freguesia estende-se por uma área total de 19,1 km² localizando-se na periferia da cidade de Coimbra. A sua evolução demográfica foi pautada quase sempre por gradual crescimento demográfico. No Censo de 1981, a população residente era composta por 32 268 indivíduos, subindo substancialmente no Censo de 1991 para os 35 807 habitantes. Em 1998, o universo populacional rondava os 48 000 moradores, dos quais 33 000 eram recenseados. Tendo ainda em conta os dados do Censo de 1991, a população apresentava a seguinte composição: 6052 indivíduos tinham entre 0 e 14 anos; 6073 encontravam-se entre os 15 e os 24 anos, 19 427 pessoas situavam-se entre os 25 e os 64 anos; e 4255 indivíduos tinham mais de 65 ou mais anos. Estes valores mostram que existia uma população relativamente jovem, não sofrendo de problemas relacionados com o envelhecimento populacional.

A análise da vida económica local revela que o sector primário tem alguma importância, ocupando cerca de 1100 pessoas, as quais se dedicam, nas suas horas livres, ao cultivo de produtos hortícolas, batatas, feijão e à fruticultura, não se tendo registado, nos últimos anos, iniciativas por parte de jovens agricultores. A totalidade das explorações agrícolas caracterizam-se pelos minifúndios com produções para autoconsumo.

No sector secundário sobressaem as actividades ligadas ao ramo têxtil, existindo duas fábricas de grande importância, e a torrefacção de café, com uma grande empresa. “As indústrias têxteis competem com dificuldade no mercado externo sem, pelos vistos, gerarem grandes lucros.”

Por último, no sector terciário, a freguesia encontra-se dotada de diversos serviços públicos, contando também com um vasto leque de serviços privados, dispondo ainda de bons serviços ao nível da mecânica e construção civil. A oferta comercial é muito vasta e variada, sendo suficiente para todas as necessidades da população, tanto ao nível do comércio alimentar, como do não alimentar a retalho, existindo múltiplos estabelecimentos de restauração e vários hipermercados.

Em 1991, o INE calculou a taxa de actividade da freguesia em 49,4% e a taxa de desemprego de 6,1%. Actualmente, de acordo com a autarquia, o espectro do desemprego continua a afectar a freguesia, principalmente os jovens à procura do primeiro emprego.

No âmbito das infra-estruturas básicas existentes e respectivos graus de operacionalidade, a rede pública de distribuição domiciliária de água cobre 100% da freguesia, não se registando irregulari-

dades no fornecimento ao longo do ano. Está em estudo a construção de uma nova estação de tratamento de águas residuais na freguesia. A rede de saneamento assume também, juntamente com a rede de abastecimento de água, um papel importante para a qualidade de vida das populações.

A recolha de lixo abrange a totalidade da freguesia, realizando-se cinco vezes por semana, existindo recolha selectiva de vidro, papelão e outros resíduos sólidos urbanos.

Tendo em conta a localização estratégica da freguesia, mesmo na periferia da cidade de Coimbra, a rede viária e de transportes assume um papel preponderante no seu desenvolvimento. Assim, o conjunto de acessibilidades que servem a freguesia inclui um itinerário principal, um itinerário complementar, uma estrada nacional secundária, praças de táxis, transportes ferroviários e uma rede de transportes urbanos. No campo das acessibilidades, as vias de acesso são insuficientes para o crescimento que tem tido o parque automóvel da freguesia, e por seu turno, os transportes públicos também são insuficientes.

A rede escolar é constituída por estabelecimentos que vão desde o ensino pré-primário até ao ensino superior público e privado, existindo a necessidade de criar mais escolas do ensino pré-primário público. No Censo de 1991, a freguesia apresentava uma taxa de analfabetismo na ordem dos 3,1%, sendo os níveis de instrução divididos da seguinte forma: 1001 pessoas eram analfabetas com 10 ou mais anos; 9523 indivíduos tinham o ensino primário; 2490 possuíam o ensino preparatório; 10 316 eram detentoras do ensino secundário; e 10 181 tinham, outro grau de ensino. Estes números são reveladores da instrução média da população de Santo António dos Olivais que é extremamente elevada.

Ao nível da saúde, a freguesia dispõe de todo o género de equipamentos e estruturas, quer ao nível público, quer privado, apresentando os serviços, Hospitais da Universidade de Coimbra, Hospital Pediátrico e Centros de Saúde, um vasto leque de valências e de especialidades. O controlo público de cariz veterinário encontra-se localizado nas freguesias urbanas vizinhas.

Mas os aspectos de saúde estão muito bem salvaguardados, o mesmo sucede com a acção e solidariedade social, contando a freguesia com todo o género de infra-estruturas. No entanto, há necessidade de criar mais estabelecimentos sociais públicos, como creches, lares da terceira idade, centros de dia, centros comunitários e outro tipo de equipamentos sociais.

Na esfera desportiva, a freguesia está munida de um alargado leque de equipamentos, e na esfera associativa as colectividades alargam-se a uma vastidão de actividades, desde o futebol ao ténis de mesa, entre muitas outras. A freguesia comporta ainda associações e colectividades com um papel importante no plano cultural e etnográfico, com um vasto leque de valências culturais.

No âmbito das atracções turísticas, merece destaque o património cultural e edificado, com realce para o Mosteiro de Celas, a Igreja de Santo António dos Olivais, a fonte do Castanheiro, a fonte de D. João, a fonte da Cheira, a fonte da Calçada do Gato, o Cruzeiro dos Olivais, a capela do Chão do Bispo, a capela de S. Sebastião, a capela de Santa Comba e o Palácio dos Bobones.

Com as suas características semi-urbanas e semi-rurais, Santo António é hoje o exemplo típico das orlas citadinas que o progresso não poupa. Permanece o orgulho na monumentalidade vetusta, nascida à sombra dos conventos das ordens de S. Bernardo e de S. Francisco.

COIMBRA

FRANCISCO ANDRADE

Presidente da Junta de Freguesia



CÂMARA
MUNICIPAL
D
COIMBRA

Levantamento do Património da Freguesia de Santo António dos Olivais

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|------------------------|--|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| Areiro | Capela de Nossa Senhora dos Remédios | B | | 3 | 180449 | 267 |
| Areiro | Seminário e Capela dos Combonianos | B | | 0 | 180441 | 137 |
| Arregaça | Fonte do Castanheiro | F | | 3 | 180196 | 269 |
| Arregaça | Quinta da Saudade | E | | 3 | 180445 | 250 |
| Arregaça | Quinta das Varandas | D | | 3 | 180447 | 254 |
| Arregaça | Quinta do Lobo/Quinta do Castanheiro | E | | 3 | 180448 | 276 |
| Calhabé | Quinta Vila Marini | D | | 3 | 180446 | 278 |
| Casal do Lobo | Capelinha dos Heróis do Ultramar (Santa Filomena) | B | | 0 | 180259 | 256 |
| Celas | Capela Senhora dos Remédios | B | | 1 | 180198 | 271 |
| Celas | Cruzeiro de Celas | C | | 1 | 180199 | 272 |
| Celas | Fonte de Celas/Fonte de El-Rei | F | | 1 | 180195 | 268 |
| Celas | Mosteiro de Celas | B | MN | 1 | 180012 | 264 |
| Celas | Quinta das Sete Fontes | D | EVC | 1 | 180331 | 263 |
| Celas | Seminário/Instituto Missionário do Sagrado Coração | B | | 0 | 180381 | 266 |
| Chão do Bispo | Capela de Nossa Senhora de Guadalupe | B | | 0 | 180414 | 259 |
| Olivais | Capela de São Sebastião | B | | 0 | 180197 | 270 |
| Olivais | Capela de São Romão | B | | 0 | 180421 | 257 |
| Olivais | Capela de Santo António | B | IIP | 1 | 180229 | 260 |
| Olivais | Igreja de Santo António dos Olivais | B | IIP | 1 | 180043 | 248 |
| Olivais | Cruzeiro dos Olivais | C | | 1 | 180200 | 273 |
| Olivais | Fonte da Calçada do Gato | F | | 3 | 180193 | 249 |
| Picoto | Capela de Santo António | B | | 0 | 180391 | 277 |
| Pinhal de Marrocos | Quinta da Boavista | D | | 3 | 180433 | 275 |
| Portela do Mondego | Capela de Santo António | B | | 0 | 180374 | 261 |
| Portela do Mondego | Quinta da Portela | D | | 3 | 180228 | 251 |
| Quinta da Romeira | Capela da Quinta da Romeira | B | | 0 | 180444 | 280 |
| Quinta de Santa Comba | Capela de Santa Comba | B | EVC | 1 | 180072 | 247 |
| Quinta de Santa Comba | Fonte de Santa Comba | F | EVC | 1 | 180321 | 265 |
| Quinta de São Jerónimo | Capela de São Jerónimo | B | | 3 | 180450 | 274 |
| Rocha Nova | Igreja de Nossa Senhora da Rocha | B | | 0 | 180260 | 255 |
| Rua do Brasil | Fonte da Cheira | F | | 0 | 180194 | 252 |
| São José | Igreja Paroquial de São José | B | | 3 | 180380 | 258 |
| Tovim | Capela de Nossa Senhora da Conceição | B | | 0 | 180318 | 279 |
| Vale de Coselhas | Quinta do Rangel | D | | 3 | 180227 | 281 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

Freguesia de São Bartolomeu

Coimbra (S. Bartolomeu) é uma das freguesias urbanas da cidade de Coimbra e tem por orago, como o próprio topónimo o indica, S. Bartolomeu. Um dos discípulos de Jesus, é muitas vezes identificado como Nataniel, do Evangelho de S. João, que Jesus descreveu como “um israelita, em que não há fingimento”. Nada mais se sabe dele, embora tradições posteriores sugiram que pregou na Ásia Menor, no Norte da Índia e na Arménia, onde foi esfolado vivo e depois decapitado — razão porque é padroeiro dos curtidores.

A história da freguesia de Coimbra (S. Bartolomeu) desenvolve-se em torno da história da cidade de Coimbra, sendo por isso difícil fazer a distinção entre elas. A cidade de Coimbra teve a sua origem num núcleo castrejo estabelecido no ponto mais elevado da colina da Alta, sobranceira ao Mondego que, além de proporcionar uma excelente posição estratégica, era um local de passagem quase obrigatório. Durante a ocupação romana, a cidade apresentava-se com o nome de Aeminium, estando já instituída como centro administrativo. Além do fórum, localizado no centro da cidade, sabe-se que o povoado viu emergir no seu perímetro urbano vários edifícios como arcos honoríficos, um aqueduto, entre outros. Junto à via Olissipo-Braccara Augusta, actual Santa Cruz, supõe-se que se tenham construído umas termas ou banhos públicos.

Com a ocupação visigótica, a cidade desenvolveu-se bastante, sendo deste período as primeiras notícias da organização eclesiástica de Coimbra, embora se desconheça quando ela teve a sua origem. De certo, sabe-se que em 563, no primeiro concílio de Braga, encontrava-se já presente um bispo de Coimbra, cuja diocese tinha sede em Conímbriga.

Coimbra esteve no poder dos muçulmanos durante mais de um século, tendo sido conquistada aos mouros em 878 pelo rei Afonso III de Leão que a mandou repovoar. Aí se instalou o bispo, foragido de Conímbriga que não se conseguia libertar das incursões inimigas e que acabou por ser abandonada pelos seus habitantes. Acabaram por se estabelecer em Emígio que terá tomado o nome da antiga sé episcopal, explicando-se deste modo a origem do actual topónimo de Coimbra. Após as bem sucedidas campanhas de Almançor, a região ficou de novo sob o domínio dos mouros até 1064, ano em que D. Fernando reconquista definitivamente a cidade.

O trabalho de reorganização da cidade deve-se à acção do Conde Sisnando, o primeiro governador cristão de Coimbra. A este sucedeu no governo da cidade, o Conde D. Raimundo de Borgonha e teve como subalterno o alcaide Martim Moniz, casado com uma filha de D. Sisnando. Em 1094, assume o governo da província portugalence o Conde D. Henrique que faz de Coimbra o centro da sua acção política e militar; já então a cidade recebera foral, outorgado por Afonso VI, consagrando a organização municipal. Em 1111, o Conde D. Henrique e D. Teresa outorgam novo foral a Coimbra. Este foral é um documento notável pela minúcia com que estabelece os direitos e obrigações e pela transformação que opera no sistema tributário em detrimento do poder central. Por ele se averigua também que a população de Coimbra era constituída por nobres, cavaleiros, peões e colonos.

Do acervo patrimonial desta freguesia são de destacar: a igreja românica de Santiago, a Igreja Matriz, o arco de Barbacã, onde actualmente funciona o Museu Municipal, e o pelourinho.

Devido às suas características urbanas, o sector terciário é o mais dominante na economia da freguesia de Coimbra (S. Bartolomeu).

JOSÉ CARLOS CLEMENTE
Presidente da Junta de Freguesia

CÂMARA
MUNICIPAL
D
COIMBRA



Levantamento do Património da Freguesia de São Bartolomeu

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|----------------|---|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| São Bartolomeu | Antigo Hospital Real | B | | 1 | 180225 | 294 |
| São Bartolomeu | Antigo Paço do Conde (recolhimento) | H | | 2 | 180226 | 289 |
| São Bartolomeu | Arco pequeno de Almedina | A | MN | 1 | 180004 | 286 |
| | Cerca de Coimbra (Arcos de Almedina) | A | MN | 1 | 180003 | 285 |
| São Bartolomeu | Banco de Portugal | H | | 2 | 180416 | 291 |
| São Bartolomeu | Capela de Nossa Senhora da Vitória | B | | 1 | 180190 | 293 |
| São Bartolomeu | Casa Medieval Rua Sargento-Mor n.º 4-6 | E | | 1 | 180465 | 447 |
| São Bartolomeu | Edifício de Passageiros da Estação Ferroviária de Coimbra - A | H | | 2 | 180417 | 292 |
| São Bartolomeu | Edifício do Chiado | H | IIP | 1 | 180084 | 282 |
| São Bartolomeu | Hotel Astória | H | | 2 | 180415 | 290 |
| São Bartolomeu | Igreja de São Bartolomeu | B | EVC | 1 | 180022 | 284 |
| São Bartolomeu | Igreja de São Tiago | B | MN | 1 | 180033 | 287 |
| São Bartolomeu | Praça do Comércio/Praça Velha | A | | 1 | 180201 | 288 |
| São Bartolomeu | Prédio de casas de habitação n.º 2 do Largo do Romal | E | EVC | 1 | 180023 | 283 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

Freguesia de São João do Campo

A freguesia de São João do Campo é constituída pelo lugar de Cioga do Campo e pela vila de São João do Campo. Dista de Coimbra, capital de distrito e concelho, cerca de 7 km, e tem uma área de 7,92 km².

Historicamente, torna-se difícil conhecer os primórdios da freguesia. A primitiva sede era Cioga dos Campos, tendo sido posteriormente transferida para a actual São João do Campo, outrora conhecida como “lavarrabos” ou “rabarrabos”. Os autores situam em 1880 e em cartas anteriores ao nosso século a sua instalação como São João do Campo.

Reconhece-se, no entanto, a sua existência anterior com a designação de “rabarrabos”, designação de “rabal ou rabanal”, isto é, campo semeado de rábanos, com directas referências ao trabalho agrícola, actividade que ainda representa aspectos económicos e sociais na vida das populações.

A oralidade popular conta que foi uma rainha vinda de Coimbra e com destino a Oeste (Tentúgal, Montemor-o-Velho ou Figueira da Foz) a responsável pela actual denominação. Vendo como era difícil a passagem a vau da vala de Ançã, na entrada de São João do Campo, por não existir aí uma ponte (daí a denominação lavarrabos) a monarca terá intercedido para que a ponte fosse construída e que o nome da terra passasse a ser de São João do Campo, dado que o dia da sua passagem no local coincidiu com o da festa de São João Baptista.

Os mais antigos assentos paroquianos próprios datam de 1637 havendo, porém, registos anteriores nos livros de “açam”, existindo concelho de que a freguesia fazia parte.

Da parte monumental ter-se-á que fazer referência à igreja da Imaculada Conceição na Cioga do Campo, que data de 1734, antiga matriz da paróquia.

Na actual matriz, edificada em 1883 em São João do Campo sob uma capela do séc. xvii, registe-se o grande interesse dos retábulos dos altares em talha dourada de colunas e arcos retorcidos em ramadas de pânpanos que vieram do Mosteiro de Salgadelas de N.ª Sr.ª de Campos.

No final do séc. xix, São João do Campo registou um crescimento urbano digno de registo de que são testemunhas edificações antigas de inegável interesse.

Foi nesta povoação que viveram Jaime Cortesão e Armando Cortesão, dois grandes vultos da literatura, história das ciências e da política.

LEITURA HERÁLDICA:

De negro, fretado de sete fretes de ouro.

Ponte de prata de dois arcos lavrada a negro, num contra-chefe diminuto e ondeado de azul e prata.

Em chefe um Cordeiro Pascal de prata.

Coroa mural de prata, de quatro torres.

Listel do mesmo, com a legenda a negro: “São João do Campo”

MEMÓRIA DESCRITIVA DOS SIMBOLOS HERÁLDICOS:

CORDEIRO PASCAL — é uma homenagem a S. João Batista, padroeiro da freguesia.

O ESCUDO FRETADO — lembra os tradicionais cestos de vimes fabricados na freguesia, verdadeiro ex-libris, ao ponto de figurarem na bandeira do seu apreciado folclore e de substituí-la, por vezes, como seu símbolo.

PONTE — muito embora autores situem em 1880 a sua denominação actual, já a povoação existia com o nome de “Rabarrabos” ou mais propriamente “Lavarrabos”. Diz a lenda que não se sabe que Rainha, ao passar o rio a vau (Vala de Ançã) com alguma dificuldade, logo fez propósito de pedir ao Rei, que ali mandasse construir uma ponte para a passagem das gentes da terra. Assim se justifica a existência da ponte no seu brasão de armas.

O CONTRA-CHEFE ONDEADO — representa a Vala de Ançã que a referida Rainha tanta dificuldade teve em atravessar.

A PRATA — lembra a prudência, a força, a amizade, a inocência e a fidelidade

O AZUL — simboliza a justiça, a formosura, a perseverança e o zelo.

O NEGRO — traduz a firmeza, o juízo, a obediência, a honestidade e a virtude.

JOÃO LUÍS PIMENTA
Presidente da Junta de Freguesia

CÂMARA
MUNICIPAL
D
COIMBRA



CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA

Levantamento do Património da Freguesia de São João do Campo

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|-------------------|------------------------------------|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| Cioga do Campo | Igreja da Imaculada Conceição | B | | 2 | 180141 | 297 |
| | Cruzeiro | C | | 2 | 180142 | 299 |
| São João do Campo | Cruzeiro | C | | 0 | 180140 | 296 |
| São João do Campo | Igreja Matriz de São João Baptista | B | | 3 | 180139 | 295 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

Freguesia de São Martinho de Árvore

Freguesia composta por três lugares, S. Martinho de Árvore, sede de freguesia, Sandelgas e Fonte de S. Pedro, situa-se na encosta do Vale do Mondego, distando de Coimbra, sede de concelho e distrito, cerca de 10 km e da cidade da Figueira da Foz, 30 km. No lugar de S. Martinho de Árvore podemos encontrar como património edificado, a Igreja Paroquial, construída por volta do séc. XVI, a Capela de S. Sebastião, do mesmo século, e alguns edifícios particulares com traços arquitectónicos muito bonitos, como sejam a casa da Quinta Buenos Aires, antigamente designada por “Quinta da Loba” e a Casa Moura.

Como património de serviço público possui: uma pré-primária, uma escola do 1.º ciclo do ensino básico, um posto médico, um posto de análises clínicas e um posto de correios.

Tem ainda um parque desportivo composto por um campo de futebol de onze e um polidesportivo descoberto e ainda uma caixa de areia no qual está instalada uma rede para a prática de volei de praia. Este complexo é apoiado por um conjunto de infra-estruturas nas quais estão instalados os balneários, um bar, e um espaço para jogos, como por exemplo, bilhar, matraquilhos, etc. No mesmo complexo está ainda instalado um pequeno parque infantil.

Como património paisagístico poderemos apresentar o vale do Mondego. Atravessado pelo Rio que deu nome ao vale, este convida a momentos de lazer, como seja a pesca desportiva, as caminhadas ao longo da margem, pela beira do canal condutor da água que abastece o sistema de rega do Baixo Mondego, a excelentes passeios velocípedes e a um mergulho no Verão.

Os campos, esses de paisagem multifacetada consoante a época do ano em que são observados, cobertos pela geada imensamente branca no Inverno, com as aves migratórias pululando pelos campos procurando ansiosamente o alimento, com os abundantes salgueirais debruçados para as margens da Vala do Norte, da Vagem Grande ou do Mondego. No qual se pode apreciar o arvoredado intenso e resistente à recente obra de regularização do seu leito, o forte castanho das sementeiras, ou observando a majestosa mata de S. Martinho de Árvore com o seu imponente choupal, a mata é servida por água potável, possui uma churrasqueira e algumas mesas. Ali fazem-se, com alguma

regularidade, excelentes convívios. Esta mata é património da Administração da Região Hidrográfica do Centro (ARH). Há ainda para apreciar os milheirais, intensamente verdes na Primavera e quase doirados no Verão, mostrando as espigas, querendo saltar da palha.

Podemos observar ainda, como que salpicando os campos, alguns pequenos arrozais, nos quais vagueiam calmamente, abundantes e graciosas garças cinzentas quais magníficas proprietárias do Vale.

No lugar de Sandelgas existe a Capela de Santo António, cuja construção terá sido no séc. xvii e o majestoso Convento da Quinta de Sandelgas. É uma Quinta de tradição agrícola cujos proprietários têm tentado preservar. Na mesma existe uma pequena mata com árvores de natureza rara envoltas num jardim lindíssimo e muito bem tratado. No edifício do antigo convento, recuperado preservando-se a "traça", hoje servem-se refeições de festas de casamento, baptizados, etc., rentabilizando-se assim o espaço, permitindo continuar a mantê-lo.

Entre o lugar de Sandelgas e o de S. Martinho de Árvore existe o Vale do Chorão. Um vale cuja beleza natural é extraordinária, onde as espécies mais diversas de aves pululam calmamente sem qualquer perturbação. Onde coelhos, pequenos e grandes, se podem ver a curta distância, imperturbáveis, a pequena doninha passando fugidia, a raposa que ainda se mostra naquelas paragens. Assistir naquele local a um cair da noite ou a um nascer do dia, é poder assistir a um espectáculo musical que a natureza nos oferece simplesmente sublime. É de facto um espaço a preservar e, se possível, enriquecer.

Nasce no sopé do lugar de Vila Verde, da freguesia vizinha, a Fonte de São Pedro foi crescendo devagarinho e hoje já é composto por bastantes moradias, bem bonitas por sinal, de arquitectura de muito bom gosto que vieram enriquecer bastante a freguesia. Juntinho ao Palácio de S. Marcos, cujo conjunto recorda os tempos da monarquia, é o lugar com mais mancha florestal da Freguesia, ele é na parte Norte, rodeado por pinhal. Nele podemos encontrar ainda excelentes nascentes naturais cuja água se perde nas terras, serpenteando ao longo do vale até desaguar na Vala do Norte. Noutros tempos, antes da poluição que também assolou o nosso meio rural, o peixe subia ao longo do ribeiro enriquecendo a vida de quem ali habitava proporcionando-lhe peixe do rio de boa qualidade. O roibaco, a enguia, o barbo, eram os mais frequentes.

Tem como património público uma pequena fonte, a fonte de S. Pedro, a qual tem junto um tanque com água, que servia para ali se lavar roupa e dar água aos animais e um pequeno parque infantil.

Mais recentemente surgiu a possibilidade de explorar um local em S. Martinho de Árvore designado por Amoreiras, no qual foram encontrados objectos, que, dizem, terão bastante interesse arqueológico. Aguardamos para a exploração daquele espaço, uma decisão das autoridades competentes.

S. Martinho de Árvore está servida por uma excelente rede viária, a qualquer local da freguesia se tem acesso transportando-se em automóvel ligeiro, existe a quase 100% rede de saneamento básico e a 100% rede de água potável, uma aposta do Município de Coimbra nos últimos anos e que veio permitir a substancial melhoria da qualidade de vida dos nossos habitantes. Existe também rede de iluminação pública de bastante qualidade.

O associativismo comporta uma colectividade constituída há pouco tempo como IPSS que tem vindo a gerir a parte desportiva e cultural da freguesia tentando ainda iniciar a actividade social com o projecto de construir um Lar/Centro de Dia na Freguesia para apoio aos idosos. Esta colectividade tem no seu seio um grupo etnográfico cuja acção tem sido a divulgação do nosso folclore, pelo País. Tem ainda a freguesia a Associação Cultural Rosas do Mondego, cuja actividade também se insere no Folclore, promovendo a respectiva divulgação pela Região e pelo País.

As actividades económicas desenvolvem-se pela agricultura, pois existem ainda muitos residentes que possuem o respectivo pedaço de terra que cultivam para consumo próprio. As culturas predominantes continuam a ser o milho, o arroz, a batata, o feijão, alguma beterraba e os produtos hortícolas, nos terrenos de sequeiro, a que designamos por monte. Ainda se vai cultivando a aveia, algum trigo e centeio, a fava, a ervilha. Existe ainda algum olival e vinha mas, actualmente, de significado pouco relevante.

A freguesia possui estabelecimentos comerciais de mercearia, cafés, restaurantes, venda ambulante, empresas de distribuição de produtos alimentares, oficina de automóveis, carpintaria, serralharia, empresas de venda, criação e manutenção de jardins/espços verdes, e empresários no ramo da construção civil.

Embora os censos 2001 apresentem valores diferentes, a respectiva população ronda as 1300 pessoas as quais preenchem os cerca de 325 fogos existentes. A respectiva área é de, aproximadamente, 5 km².

Faltam-nos instalações para apoio ao Idoso; um espaço coberto para prática de desportos de Inverno alternativos ao futebol; instalação de rede de gás natural.

JOAQUIM PEIXOTO
Presidente da Junta de Freguesia

CÂMARA
MUNICIPAL
D
COIMBRA



CÂMARA
MUNICIPAL
D
COIMBRA



CÂMARA MUNICIPAL D

Levantamento do Património da Freguesia de São Martinho de Árvore

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|------------------------|--------------------------------------|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| Sandelgas | Convento de Nossa Senhora dos Campos | B | | 2 | 180131 | 301 |
| | Alminha | C | | 2 | 180418 | 305 |
| Sandelgas | Capela de Santo António | B | | 0 | 180132 | 302 |
| São Martinho de Árvore | Capela de São Sebastião | B | | 0 | 180144 | 303 |
| São Martinho de Árvore | Casa da Família Moura | E | | 3 | 180145 | 300 |
| São Martinho de Árvore | Casa de Buenos Aires | E | | 3 | 180329 | 304 |
| São Martinho de Árvore | Igreja Matriz de São Martinho | B | | 2 | 180143 | 306 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

Freguesia de São Martinho do Bispo

Partindo de Coimbra e rumando no sentido Oeste, encontra-se inevitavelmente, a uns 3,5 km, a freguesia de São Martinho do Bispo, que abrange uma área de 14,3 km² e que integra os seguintes lugares: Avial, Bencanta, Casais, Casal da Bemposta, Casal das Figueiras, Casal dos Cortiços, Casas Novas, Chafariz, Coalhadas, Corujeira, Cruzes, Escola Agrícola, Espadaneira, Espírito Santo das Touregas, Fala, Gorgulão, Louros da Corujeira, Montesão, Outeiro da Condessa, Outeiro da Corujeira, Parreiras do Monte, Póvoa, Ribeiro da Póvoa, São Martinho do Bispo, Saramago, Sujeira e os sítios dos Cortiços, Freixo e Geralda.

O desenvolvimento do núcleo populacional, originariamente propiciado pelas condições naturais favoráveis (a proximidade do rio e a consequente fertilidade dos campos), pela vizinhança de Coimbra e pela presença do importante eixo viário que, paralelo ao rio, corre ao longo da freguesia e a liga desde sempre àquela cidade, ficará também a dever-se à igreja matriz, também ela elemento gerador ordenador, determinante de uma outra faixa de ocupação.

Parte integrante do termo de Coimbra e situada na sua área de jurisdição, a história de São Martinho liga-se, umbilicalmente, à desta cidade. Ocupada sucessivamente por Romanos, Visigodos e Muçulmanos, reconquistada definitivamente pelos cristãos em 1064 e usufruindo duma situação geográfica e estratégica privilegiada, Coimbra torna-se, desde então, a mais importante cidade de fronteira desta faixa ocidental peninsular, a capital política e religiosa, de um vasto território que ia, sensivelmente, do Douro ao Mondego e do mar até aos territórios de Viseu e Lamego, inclusive. Vasto território governado pelo moçárabe D. Sisnando, natural de Tentúgal, rodeado e apoiado por muitos outros moçárabes, laicos e eclesiásticos, que dominavam territórios mais ou menos vastos, circundantes a Coimbra, ordenados e hierarquizados a partir dela. Moçárabes fundamentais no esforço de desbravamento, de povoamento, e conquista de solos e desenvolvimento de vias de comunicação, numa palavra, na prosperidade do mundo rural circunvizinho de que Coimbra — numa íntima relação de complementaridade — passou a depender e sobre o qual influía e intervinha directamente. A vontade de responder ao apelo colonizador lançando por D. Sisnando e a consciência das boas condições fisiográficas do local de São Martinho — na margem esquerda do Mondego, integrando as extensas planícies aluviais que constituíam os formosos e férteis campos do Mondego —, então por certo devastado e despovoado, terão suscitado o interesse do Abade Pedro, moçárabe chegado da terra de pagãos e acolhido por D. Sisnando, que a quis repovoar, edificar

e defender. Cedo, o local se viu enriquecido, pois o abade, a expensas próprias, aí construiu Igreja que fez circundar de casas, vinhas, árvores e mesmo de uma torre dos religiosos que aí viviam. Os limites da Igreja, o mesmo é dizer da paróquia foram demarcados por oficiais de D. Sisnando a 25 de Abril de 1080.

No estabelecimento destes limites se encontra o acto fundador desta comunidade, o núcleo genético desta estrutura espaço-religiosa secular que é São Martinho. Desde início o grupo humano que estrutura o quadro da vida quotidiana desta localidade articula-se com um outro mais vasto, que comanda a vida religiosa: o da Paróquia. Desde então a igreja paroquial e o cemitério constituem pólos de sociabilidade importantes. Os ofícios religiosos reúnem os habitantes: a igreja é lugar de informação, de encontro, de discussão, de tratamento de negócios. O abade D. Pedro primeiro, e muitos outros depois, estimulados por ele, ao longo da década de oitenta do séc. xi, dotaram a igreja de São Martinho de muitos bens (terrenos de lavoura e de baldio, moinhos com as suas várzeas e águas), numa vasta área em seu redor, até Sujeira, Taveiro, Antanhol, por um lado, e Monte Gemil, por outro. Em Fevereiro de 1094, em virtude do testamento do referido abade — que lega à catedral de Coimbra a igreja de São Martinho com todas as suas pertenças —, o destino da comunidade passa para as mãos de um novo senhorio, a Sé de Coimbra. Por esta razão, ao anterior topónimo da Freguesia (São Martinho em honra do santo mártir que viveu no séc. iv), se substituirá (a longo prazo talvez) o de São Martinho do Bispo, marcando essa relação de vassalagem e obediência face ao bispo de Coimbra.

A insegurança que ainda então se fazia sentir na margem Sul do Mondego, a necessidade de se proceder ao cultivo das terras, a procura de fixação de população no território da Freguesia e a direcção espiritual dos paroquianos justificará o estabelecimento de múltiplos aforamentos ou emprazamentos bem como o envio de párcos por parte da Sé, desde os primeiros anos do séc. xii.

Assim se vai organizando o espaço, assim vão emergindo zonas mais particularmente povoadas de lavradores, cujo quadro da vida quotidiana e dos laços que os unem é a família. A transmissão hereditária de terrenos em São Martinho e as relações estabelecidas entre o senhor (a Sé) e os camponeses deixam apreender algumas famílias aqui estabelecidas durante várias gerações. Em Janeiro de 1141 o então bispo da Sé de Coimbra, Bernardo, concede uma nova carta de povoamento a São Martinho. A segurança seria maior (apesar de ainda se prever a possibilidade de devastações de Mouros), os colonos seriam em maior número, as condições exigidas eram, por isso, mais pesadas. E, pretendendo defender-se de usurpações, proibia o senhorio que aquela herdade fosse aforada a cavaleiros ou homens poderosos. Usurpações e indevidas alienações que terão, no entanto, surgido e que o bispo D. Miguel Salomão, já na segunda metade do séc. xii, terá conseguido recuperar. Durante o séc. xiii, período de estabilidade e desenvolvimento, o povoamento e colonização desta área manteve-se, assistindo-se até a uma certa concentração da população (e a uma relativa concentração e expansão de vinhedos). Tornada couto da Sé de Coimbra (chamada ora de S. Martinho do Bispo ora de São Martinho do Couto), bem servida por vias públicas que entroncavam no povoado e daí seguiam para Coimbra, a comunidade vê-se já então reconhecida como uma das mais importantes e ricas do aro da cidade de Coimbra. Tão importante que, com alguma frequência, o Rei aqui pousava com a sua corte. Aqui esteve D. Dinis, pelo menos em 6 de Outubro de 1304 e em 14 de Abril de 1306. E quando este Rei pôs cerco a Coimbra em virtude da guerra civil com o seu filho o infante Afonso (futuro Afonso IV), decidiu-se que El Rei se desalojasse do arrabalde da cidade e viesse para São Martinho do Bispo. Assim, uma terça-feira 16 de Março de 1322, o Rei passou-se para São Martinho numa barca, com toda a gente que o seguia, tendo aqui permanecido quatro dias. De Cernache (ou Antanhol) podia partir-se para Coimbra “pollo caminho do Campo”, indo sair-se a São Martinho do Bispo. Foi esta a direcção seguida pela embaixada de Preste João em 1527. Em São Martinho foram ainda recebidos outros monarcas, como D. João III (em 1550) e D. Sebastião (em 1570), vindo pelo menos este de Condeixa.



Levantamento do Património da Freguesia de São Martinho do Bispo

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|-------------------------|---|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| Bencanta | Capela (Casa do Juiz) | B | | 0 | 180382 | 319 |
| Bencanta | Casa do Bispo | D | IIP | 1 | 180044 | 325 |
| Bencanta | Cruzeiro | C | | 0 | 180206 | 312 |
| Casais | Capela São Frutuoso (Antiga) | B | | 3 | 180207 | 308 |
| Casais | Igreja de São Frutuoso (Nova) | B | | 0 | 180297 | 323 |
| Casais | Quinta do Seminário | D | | 2 | 180208 | 307 |
| Casas Novas | Capela de Nossa Senhora das Necessidades | B | | 0 | 180209 | 309 |
| Espadaneira | Cruzeiro | C | | 0 | 180296 | 324 |
| Espirito Santo Touregas | Capela de Nossa Senhora da Memória | B | | 3 | 180299 | 318 |
| Fala | Capela de Nossa Senhora dos Remédios | B | | 0 | 180298 | 322 |
| Montesão | Capela de Nossa Senhora da Tocha | B | | 3 | 180210 | 328 |
| | Cruzeiro | C | | 3 | 180302 | 316 |
| Parreiras | Capela Nossa Senhora Conceição/Aldeia Graça de São Filipe | B | | 0 | 180295 | 327 |
| Pé de Cão | Capela de São João Baptista | B | | 0 | 180211 | 310 |
| Pé de Cão | Cruzeiro | C | | 0 | 180212 | 326 |
| Póvoa | Capela de Nossa Senhora da Glória | B | | 0 | 180378 | 317 |
| Póvoa de São Martinho | Almas de Nossa Senhora do Carmo | C | | 0 | 180301 | 321 |
| São Martinho do Bispo | Igreja Matriz de São Martinho do Bispo | B | | 2 | 180205 | 313 |
| São Martinho do Bispo | Cruzeiro | C | | 0 | 180300 | 320 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

Freguesia de São Paulo de Frades

Localizada a cerca de 4 quilómetros de Coimbra chamava-se outrora Almaziva e toma o seu nome actual de um convento de frades bernardos, dependente de Alcobaça, extinto no séc. XVIII. Fica entre montes vestidos de pinhal e eucaliptos, encovada num vale fertilíssimo e constitui um dos melhores destinos de passeio em Coimbra. A tranquilidade e o verde da natureza predominam.

A Freguesia de São Paulo de Frades tem uma área de 14,93 quilómetros quadrados, com uma população de 5912 habitantes (Censos 2001), sendo o seu Orago São Sebastião. As actividades económicas com maior relevância são a indústria, agricultura e o pequeno comércio. Esta Freguesia orgulha-se de ser composta por um vasto conjunto de colectividades, das quais se destacam a Associação Social Cultural e Recreativa de São Paulo de Frades, o Grupo de Escuteiros de São Paulo de Frades, Centro Cultural e Recreativo do Golpe, Centro Cultural e Recreativo da Carapinheira da Serra, Centro Cultural e Recreativo do Dianteiro, Associação Cultural e Recreativa do Cova do Ouro, Associação Recreativa de Lordemão, Lordemão Futebol Clube, Centro de Cultura e Recreio de Vale da Luz, União Desportiva de Logo de Deus, Grupo de Escuteiros de Santa Apolónia e o Rancho Folclórico e Etnográfico da Cova do Ouro e Serra da Rocha.

A Freguesia é composta pelos lugares de São Paulo de Frades, Várzeas, Casal Lourenço Matos, Rocha Velha, Golpe, Carapinheira da Serra, Dianteiro, Cova do Ouro, Serra da Rocha, Rocha Nova, Lordemão, Vale da Luz, Casal da Rosa, Paredes, Logo de Deus, Bairro de Santa Apolónia, Novo Horizonte, Quinta do Melo, Bairro do Ingote, Corrente e Coselhas.

A nível de património a freguesia possui o Mosteiro de São Paulo de Frades, incluindo a Igreja Matriz e o Cruzeiro. Existem ainda, dispersos pelas localidades que compõem esta freguesia, inúmeros locais de interesse histórico, nomeadamente os de ordem religiosa: Capela em honra de N. Sr.ª da Assunção, localidade do Golpe; Igreja em honra de N. Sr.ª de Fátima, localidade de Coselhas; Capela de Santa Apolónia; Capela em honra de S. Frutuoso, localidade de Logo de Deus; Capela em honra de N. Sr.ª das Necessidades e Cruzeiro, localidade de Carapinheira da Serra; Capela em honra de N. Sr.ª do Desterro e Cruzeiro, localidade de Lordemão.

Saúdo com amizade todos os habitantes e visitantes desta freguesia.



CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA

Levantamento do Património da Freguesia de São Paulo de Frades

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|-----------------------|--|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| Carapinheira da Serra | Capela de Nossa Senhora das Necessidades | B | | 0 | 180262 | 333 |
| Carapinheira da Serra | Cruzeiro | C | | 0 | 180384 | 338 |
| Coselhas | Igreja de Nossa Senhora de Fátima | B | | 0 | 180319 | 329 |
| Golpe | Capela de Nossa Senhora da Assunção | B | | 0 | 180263 | 332 |
| Logo de Deus | Capela de São Frutuoso | B | | 0 | 180279 | 334 |
| Lordemão | Capela da Nossa Senhora do Desterro | B | | 0 | 180422 | 339 |
| Lordemão | Cruzeiro | C | | 0 | 180420 | 336 |
| Santa Apolónia | Capela de Santa Apolónia | B | | 0 | 180383 | 331 |
| São Paulo de Frades | Igreja Paroquial de São Paulo de Frades | B | IIP | 1 | 180082 | 340 |
| | Mosteiro de São Paulo de Frades | B | | | 180147 | 335 |
| | Cruzeiro | C | | | 180419 | 330 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

Freguesia de São Silvestre

Esta freguesia do concelho de Coimbra fica situada na margem direita do Rio Mondego, a aproximadamente 10 km da sua sede.

Fazem parte de São Silvestre as anexas de Quimbres, Castanheira, Casal Catão e Zouparria.

Tendo origens muito remotas, o seu desenvolvimento foi maior a partir do séc. xv, devido à proximidade do convento de São Marcos. Este tinha sido construído pelos monges de São Jerónimo, e dele hoje só resta a igreja.

No séc. xix, depois de extintas as Ordens Religiosas, o convento foi adquirido por um particular e alguns anos mais tarde foi devorado por um fogo-posto executado por um vizinho, devido a uma desavença.

Num monte próximo, foram encontrados diversos objectos (pedras lavradas, moedas etc.), que são prova da ocupação romana, antes dos árabes terem chegado.

No séc. xix, São Silvestre pertenceu ao concelho de Tentúgal.

Referem-se os nomes de alguns beneméritos, que foram muito importantes para o desenvolvimento desta freguesia: o Dr. Marques Parreira e a família Cabral, que o povo não esqueceu e a quem até dedica algumas poesias.

JOSÉ ANTÓNIO CORTESÃO

Presidente da Junta de Freguesia

NOTA: Texto retirado da página de internet www.freguesiadesaosilvestre.eu



CÂMARA MUNICIPAL

Levantamento do Património da Freguesia de São Silvestre

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|---------------|--|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| Castanheira | Capela de Nossa Senhora da Ajuda (Nova) | B | | 0 | 180150 | 351 |
| Castanheira | Capela Nossa Senhora da Ajuda (particular) Quinta das Valas | D | | 3 | 180385 | 348 |
| Castanheira | Cruzeiro | C | | 0 | 180151 | 341 |
| Quimbres | Capela do Bom Jesus | B | | 0 | 180152 | 346 |
| Quimbres | Quinta de Quimbres | E | | 3 | 180153 | 342 |
| São Marcos | Capela dos Reis Magos | B | MN | 1 | 180001 | 350 |
| | Cruzeiro de São Marcos | C | MN | 1 | 180036 | 344 |
| | Igreja de São Marcos | B | MN | 1 | 180035 | 345 |
| São Silvestre | Cruzeiro | C | | 0 | 180149 | 347 |
| São Silvestre | Igreja Matriz de São Silvestre | B | | 3 | 180148 | 349 |
| São Silvestre | Quinta do Paço | D | IIM | 1 | 180056 | 343 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

Freguesia de Sé Nova

Sé Nova é uma freguesia urbana do concelho de Coimbra e tem por orago Nossa Senhora da Assunção.

No concelho de Coimbra, muitos dos lugares de origem remota foram absorvidos pela expansão citadina, que irradiou de um primitivo núcleo castrejo, talvez proto-histórico, sobranceiro ao Mondego; um desses lugares foi certamente a freguesia da Sé Nova situada no centro de Coimbra, cidade cuja antiguidade e origem são pontos obscuros que têm permitido a criação das mais variadas lendas e histórias fantasiosas.

A gloriosa reconquista destas terras aos mouros, a meados do séc. XI, e o trabalho da reorganização da cidade de Coimbra e seus arredores, foi, em grande parte, fruto da notável orientação do Conde D. Sisnando, que se tornou o primeiro governador cristão de Coimbra após a Reconquista e do Bispo D. Paterno.

Coimbra é o mais antigo centro cultural do País, destacando-se a Universidade que o rei D. Dinis para aqui transferiu em 1308, cujas dependências, museus, observatório, Jardim Botânico e hospital, transmitem a toda a cidade de Coimbra a grandeza e o prestígio que a caracterizam. A importância histórica da freguesia de Sé Nova deu-se fundamentalmente a partir da transferência definitiva para Coimbra da Universidade, no tempo de D. João III, e da instalação do colégio dos Jesuítas de que fazia parte a igreja da Sé Nova, a maior de Coimbra. Este colégio, cuja construção se iniciou em 1598, sendo o primeiro culto celebrado em 1640, é dedicado às Onze Mil Virgens e pertenceu à Companhia de Jesus, o primeiro colégio jesuíta em todo o mundo, conhecido pelo seu alto rigor de ensino, por ele passando um vasto número de evangelizadores que espalharam a doutrina cristã e foram o gérmen de grandes cidades nos novos mundos conquistados pelos portugueses.

Com a extinção da Companhia de Jesus em Portugal, os edifícios foram entregues à Universidade e ao Cabido, que transferiu, em 21 de Outubro de 1772, a Catedral da Sé Velha para a Sé Nova, passando esta a desempenhar a função de sede da catedral da diocese de Coimbra.

Aquando das invasões de Napoleão, entre 1807 e 1813, Coimbra e arredores sofreram a ocupação das tropas francesas, chegando mesmo a ser saqueada na invasão de Massena. A revolta contra

o destacamento que as ocupava aconteceu a 23 de Junho de 1808, surgindo aí a organização do “Corpo Voluntário Académico”, que actuou não só nas operações dos arredores, mas também em muitas outras.

No séc. xx, década de 40, uma parte da história da cidade de Coimbra é irremediavelmente amputada, sendo à freguesia da Sé Nova eliminadas 32 ruas, em consequência da construção da “Cidade Universitária”. Estas novas construções, apesar de por um lado serem benéficas para a freguesia, onde ao tempo se revelavam os melhores artistas do País, retirou a Coimbra muito da sua história e tradição.

Riquíssima no campo do património cultural edificado, justifica alguns destaques: a Sé Nova, imponente igreja, a maior de Coimbra, actualmente sede episcopal, integrando-se no conjunto de edifícios também formado pelo antigo colégio das Onze Mil Virgens e pelo Museu de História Natural, junto ao qual se encontra o Laboratório Chimico levado a efeito pela reforma Pombalina, segundo orientação do Coronel Elsdon e o Bispo D. Francisco de Lemos de Sousa Coutinho, hoje Museu da Ciência. As igrejas de São João de Almedina e de São Salvador, sendo este último um dos mais antigos monumentos religiosos da cidade, datando a sua primitiva edificação da segunda metade do séc. xii. Para além destes, merecem igual destaque: os Colégios de S. Jerónimo e das Artes, fundados na segunda metade do séc. xvi; o Museu Nacional de Machado de Castro, o Criptopórtico Romano, no qual assentava a plataforma do Fórum Imperial, de onde emanava o centro vital de Aeminium, nome romano de Coimbra. Além do Fórum, sabe-se que o povoado viu ser edificado no seu perímetro urbano outros edifícios, nomeadamente arcos honoríficos e um aqueduto, em cujas prováveis ruínas foi edificado o aqueduto de S. Sebastião, que liga os morros do Mosteiro de Santa Teresa e do Castelo. Destacam-se ainda o Convento de Santa Teresa, onde professou e viveu até à morte a Irmã Lúcia, vidente de Fátima, a Casa-Museu de Bissaya Barreto, o Jardim de Santa Cruz e o romântico Penedo da Saudade.

As festividades principais são: o Corpo de Deus, Senhora da Boa Morte, Queima das Fitas, Festa das Latas, aos Santos Populares e a Feira dos Lázaros.

A nível económico, a freguesia, assim como toda a cidade, deve o seu desenvolvimento principalmente às Universidades. A indústria, a pequena hotelaria, o grande comércio e os serviços são possivelmente as actividades que mais habitantes ocupam.

HÉLDER ABREU

Presidente da Junta de Freguesia

Levantamento do Património da Freguesia de Sé Nova

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|---------|--|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| Sé Nova | Administração Regional de Saúde | H | | 2 | 180428 | 362 |
| Sé Nova | Aqueduto de São Sebastião ou "Arcos do Jardim" | H | MN | 1 | 180010 | 368 |
| Sé Nova | Cadeia Penitenciária de Coimbra | B | EVC | 1 | 180290 | 373 |
| Sé Nova | Capela da Quinta de São João | D | | 0 | 180432 | 360 |
| Sé Nova | Capela de Santo Agostinho | B | | 2 | 180400 | 358 |
| Sé Nova | CEFA | E | | 0 | 180413 | 361 |
| Sé Nova | Colégio de São Jerónimo | B | MN | 1 | 180081 | 369 |
| | Necrópole Colégio São Jerónimo | B | MN | 1 | 180399 | 365 |
| Sé Nova | Conjunto de edifícios da Associação Académica de Coimbra, Teatro Académico Gil Vicente e Cantinas da Universidade de Coimbra | H | EVC | 1 | 180354 | 366 |
| Sé Nova | Convento de Santa Teresa | B | | 2 | 180223 | 377 |
| Sé Nova | Cruzeiro das Maleitas | C | | 1 | 180454 | 352 |
| Sé Nova | Escola Secundária José Falcão | H | EVC | 1 | 180353 | 364 |
| Sé Nova | Faculdade de Ciências e Tecnologia Instituto de Física e Química | H | | 1 | 180451 | 357 |
| Sé Nova | Faculdade de Ciências e Tecnologia Instituto de Matemática | H | | 1 | 180452 | 356 |
| Sé Nova | Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra | H | | 1 | 180453 | 355 |
| Sé Nova | Igreja de São Salvador | B | MN | 1 | 180009 | 370 |
| Sé Nova | Laboratório Químico | B | | 1 | 180423 | 382 |
| Sé Nova | Monumento a Luís de Camões | H | | 0 | 180412 | 359 |
| Sé Nova | Museu de História Natural | B | | 1 | 180202 | 375 |
| Sé Nova | Museu Nacional Machado Castro (antigo Paço Episcopal) | B | MN | 1 | 180015 | 372 |
| | Capela do Tesoureiro/Capela da Assunção | B | MN | 1 | 180040 | 383 |
| | Igreja de São João de Almedina | B | MN | 1 | 180330 | 367 |
| | Portais da Extinta Igreja e Convento de Santa Ana | B | MN | 1 | 180017 | 371 |
| | Portal do Colégio de São Tomás | B | MN | 1 | 180031 | 363 |
| Sé Nova | Parque de Santa Cruz - Jardim da Sereia | G | IIP | 1 | 180049 | 353 |
| Sé Nova | Pelourinho de Coimbra | H | IIP | 1 | 180046 | 381 |
| Sé Nova | Penedo da Saudade | G | | 2 | 180343 | 354 |
| Sé Nova | Quinta dos Lóios | D | | 3 | 180221 | 380 |
| Sé Nova | Quartel Militar — Antigo Convento dos Eremitas de Santo Agostinho e de Santa Ana | B | | 1 | 180222 | 378 |
| Sé Nova | Real Colégio das Artes | B | | 1 | 180224 | 376 |
| Sé Nova | Sé de Coimbra (Sé Nova) | B | MN | 1 | 180032 | 379 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

Freguesia de Souselas

A Freguesia de Souselas é uma terra com história, possuidora de um património histórico, cultural e etnográfico riquíssimo, com registos desde a Pré-História, passando pelo Neolítico, pelo período romano e visigótico, até à fundação da nacionalidade. Sobre a origem do nome Souselas não existe consenso entre diferentes filólogos. Segundo José L. Vasconcelos, trata-se de um diminutivo medieval de Sousa (antigo Sausa). Surge também relacionado com o latim “salsa” (salgada), isto é, “terra”, “aqua”, tendo neste caso sentido mineralógico. Outra explicação tem por base uma referência datada do ano 919, início do séc. x, Portella de Salice. “Salice” deu origem ao diminutivo plural “Salicelas”, que se transformou em Souzelas, pela vocalização de “Sauz” e que poderá estar intimamente relacionado com a flora, o salgueiro. No documento de doação ao Mosteiro de Santa Maria de Lorvão, ano de 937, surge a forma de Sausellas (plural de Sausela, também encontrado em alguns documentos).

As raízes do poder local têm a sua origem no poder concelhio e são antigas. De facto, em 1719 os lugares da Marmeleira, Zouparria do Monte e Souselas eram sedes de três pequenos concelhos do termo coimbrão. Na sequência das reformas liberais, estes concelhos foram extintos e a nova divisão administrativa em 1835 regulou o funcionamento de um novo órgão, a Junta de Paróquia de Souselas.

Localizada no quadrante Norte do concelho, faz fronteira com os concelhos da Mealhada e Penacova, e compreende as seguintes localidades: Souselas, Marmeleira, Sargento-Mor, Zouparria do Monte, S. Martinho do Pinheiro, Lagares, Santa Luzia, Ribeiro e Pisão dos Canaviais. Tem uma área de 15,74 km², com uma população de 3146 habitantes (Fonte: INE — Censos 2001, PDM, CMC).

A sua localização geográfica confere-lhe grandes vantagens competitivas. Cruzada por importantes vias rodoviárias e ferroviárias com influência supramunicipal e regional (IC2, IP3, Linha do Norte e da Beira Alta). Tem acesso directo por estrada e por caminho-de-ferro ao interior e à maior fronteira terrestre do País, Vilar Formoso. Apresenta considerável área empresarial de serviços, comércio e indústria. Tem estação de caminho-de-ferro, estação dos correios – CTT, banco – balcão da Caixa Geral de Depósitos e mercado.

Nos elementos de educação a freguesia possui: creche, infantário, jardim-de-infância, 3 escolas EB1, uma escola EB2,3 e secundário, o Instituto Educativo de Souselas, que possui também ensino profissional. A acção social é desenvolvida pelo Centro Social da Marmeleira (ATL) e pelo Centro de Apoio Social de Souselas (IPSS) que possui ATL, centro de convívio, apoio domiciliário, centro de dia, centro de acolhimento, creche e infantário. Na área da saúde dispõem de uma Extensão de Saúde e de uma farmácia.

A paisagem da Freguesia é marcada pelos maciços calcários de Souselas, constituídos pelas Serras do Alhastro e de Brasfemes. Os maciços calcários de Souselas estabelecem os limites a norte do Baixo-Mondego, guardando a transição para a Gândara e para a Bairrada. Frente ao Maciço Hespérico fica o espaço morfotectónico de Souselas, de origem sedimentar, com “chão” Margocalcário. Estes calcários, pelas suas características mineralógicas, permitem o fabrico do cimento e incorporam testemunhos da História Natural da Terra, através de um enorme legado de fósseis, nomeadamente amonites, entre outros.

A Freguesia tem como principais linhas de água o Rio Resmungão e a Ribeira do Botão, que fazem parte da sub-bacia hidrográfica do Rio dos Fornos. E a paisagem tem um carácter marcadamente mediterrânico, constituída por espécies vegetais de características mediterrânicas, povoada por espécies de plantas de folha persistente, com grande profusão de plantas aromáticas e medicinais. Os olivais e vinhas distribuem-se por toda a Freguesia. A vinha é a maior riqueza agrícola da freguesia, que muito deve à Adega Cooperativa de Souselas que já conta com mais de meio século de vida. Os vinhos tintos acompanham com o mais característico prato gastronómico, o sarrabulho, e o espumante bruto com o leitão à Bairrada.

No património edificado destaca-se a Igreja Matriz de Souselas (Orago S. Tiago Maior. Datada do séc. x, o seu aspecto geral resulta de uma reforma da segunda metade do séc. xviii. O elemento mais valioso é a Capela do Sacramento, tem a data “1593//annos” na abóbada e a de 1594 numa pilastra do retábulo dos Santos Pedro e Paulo, S. João Baptista e S. João Evangelista), o Senhor do Terreiro – Cruzeiro em forma de templete, do tipo sécs. xvi-xvii, também designado por cruzeiro de caminho, que foi transformado em capela no ano de 1809; Cruzeiro – Cruzeiro de coluna dórica do tipo dos sécs. xvi-xvii; Capela de S. João Batista, na Marmeleira – trata-se de um pequeno templo, com fachada composta por uma porta de verga rectangular, encimada por um nicho, que alberga uma escultura em pedra. O interior é de uma só nave com capela-mor, sendo de destacar as imagens em pedra de S. João Baptista (séc. xvi) e de Santa Luzia (séc. xvii); Templete das Alminhas (Fonte Velha, Marmeleira); Singelo templete do séc. xviii (Marmeleira), com porta rectangular de verga curva. Encimado por um painel azulejar com a representação das Almas do Purgatório.

Na arquitectura popular ainda subsistem exemplos de arquitectura da casa corrente tardo-medieval. Trata-se de uma arquitectura rural e tradicional, onde podemos individualizar dois tipos de casa: a casa de influência bairresa (com dois pisos, sendo o primeiro destinado à habitação e o segundo a secagem e armazenamento de cereais) e casa de dois pisos (com um portão, seguido de um corredor de acesso ao pátio, rés-do-chão destinado a cozinhas, arrumos e adegas e piso superior à habitação). Casas com janelas e portas com cantaria decorada com molduras e apoios para colocação de gelsias, e portas e janelas geminadas de guilhotina ou avental recto e ou recortado podem também ser observadas.

Terra copiosa em tradições (Feijões, Bolo do Folar; Cantar das Janeiras, Romaria do Sr. Agonia, entre outras), caracteriza-se por ter uma etnografia rica, que faz parte do seu património colectivo. A musicalidade tradicional tem influências bairradinas, gândadrezas e nortenhas, que se espelham no colorido e alegria dos seus cantares e danças. Nas danças predominam as modas de roda, viras e verde-gaios, que eram dançados nos largos da Igreja e do Sr. do Terreiro, nas eiras, soalheiros, fogueiras e romarias. O chapéu de veludo era o elemento mais marcante do traje da mulher em tempos de antanho. A vida tradicional foi marcada pela cultura da vinha e do olival.

Os moinhos de vento ainda marcam a paisagem: de características únicas, fixos, de torre alta do tipo mediterrâneo, com tejadilho móvel. Armam com velas de pano triangular em número de quatro, presas a quatro pares de varas irradiando do mastro. O sistema basco de rotação é do tipo “rabo”. O rabo é um pau comprido (tronco de pinheiro), fixo ao tejadilho e colocado do lado oposto ao mastro, para fazer girar o tejadilho. As paredes são de pedra calcária, espessas, ligeiramente cônicas, com um piso para além do rés-do-chão, uma porta oposta ao sentido dos ventos e uma janela. O tejadilho era de madeira.

O associativismo cultural, recreativo, desportivo e social está bem representado, muitas são as forças vivas da Freguesia: Casa do Povo de Souselas (Grupo Etnográfico, Barca dos Castiços, Escola de Música), Centro Cultural e Desportivo Tuna Souselense, Cavaquinhos, Escola de Música); Grupo Cordas Allegro; Associação Desportiva de Souselas; Centro Cultural de Sargento-Mor; Centro Cultural de Zouparria do Monte; Centro Cultural de S. Martinho do Pinheiro; Centro de Apoio Social de Souselas; Centro Social da Marmeleira; Associação de Escola de Karaté Shotokam de Souselas; Associação de Defesa do Ambiente de Souselas; Grupo Desportivo e Cultural Marchas Populares de Souselas; Instituto Educativo de Souselas; Agrupamento de Escuteiros Interparoquial de Souselas, Torre de Vilela, Botão e Brasfemes; Fábrica da Paróquia.

Em síntese, a freguesia é possuidora de um importante património histórico, cultural e gastronómico. As suas características morfológicas e os seus recursos endógenos, agrícolas, florestais, minerais e hídricos, bem como uma considerável área empresarial, permitem-nos afirmar a freguesia como uma centralidade a Norte do município, estabelecendo conexões com distritos e concelhos vizinhos, aumentando desta forma a nossa relevância supramunicipal.

JOÃO PARDAL

Presidente da Junta de Freguesia

CÂMARA
MUNICIPAL
D
COIMBRA



CÂMARA MUNICIPAL

Levantamento do Património da Freguesia de Souselas

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|--------------------------|--------------------------------------|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| Marmeleira | Alminha | C | | 0 | 180388 | 390 |
| Marmeleira | Capela de São João | B | | 3 | 180389 | 389 |
| Marmeleira | Capela da Senhora da Agonia | B | | 0 | 180271 | 391 |
| São Martinho do Pinheiro | Capela de Nossa Senhora da Nazaré | B | | 0 | 180272 | 394 |
| Sargento-Mor | Alminha de São Romão | C | | 0 | 180386 | 392 |
| Sargento-Mor | Capela de Nossa Senhora da Boa Morte | B | | 0 | 180387 | 385 |
| Sargento-Mor | Capela Nossa Senhora das Preces | B | | 0 | 180273 | 393 |
| Souselas | Capela do Senhor do Terreiro | C | | 0 | 180327 | 386 |
| Souselas | Chafariz | F | | 0 | 180390 | 388 |
| Souselas | Cruzeiro | C | | 0 | 180154 | 387 |
| Souselas | Igreja Matriz de Souselas | B | EVC | 1 | 180075 | 395 |
| Zouparria do Monte | Capela de São Martinho | B | | 0 | 180274 | 384 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

Freguesia de Taveiro

Como definição geográfica, a freguesia de Taveiro situa-se na margem esquerda do Rio Mondego, pertencendo ao concelho de Coimbra, no distrito homónimo, e dista da sede concelhia cerca de sete quilómetros.

Encontra-se a um escasso quilómetro da Portagem Coimbra Sul da A1 (auto-estrada n.º 1).

É composta pelos lugares de Taveiro, Reveles do Campo e Carregais.

A Freguesia de Taveiro está documentada desde o último quartel do séc. x. Sofreu os danos provocados pelas invasões muçulmanas, mas foi reconquistada por Santa Cruz, que aí tinha muitos casais. Na altura em que tal facto aconteceu, a povoação estava deserta, pois os seus habitantes haviam fugido para outros locais.

Situada entre as velhas Aeminium e Conímbriga, Taveiro conta com o próprio nome como prova da sua antiguidade. A. Almeida Fernandes refere: “ O topónimo tem um étimo por certo muito antigo, onde talvez se encontra a raiz litúrgica, tala — talvez a mesma de Távora, Tavadede, etc. É menos provável o étimo no latim tabulariu — (sentido de tabulatu — como Tábua, Tabuaço, Tabuado, etc.)”

Num documento de 980, “os servos de Deus” Bahri e Trunquili (Trunquilde) doavam ao Mosteiro de Lorvão a sua herdade de Taveiro. O texto notarial referia o seguinte: “Hereditate nostra própria que abemus in villa Talabario in quinione de ibn Hocem uno agro de riu usque in monte in Abdena”. As personagens referidas no documento, Homeite e Loboziho, eram personagens de elevada craveira na sociedade, sendo evidente que eram moçárabes. Os doadores destes terrenos, Bahri e Trunquili, possuíam ainda o padroado de duas igrejas (a de Santa Eulália da “villa” Arquanio e a de São Miguel Arcanjo e São Pedro Apóstolo na “villa” de Tentúgal), que doaram igualmente a Lorvão.

Depois do repovoamento do território, efectuado pelo Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, a grande maioria dos casais de Taveiro iria transitar, já no séc. xvi, para a posse da Universidade de Coimbra. Todavia, o pároco era da apresentação da Mitra, e pelo menos no séc. xviii tinha quarenta mil réis de renda anual.

A 26 de Fevereiro de 1851, D. Maria II atribuiu um Viscondado a Taveiro, cujo título foi concedido a D. Maria Rosa de Figueiredo da Cunha e Melo de Lacerda e a seu marido José de Melo Pais do Amaral Sousa Pereira de Vasconcelos e Meneses, como recompensa pelos valiosos serviços prestados pelo Arcebispo de Braga D. Pedro Paulo de Figueiredo da Cunha Melo, natural de Taveiro e tio de D. Maria Rosa.

Por Decreto de 11 de Julho de 1878, foi designado segundo Visconde de Taveiro José Pedro Paulo de Melo Figueiredo Pais do Amaral da Cunha Eça Abreu e Sousa de Meneses Pereira de Lacerda Lemos e Vasconcelos, que foi igualmente o primeiro Conde de Santar, pelo seu casamento.

O terceiro foi Pedro Paulo António de Melo de Figueiredo Pais do Amaral, neto do segundo visconde de Taveiro, autorizado por D. Manuel II, então no exílio.

O brasão de armas dos viscondes de Taveiro é constituído por um escudo esquartelado tendo no primeiro as armas dos Melos, no segundo as dos Pais, no terceiro as dos Amarais e no quarto a dos Castelos Brancos.

JOSÉ MARIA BARROCA

Presidente da Junta de Freguesia

NOTA: Texto retirado da página de Internet www.freguesiadetaveiro.eu

CÂMARA
MUNICIPAL
D
COIMBRA

CÂMARA MUNICIPAL

DE COIMBRA

Levantamento do Património da Freguesia de Taveiro

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|---------|---|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| Taveiro | Capela antiga, pertencente aos Marqueses de Reriz | D | | 3 | 180160 | 398 |
| Taveiro | Capela da Nossa Senhora da Piedade | B | | 0 | 180158 | 399 |
| Taveiro | Capela Mártir de São Sebastião | B | | 3 | 180159 | 400 |
| | Cruzeiro | C | | 3 | 180304 | 401 |
| Taveiro | Igreja Matriz de São Lourenço | B | | 2 | 180156 | 397 |
| | Capela do Santíssimo | B | | 2 | 180157 | 402 |
| Taveiro | Quinta do Eirado (Barbosa Ribeiro) | E | | 0 | 180161 | 403 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

Freguesia de Torre de Vilela

A freguesia de Torre de Vilela está situada 9 km a Norte de centro da cidade de Coimbra, esteve anexada à freguesia de Brasfemes até 1876, tendo anteriormente pertencido ao Mosteiro do Lorzão (Silva, 1997).

Actualmente é composta pelas povoações de Torre de Vilela, Ribeiro de Vilela, Vilela e Ponte de Vilela, e ainda por parte dos Fornos e de Logo de Deus.

Apesar de ser uma das freguesias mais pequenas do concelho com 3,33 km² (CAOP v5), e com pouco mais de 1500 habitantes, nela habitaram os romanos, visigodos, muçulmanos, judeus e cristãos. A fertilidade das suas terras verdejantes e riqueza aquífera que envolvem as margens do rio dos Fornos e da Rigueira, certamente contribuiu para a fixação dos povos e sua dinamização socio-económica e cultural ao longo dos séculos.

Da época romana registam-se vestígios em dois sítios distintos. Desde 1940 que Vergílio Correia (1940) publicou a existência de vestígios romanos no sítio do Antigo, por trás da Escola Primária de Vilela, caracterizando-os como uma Villa agrícola. Aqui já foram registados tijolos de coluna, tegulae (telha romana com rebordo), imbreces (telha meia cana), tijoleira de barro vermelho, tijolos, pesos de tear, um deles com marca do oleiro (do fabricante), cerâmica doméstica como bordos de dolium (potes grandes), bordos, bojos, asas e fundos de taças e potinhos de cerâmica comum e fina, cavi-lhas em ferro trabalhadas à mão e duas paredes em pedra calcária, que ainda se desconhece a sua funcionalidade (Santos, 2005). 500 m a Norte deste, Vergílio Correia (1940) regista ainda um cemitério com lajes. Os primeiros documentos escritos onde aparece o nome de Vilela é em 963 (Borges 1987; Silva, 1997), período da reconquista cristã, e desde muito cedo esta povoação pertenceu ao mosteiro do Lorzão conforme se comprova pelo marco de propriedade em pedra calcária que se encontra no cruzamento da Rua dos Salgueiros com a Rua 25 de Abril (estrada de Souselas). Torre de Vilela ainda no séc. XVIII, pertencia ao Mosteiro do Lorzão (Silva, 1997).

Em meados e finais do séc. X, Vilela seria talvez uma aldeia de Muçulmanos. A presença moçárabe está bem documentada, sobretudo nas doações feitas ao Mosteiro do Lorzão por Abzuléiman,

Íquila iben Nézeron, Dulcídio iben Almundar, Ebrahim iben Salut, Absiri, Abul Valit, Zalama, Mohomat Abderahmen, Harit, Maomé, etc. Os nomes apresentam uma composição de elementos árabes com outros cristãos e até judaicos, o que demonstra o grau de aculturação que se atingiu nessa época (Alarcão, 2004; Gomes, 2003).

Ainda neste século se registam referências ao portum de Aqualada, no rio de Viaster, designação aquela que possivelmente deriva de *qal'at*, que significa fortificação. Na época medieval existem também referências à existência de uma ponte designada como “ponte de Gasues” que permitia a passagem sobre o “ribulo Viaster”, actual rio dos Fornos, que sofreu várias reconstruções ao longo dos séculos, não se conhecendo, no entanto, o seu local com exactidão (Alarcão, 2004; Gomes, 2003).

Da época medieval regista-se uma necrópole (cemitério) encontrada no sítio da Barroca do Poço no lugar da Torre, junto à estrada que dá acesso pedonal a Logo de Deus, com sepulturas feitas com pequenas lajes em calcário e com tijoleira em cerâmica de barro vermelho, que foi escavada em 1991 pela Universidade de Coimbra.

Actualmente, ainda se encontram na freguesia de Torre de Vilela a Casa das Colunas do séc. xvii, onde actualmente funciona o Centro Social de Torre de Vilela, a Igreja Matriz também do séc. xvii, com necrópole medieval/moderna associada e um cruzeiro, a capela de S. Domingos no lugar de Vilela, provavelmente do séc. xviii, e a capela de S. Bartolomeu no lugar do Ribeiro de Vilela.

Paisagem tipicamente mediterrânica, ainda hoje permanecem os terrenos de cultivo composto por videiras, oliveiras, salgueiros, choupos, loureiros, árvores de frutos diversos, terras de semeadura sazonal, etc.

A atestar a riqueza aquífera que permite toda esta riqueza agrícola, para além dos inúmeros poços de água e de azenhas de água existentes nas terras de cultivo, em finais do séc. xix, foi construída a fonte do lugar de Vilela e nos inícios do séc. xx, foram construídas as fontes da Torre, da Xixara em Logo de Deus e a do Ribeiro-de-Vilela.

No final do séc. xix destaca-se a figura de José Seabra da Silva, que nasceu no lugar de Vilela em Outubro de 1732. Figura ilustre do panorama político português ao longo da segunda metade do séc. xviii, durante o período de reformas do absolutismo setecentista. Em 1752 foi Secretário de Estado, com a função de coadjuvar o 1.º Ministro. Em 1774 é demitido de todos os cargos, preso e levado para o Brasil, tendo posteriormente voltado para Portugal, e em 1788 é nomeado para Ministro do Reino. Contribuiu para a definição da teoria política regalista, que serviu como suporte legal e moral à tutela da instância religiosa pelo poder civil. Além de ter servido o País das mais diversas formas, a sua contribuição foi ainda fundamental no estabelecimento do quadro ideológico nacional setecentista (Silva, 1997).

Apesar do dia da freguesia se comemorar no dia 11 de Novembro, a festa principal realiza-se em Outubro em honra do Mártir S. Sebastião e do Santíssimo Sacramento. Em Novembro no lugar da Torre, habitualmente realizam-se os festejos em honra do padroeiro, S. Martinho. Há poucos anos recuperou-se uma antiga tradição no lugar do Ribeiro, realizando-se actualmente em Junho as festas em honra de S. Bartolomeu.

A freguesia encontra-se totalmente dotada de infra-estruturas de abastecimento de água canalizada e saneamento básico, rede eléctrica e nalguns locais já possui gás canalizado.

Em termos de valências sócio-educativas possui o Jardim Infantil de Vilela, a Escola Primária de Vilela, a Obra Social de Torre de Vilela, que desenvolve as valências de apoio domiciliário, centro de dia, lar de terceira idade, e actividades de tempos livres de apoio ao jardim-de-infância e Escola Primária de Vilela, possuindo também um posto médico.

A actividade associativa desenvolve-se na Casa das Associações em Vilela, que alberga nas suas instalações o Centro Cultural e Recreativo de Vilela (CCRV), onde se pratica Karaté, regularmente efectuam-se torneios de cartas, ginástica para terceira idade, entre outras actividades lúdicas oca-

sionais, a Associação Filarmónica de Adriano Soares, com a sua escola de Música, e o Juventude Desportiva de Vilela (JDV) com a prática de modalidades desportivas relacionadas com as camadas seniores, jovens e juvenis de futebol.

A freguesia, localizada no entroncamento das principais vias de comunicação terrestres nacionais e internacionais, é dotada de boas condições de acesso rodoviário, destacando-se a principal via de acesso aos restantes países da Europa. A nível ferroviário é atravessada pela Linha do Norte, com o apeadeiro de Vilela-Fornos, sendo ainda servida por duas carreiras dos SMTUC e pelas carreiras que servem as localidades mais a Nordeste do concelho.

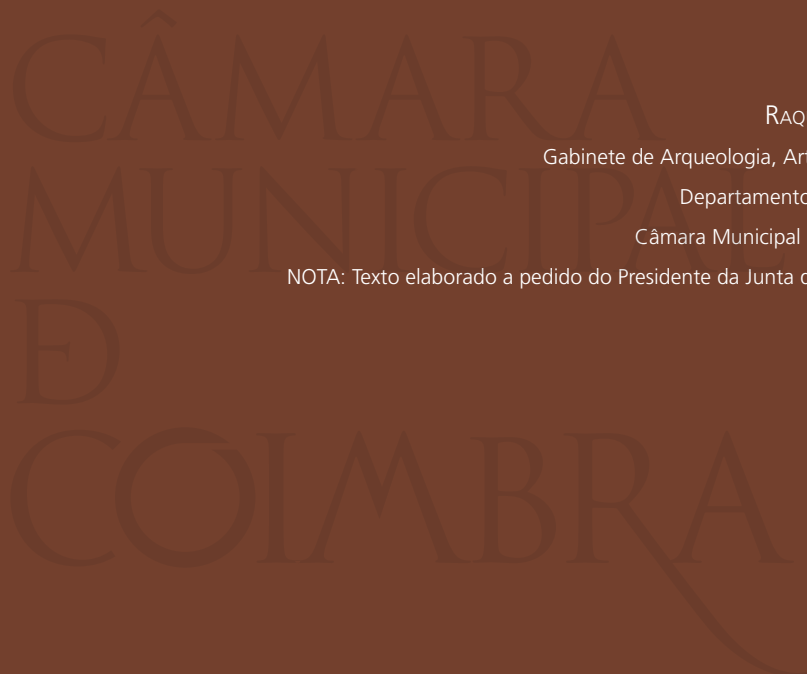
A nível gastronómico é certamente um dos principais pólos do concelho de Coimbra, concentrando-se no lugar dos Fornos e área envolvente, um conjunto de restaurantes de valor reconhecido nacional e internacionalmente.

Famosos pelo saboroso leitão assado à moda da Bairrada, cabidela de leitão, pela chanfana, cabrito assado no forno, diversas formas de confeccionar bacalhau, grelhados de peixe e carne, não esquecendo os doces típicos desta região, destacando-se neles o arroz doce e a broa doce.

Em termos comerciais e industriais sempre revelou uma zona activa acompanhando a evolução tecnológica, que passou da produção artesanal de cestaria, ferro forjado, para a implantação de unidades industriais iniciando-se na produção de cerâmica com expansão nacional e internacional, e posteriormente unidades ligadas à produção metalúrgica, a criação de uma zona comercial, bem arreigada entre os lugares dos Fornos e Ponte de Vilela, confirmada pela implantação de empresas internacionais que utilizam tecnologia de ponta.

Nesta área destaca-se ainda a implantação de zona industrial Norte de concelho de Coimbra localizado nas Lameiras, a Norte da localidade da Ponte, dando certamente continuidade e vitalidade à área industrial e comercial já existente.

A sua localização geográfica, aliada à grande diversidade e a boa qualidade de vida a ela associada, transforma-a numa das freguesias do concelho de Coimbra onde se prevê uma grande evolução económica que se reflectirá nos restantes sectores.



RAQUEL SANTOS

Gabinete de Arqueologia, Arte e História

Departamento de Cultura

Câmara Municipal de Coimbra

NOTA: Texto elaborado a pedido do Presidente da Junta de Freguesia



CÂMARA MUNICIPAL D COIMBRA

Levantamento do Património da Freguesia de Torre de Vilela

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|-------------------|-------------------------------|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| Ribeira de Vilela | Capela de São Bartolomeu | B | | 0 | 180275 | 406 |
| Torre de Vilela | Casa das Colunas | E | | 3 | 180164 | 408 |
| Torre de Vilela | Cruzeiro | C | | 0 | 180163 | 409 |
| Torre de Vilela | Igreja Matriz de São Martinho | B | | 2 | 180162 | 407 |
| Vilela | Capela de São Domingos | B | | 0 | 180278 | 405 |
| Vilela | Casa antiga | E | | 3 | 180455 | 404 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

Freguesia de Torres do Mondego

Pela sua posição geográfica, cobrindo as margens do rio Mondego, estendendo-se pelas vertentes declivosas do Maciço Marginal de Coimbra e protegendo o flanco oriental da cidade de Coimbra, a história da ocupação humana da Freguesia de Torres do Mondego está desde sempre ligada à própria evolução da cidade.

Se bem que as primeiras referências documentais refiram, já na Alta Idade Média, a ocupação para fins agrícolas do lugar da Misarela e, nos sécs. XI e XII, a atribuição destes territórios, sobretudo na margem direita, para fins ligados à agricultura e à defesa do vale do Mondego, estes mesmos papéis já teriam sido determinantes na época romana, no tempo da cidade de Aeminium.

Foram, portanto, os aspectos geomorfológicos e a posição estratégica relativamente a Coimbra que ditaram, e continuam a ditar, toda a evolução histórica do povoamento de Torres do Mondego, desde a ocupação romana até aos nossos dias.

E se, ao longo destes últimos dois milénios, as características acidentadas do relevo dificultaram a vida deste povo ao multiplicar o esforço necessário para tornar viável a agricultura, neste terceiro milénio, este mesmo relevo acidentado tem preservado a Freguesia da pressão urbanística que tem descaracterizado a maioria das outras freguesias rurais do concelho.

Neste território, os modos de vida agrários, hoje residuais, moldaram as marcas do homem na paisagem, com os seus lugares de ruas estreitas, muitas vezes empoleirados nas vertentes e rodeados de campos sustidos por muros de xisto e cruzados por caminhos estreitos, as suas ínsuas defendidas do Mondego por majestosos esporões de pedra, os seus barracões também de pedra nos quais guardavam o gado, a palha e alfaias.

Em terras de agricultura de subsistência, o rendimento nunca permitiu o nível de vida opulento que, noutras zonas do concelho, se reflectiu na quantidade e na qualidade do património edificado, sobretudo em monumentos religiosos e casas senhoriais.

Como testemunhos do crescimento e da consolidação dos lugares da Freguesia, as construções religiosas referenciadas têm uma datação que se estende do séc. XVI aos primeiros anos do séc. XXI;

capelas, ermidas e igrejas de traçado simples e austero, como as gentes que os ergueram. No entanto, esta austeridade de forma tem que se inserir num contexto paisagístico que, nos nossos dias, vê a sua riqueza cada vez mais reconhecida.

Os traços naturais característicos da Freguesia de Torres do Mondego, únicos no concelho, deverão ser considerados de forma integrada numa perspectiva de património, seja ele edificado, cultural, etnográfico, gastronómico ou natural.

Nesta perspectiva, a riqueza patrimonial de Torres do Mondego advém da simples possibilidade de se poder percorrer estes lugares tranquilos a dois passos da cidade, por caminhos centenários, ladeando campos, muitos dos quais reconquistados pela vegetação silvestre, descendo ao Mondego por veredas ladeadas de pomares, de vinhas, de campos de milho. Ou subindo às aldeias, descobrindo os seus recantos, falando com as suas gentes, descansando nas suas capelas, parando nos vários chafarizes pitorescos.

A verdadeira dimensão de “Freguesia Verde” está nesta forma integrada de sentir este património moldado pela Natureza e apenas beliscado por muitos séculos de presença humana, um património que, mais do que nunca, é necessário preservar, divulgando-o e fruindo-o no seu todo.

JOÃO PAULO SIMÕES

Geógrafo

1.º Sec. Assembleia de Freguesia de Torres do Mondego

Nota: Texto elaborado a pedido do Presidente da Junta de Freguesia

CÂMARA
MUNICIPAL
D
COIMBRA



CÂMARA MUNICIPAL



Levantamento do Património da Freguesia de Torres do Mondego

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|-------------------|---------------------------------|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| Carvalhosas | Capela de Santo António | B | | 0 | 180253 | 419 |
| Casal da Misarela | Capela de São Bento | B | | 0 | 180258 | 418 |
| Dianteiro | Igreja de Nossa Senhora da Lapa | B | | 3 | 180261 | 415 |
| Palheiros | Capela de São João Baptista | B | | 0 | 180392 | 417 |
| Torres do Mondego | Chafariz de Santo António | F | | 0 | 180393 | 416 |
| Torres do Mondego | Igreja Matriz de São Sebastião | B | | 2 | 180165 | 412 |
| Zorro | Capela de São Francisco | B | | 2 | 180257 | 413 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

Freguesia de Trouxemil

A Freguesia de Trouxemil dista de Coimbra cerca de oito quilómetros, sendo composta pelos lugares de Adémia de Cima, Adémia de Baixo, Alcarraques, Adões, Cioga do Monte, Fornos e Trouxemil. A sua população ronda os cinco mil habitantes.

Em termos de actividades económicas, historicamente impera a agricultura, sendo de assinalar várias grandes quintas, que ainda existem na freguesia, apesar de dominar a pequena exploração agrícola.

Trouxemil conta ainda com a presença do sector secundário, sendo possível encontrar algumas indústrias de fabrico de candeeiros, tapeçarias, moagens, óleos e azeites alimentares e vinhos.

Em documentos do séc. x, do Mosteiro do Lorvão, Trouxemil é referida como «Crescemiri» no ano de 883, modificando-se o topónimo para «Creixemirs» em 968, durante a 1.ª Reconquista.

Alguns autores relacionam Trouxemil com origem germânica, referindo a sua terminação «mil» (gótica). Este lugar teria sido uma propriedade rústica paralelamente à da sua suevo-vísigótica Aeminium. Outros autores referem que a Villa existiria já no tempo de Afonso III das Astúrias que a conquistou aos Mouros.

Depois da expulsão dos árabes, um preso de nome Crescimiro povoou-a com gente cristã. Atenda-se ao facto de no ano 883, o rei Afonso III ter doado este lugar à Catedral de Santiago, o que de certa maneira se compreende, pois ainda hoje o lugar tem o mesmo orago.

Em termos patrimoniais, a freguesia ostenta diversos monumentos religiosos, com destaque para a igreja paroquial, dedicada ao apóstolo S. Tiago. Trata-se de um edifício pequeno, neste momento pintado de branco e reformado no séc. xviii. Entre as figuras presentes neste templo destacamos um S. Sebastião de pedra, provavelmente do séc. xv.

Referência ainda à capela de Nossa Senhora das Neves, edifício simples do séc. xvii, à capela de S. Miguel, em Alcarraques, que apresenta uma imagem gótica do santo, do princípio do séc. xvi, ou à capela de Nossa Senhora da Paz, em Adémia de Cima, remontando ao séc. xvi.

Como já referimos, várias são as quintas existentes na freguesia, algumas ainda activas em termos agrícolas e pecuários. Quinta da Cioga (Cioga do Monte), Quinta de Trás-os-Muros (em Fornos, com um brasão de armas datado de 1608), Casa da Família Morais (quinta de grande extensão também em Fornos), Quinta do Esteves (Fornos), Quinta do Cabeço (Fornos), Quinta de Santa Maria (quinta datada possivelmente de finais do séc. XVIII, remodelada recentemente e activa, nomeadamente a nível vinícola), Quinta do Monte Belo (Obra do Padre Serra em Alcarraques).

ARTUR JORGE FERREIRA

Presidente da Junta de Freguesia

Nota: Texto retirado da página de internet <http://www.freguesiadetrouxemil.eu>

CÂMARA
MUNICIPAL
D
COIMBRA



Levantamento do Património da Freguesia de Trouxemil

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|-----------------|---|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| Adémia de Baixo | Capela de São João Baptista e Santa Cruz | B | | 2 | 180280 | 427 |
| Adémia de Baixo | Casa de Habitação | E | | 3 | 180396 | 434 |
| Adémia de Cima | Capela de Nossa Senhora da Luz e da Paz | B | | 3 | 180317 | 424 |
| Alcarraques | Capela de São Miguel Arcanjo | B | | 0 | 180172 | 421 |
| Alcarraques | Quinta da Espertina | E | | 0 | 180174 | 422 |
| Campos do Bolão | Marco do Bolão | H | | 3 | 180435 | 63 |
| Cioga do Monte | Capela de Santo António | B | | 0 | 180276 | 425 |
| Cioga do Monte | Capela de Santo António (Quinta das Senhoras) | D | | 0 | 180395 | 435 |
| Fornos | Capela de Nossa Senhora da Esperança | B | | 0 | 180277 | 426 |
| Travessas | Capela de Nossa Senhora dos Milagres | B | | 0 | 180394 | 436 |
| Trouxemil | Alminha do Senhor dos Aflitos | C | | 0 | 180169 | 432 |
| Trouxemil | Capela de Nossa Senhora das Neves | B | | 3 | 180170 | 433 |
| Trouxemil | Cruzeiro | C | | 0 | 180314 | 428 |
| Trouxemil | Cruzeiro | C | | 0 | 180168 | 431 |
| Trouxemil | Igreja Matriz de São Tiago | B | | 2 | 180167 | 430 |
| Trouxemil | Quinta do Coito | D | | 0 | 180456 | 420 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

Freguesia de Vil de Matos

Vil de Matos é uma freguesia do concelho de Coimbra, no distrito homónimo, localizada a cerca de 11 km da sede concelhia. A freguesia confina a Norte e a Este com Barcouço, do concelho da Mealhada, a Sudoeste com Trouxemil e a Sul com Antuzede, estas últimas do concelho e distrito de Coimbra.

O Orago da Freguesia é S. João Evangelista, chamado “O Divino”; S. João Evangelista era irmão de Santiago, “O Mairo”, filhos de Zebedeu e pescadores, chamados da sua tarefa de remendar redes, para seguirem Jesus Cristo. A tradição tem sempre identificado João como incógnito “discípulo a quem Jesus amava”, que se inclinou sobre o peito do Mestre na última Ceia; a quem Jesus na cruz confiou a responsabilidade de cuidar da sua mãe; quem correu à frente de Pedro para o túmulo na manhã da Ressurreição e, vendo-o vazio, acreditou; e quem primeiro reconheceu o Senhor ressurrecto junto ao Mar de Tiberíades.

O Quarto Evangelho, três epístolas bíblicas e o livro do Apocalipse (Revelação) levam tradicionalmente o nome de S. João como seu autor. Vil de Matos é um topónimo composto por elementos, sendo que o primeiro “Vil” é a próclise do apelativo “vila”, no sentido territorial agrário; já o segundo elemento toponímico parece tratar-se de uma alusão à vegetação local, na altura de atribuição do topónimo, com abundante vegetação silvestre ou bravia. O povoamento do território onde a freguesia de Vil de Matos está inserida é bastante remoto, sendo comprovada através da toponímia local. De facto, mesmo antes da nacionalidade já era usado o topónimo “Mourelos”, uma referência à arqueologia local. Primitivamente, esta freguesia estava integrada no concelho de Ançã, situação em que se encontrava ainda do séc. xv para o séc. xvi.

No cadastro da população de 1527 é referido que a vila de Ançã e seu termo, incluindo portanto Vil de Matos, era do senhorio de D. Luís de Castro. A freguesia permaneceu no concelho de Ançã até à sua extinção a 31 de Dezembro de 1853, altura em que passou ao de Cantanhede, no qual esteve inserida até 24 de Outubro de 1855, passando nesta data para o de Coimbra, em que permanece até à actualidade.

A edificação da igreja e respectiva instituição paroquial parece ter sido levada a cabo pela igreja de Barcouço, não existindo, no entanto, muita documentação a esse respeito, sabendo-se somente que o pároco de Vil de Matos foi cura amovível da apresentação do pároco de Barcouço. Em termos patrimoniais, merece destaque na freguesia de Vil de Matos, a Igreja Matriz, as capelas de Santa Ana e de São Tomé, assim como as quintas do Barreiro e da Zombaria.

ANTÓNIO FAUSTO MATOS

Presidente da Junta de Freguesia

informação obtida através da página de Internet <http://www.vildematos.com>

CÂMARA
MUNICIPAL
D
COIMBRA



CÂMARA MUNICIPAL D

Levantamento do Património da Freguesia de Vil de Matos

| Lugar | Património | Tipo Sítio | Classificação | Grau Protecção | N.º Inv. CMC | N.º da Legenda |
|-------------------|---|------------|---------------|----------------|--------------|----------------|
| Mourelos | Capela de Santo António | B | | 0 | 180398 | 438 |
| Rios Frios | Capela de São Tomé | B | | 0 | 180281 | 439 |
| Vendas de Santana | Capela de Santa Ana | B | | 2 | 180177 | 443 |
| Vendas de Santana | Cruzeiro | C | | 0 | 180313 | 440 |
| Vil de Matos | Cruzeiro | C | | 0 | 180176 | 442 |
| Vil de Matos | Igreja Matriz de São Sebastião (São João Evangelista) | B | | 3 | 180175 | 441 |
| Vil de Matos | Quinta da Zombaria | D | | 3 | 180431 | 444 |

A — Conjuntos; B — Capela, Igreja, Antigo Hospital, Seminário, Convento, Colégio e Mosteiro; C — Cruzeiro, Alminha; D — Palácio, Palacete, Quinta com capela; E — Quinta, Casa de habitação sem capela; F — Fonte, Chafariz; G — Jardim; H — Outros (Edifício, Coreto, Ponte, Aqueduto, Forno, Pelourinho, Marco, Escola); MN — Monumento Nacional; IIP — Imóvel de Interesse Público; EVC — Em Vias de Classificação; IVC — Imóvel de Valor Concelhio.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. de. 2004. In Território Colimbrie: lugares velhos (e alguns deles, deslembados) do Mondego. *Trabalhos de Arqueologia*. Nº 38. IPA. Lisboa.
- ALMEIDA, M. J. G. T. 1999. Ficha de sítio das escavações arqueológicas no Cerrado das Almas, Ameal - E.N 341 - Lanço Arzila – Taveiro. In Consulta da ficha de sítio em www.ipa.min-cultura.pt
- BANDEIRINHA, J. A. 2006. 1131-1993: as duas datas de um projecto. Fernando Távora, Santa Cruz e o Largo de Sansão. *Monumentos*. Nº 25. Lisboa. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana.
- BENTO, A. O. 2004. *A freguesia de Antanho, memórias de um passado*. Coimbra. Junta de Freguesia de Antanho.
- BORGES, N. C. 1982. *Coimbra e Região*. Coimbra. Editorial Presença.
- BORGES, N. C. 1987. *Coimbra e Região*. Lisboa. Editorial Presença.
- BORGES, N. C. 2003. Colégio de Santo Agostinho: Espaços Monástico-escolares. *Homenagem da Misericórdia de Coimbra a Armando Carneiro da Silva (1912-1992)*. Coimbra. Pp. 125 – 161.
- BRITO, R. 1931. *História da Gafaria de Coimbra*. Coimbra. Arquivos de Dermatologia e Sifilografia. Universidade de Coimbra.
- CARVALHO, A. F. 1934. Toponímia de Coimbra e arredores: contribuição para o seu estudo. Coimbra. *O Instituto*. Coimbra.
- CARVALHO, M. F. A. de. 1942. *Portas e Arcos de Coimbra*. Coimbra.
- CASTELHANO, J.; NUNES, M. & REBELO, J. J. 2008. *S. José – Coimbra. 75 anos de uma paróquia viva*. Comemorações de bodas de diamante 1932-2007. Coimbra. Diocese de Coimbra – Paróquia de S. José. Coimbra.
- CASTRO, A. M. S. de. 1877. A igreja de Santa Justa e as inundações do Mondego. *O Instituto*. Vol. XXIV: 36-45. Coimbra.
- CORREIA V. & GONÇALVES, A N. 1947. *Inventário Artístico de Portugal. Cidade de Coimbra*. Vol. I. Lisboa. Academia Nacional de Belas Artes.
- CORREIA V. & GONÇALVES, A N. 1953. *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Coimbra*. Vol. IV. Lisboa. Academia Nacional de Belas Artes.
- CORREIA, A. 1945. *Toponímia Coimbrã*. Vol. I e II. Coimbra. Biblioteca Municipal.
- CORREIA, V. 1929. A Arquitectura em Portugal no século XVI. *Biblos*. Vol. I, 1-2. Coimbra.
- CORREIA, V. 1940. Notas de Arqueologia e Etnografia do Concelho de Coimbra. *Biblos*. Vol. XVI. Coimbra.
- CÔRTE-REAL, A. M. C. 1990. *Relatório dos trabalhos Arqueológicos no Paul de Arzila/Igreja dos Mouros*. Coimbra. In Consulta da ficha de sítio em www.ipa.min-cultura.pt

- CÔRTE-REAL, A. 2003. *Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. Olhares ocultos, olhares submersos*. Coimbra. Quarteto Editora.
- CRAVEIRO, M. L. 1990. *Manuel Alves Macomboa. Arquitecto da reforma pombalina da Universidade de Coimbra. Subsídios para a história da arte portuguesa*. Vol. XXXI. Coimbra. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- CRAVEIRO, M. L. 2002. *O Renascimento em Coimbra, Modelos e Programas Arquitectónicos*. Coimbra. Dissertação de Doutoramento em História de Arte Coimbra. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. [Não publicado].
- CRAVEIRO, M. L. 2006. O Colégio das Artes. *Monumentos*. Nº 25. Lisboa. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana.
- CRAVEIRO, P. A. A. D. 1995. *Convento de Santo António dos Olivais*. Dissertação de Licenciatura em História de Arte. Coimbra. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. [Não publicado].
- DIAS, P. 1981. *Evolução do Espaço Urbano de Coimbra*. Coimbra.
- DIAS, P. 1988. *Coimbra Arte e História*. 2ª Ed. Coimbra. Instituto de História da Arte. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- DIAS, P. 1995. *Coimbra: Arte e História*. Coimbra. Gráfica de Coimbra, Lda.
- ESCRITURA de expropriação* (entre Câmara Municipal Coimbra e Carlos de Paula Coelho de Castro). 1945. Coimbra. (Policopiado).
- FERNANDES, M. 2008. *Pontuar o território com os olhares da experiência: As Casas dos Brasileiros*. Resumo da comunicação proferida no II Fórum Luso – Brasileiro de Arqueologia Urbana. Coimbra. Universidade de Coimbra.
- FERREIRA, L. C. S. (Dir.). 2008. *A Freguesia de Assafarge – Memórias e Património*. Coimbra. Grupo Etnográfico Cantares e Danças de Assafarge.
- FIGUEIREDO, A.C. B. de. 1886. *Coimbra Antiga e Moderna*. Lisboa: Livraria Ferreira.
- FIGUEIREDO, R. 2006. *Arquitectura Judicial: O Palácio da Justiça de Coimbra*. *Monumentos*. Nº 25. Lisboa. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana.
- FRADE, H. & CAETANO, J. C. 1990. *Pátio da Inquisição*. Notas Histórico-Arqueológicas. Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro. Coimbra.
- GOMES, P. (Coord.). 2003. *Coimbra – Futuro com História*. Héstia Editores. Paços de Ferreira.
- GOMES, P. 2003. *Coimbra cidade do conhecimento*. Coimbra. Câmara Municipal de Coimbra.
- GONÇALVES, A. N. 1940. *Igreja de Santa Cruz de Coimbra: breve guia histórico-arqueológico*. Coimbra. Gráfica de Coimbra.
- GONÇALVES, A. N. 1944. *O Restauo da Igreja do Botão*. Coimbra.
- LAMY, A. S. 1990. *A Academia de Coimbra (1537-1990): história, praxe, boémia e estudo, partidas e piadas, organismos académicos*. Lisboa. Rei dos Livros.

- LOBO, R. 1999. *Santa Cruz e a Rua da Sofia, arquitectura e urbanismo no século XVI*. Coimbra. Departamento de Arquitectura. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- LOBO, R. 2006. Os Colégios Universitários de Coimbra. Enquadramento na arquitectura universitária europeia e seriação tipológica. *Monumentos*. Nº 25. Lisboa. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana.
- LOBO, R. 2006a. Rua da Sofia, um campus universitário em linha. *Monumentos*. Nº25. Lisboa. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana.
- LOUREIRO, J. P. 1964. *Coimbra no Passado*. Vol. I. Coimbra. Câmara Municipal de Coimbra.
- LOUREIRO, J. P. 1964a. *Toponímia de Coimbra*. Vol. I e II. Coimbra. Câmara Municipal de Coimbra.
- LOUREIRO, J. P. 1959. *O teatro em Coimbra. Elementos para a sua história 1526-1910*. Coimbra. Câmara Municipal de Coimbra.
- MAGALHÃES, R. F. R. 2002. A urbanização da Quinta de Santa Cruz: uma nova cidade do flanco de uma velha cidade. *Arquivo Coimbrão*. Boletim da Biblioteca Municipal de Coimbra. Vol. XXXV. Coimbra. Biblioteca Municipal de Coimbra.
- MANTAS, V. G. 1992. Notas sobre a estrutura urbana de Aeminium. *Biblos*. Vol. LXVIII.
- MARGARIDO, A. P. 1987. A Morfologia Urbana da Alta de Coimbra - Ensaio sobre o traçado da malha e sua evolução. *Cadernos de Geografia*. Nº 6. Coimbra.
- MARQUES, I.; FELIX, M. J. C. & FERREIRA, M. 1994. *Levantamento Arqueológico Coimbra Sul*. Dissertação de Licenciatura em História variante Arqueologia. Coimbra. Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. [Não publicado].
- MARQUES, J. (Direcção). 2003. *Roteiro de Coimbra*. Coimbra. Rotinveste.
- MARTINS, J. A. F. 1974. *Frei Manuel da Mealhada; memórias do convento de S. António dos Olivais de Coimbra*. Dissertação de Licenciatura em História. Coimbra. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. [Não publicado].
- MONTEIRO, J. G. 1998. *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*. Lisboa. Edições Colibri.
- NEVES, M. J.; CORGA, M. & DIAS, G. 2006. Relatório intercalar 5 dos trabalhos arqueológicos realizados no âmbito da intervenção de arqueologia preventiva da empreitada de requalificação ambiental da zona Norte de Coimbra. *Relatório Dryas nº 30/2006*. Coimbra. Policopiado.
- NOGUEIRA, A. I. C. 2007. *Santa Cruz: um café com História*. Coimbra. Câmara Municipal de Coimbra.
- PIMENTEL, A. 1982. As empresas artísticas do Bispo-Conde D. Afonso Castelo Branco. *O Mundo da Arte*. Nº8-9 (Julho - Agosto). Coimbra.
- PINHO LEAL, A. S. A. B. 1874. *Portugal Antigo e Moderno: Dicionário Geographico, Estatístico, Chorographico, Heráldico, Archeologico, Histórico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande número de aldeias*. Lisboa. Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão.

- PINHO, J. C. S. 2002. *Botão: Mil anos de história*. Coimbra. CCRC.
- PINHO, J. C. S. 2005. *S. João do Campo. A terra, a gente, o espaço e o tempo (1156-2005)*. Coimbra. Goldprint.
- PINHO, J. C. S. 2008. *Freguesia de Eiras: a sua história (do século décimo ao séc. XXI)*. Coimbra. Junta de Freguesia de Eiras.
- RIBEIRO, A. 2002. *Do associacionismo da Associação Académica de Coimbra e da Tomada da Bastilha*. Coimbra. DGAAC.
- RODRIGUES, A. S. 2000. *História de Portugal em datas*. Temas e Debates. Lisboa.
- RODRIGUES, F. 1931. *História da Companhia de Jesus na assistência de Portugal*. Porto. Apostolado da Imprensa.
- RODRIGUES, M. A. 1987. *Os Colégios da Alta Coimbrã- Episódios da vida académica*, (catálogo de exposição). Coimbra. Arquivo da Universidade de Coimbra.
- RODRIGUES, M. A. 1999. *Livro Preto – Cartulário da Sé de Coimbra. Edição Crítica – Texto Integral*. Coimbra. Arquivo da Universidade de Coimbra. CLXV:43.
- ROSMANINHO, N. 1996. *O Princípio de uma Revolução Urbanística do Estado Novo*. Coimbra. Minerva.
- ROSSA, W. 2001. *DiverCidade. Urbanografia do Espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade*. Dissertação de Doutoramento em Arquitectura. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Coimbra. [Não publicado].
- ROSSA, W. 2006. *A Sofia: primeiro episódio da reinstalação moderna da Universidade Portuguesa. Monumentos*. Nº 25. Lisboa. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana.
- SANTOS, R. 2005. *Relatório de progresso do acompanhamento e sondagens relativos aos trabalhos arqueológicos no antigo, lugar de Vilela, freguesia de Torre de Vilela, concelho de Coimbra*. Policopiado.
- SILVA, da C. 1988. *A Alameda de Coimbra. A Alta de Coimbra, História-Arte- Tradição*. Coimbra. Grupo de Arqueologia e Arte do Centro (GAAC).
- SILVA, I. (Coord. geral), 1997. *Dicionário Enciclopédico das Freguesias*, Vol. 2. Matosinhos. MinhaTerra.
- SIMÕES, G. T. 1960. *Vistórias da Câmara Municipal de Coimbra (1664-1906)*. Coimbra. Biblioteca Municipal.
- TRINDADE, L. 2002. *A casa corrente em Coimbra: dos Finais da Idade Média aos Inícios da Época Moderna*. Coimbra. Câmara Municipal de Coimbra.
- VASCONCELOS, A. 1938. *Escritos vários: relativos à Universidade de Coimbra*. Coimbra. Arquivo da Universidade de Coimbra. Vol. 1.
- VASCONCELOS, A. 1962. *A Catedral de Santa Maria Colimbrãense ao Principiar o Século XI - Mozarabismo desta região em tempos posteriores*. Coimbra.
- VENTURA, L. 1988. *A Muralha Coimbrã na Documentação Medieval. Grupo de Arqueologia e Arte do Centro (GAAC)*. Coimbra.

VITERBO, F. S. 1988. *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*. Vol. I. Reedição. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Lisboa.

VITERBO, S. 1914. *O Mosteiro de Santa Cruz: anotações de documentos*. Coimbra. Imprensa da Universidade de Coimbra.

Endereços electrónicos

www.agr668.cne-escutismo.pt/pedrulha.php

www.cm-coimbra.pt

www.coimbravivasru.pt

www.combonianos.pt

www.companhia-jesus.pt

www.esec-jaime-cortesao.rcts.pt

www.esjf.interacesso.pt

www.fbb.pt

www.fbb.pt/quinta_zombaria.htm

www.freguesiadesouselas.eu

www.freguesiadetaveiro.eu/

www.freguesiadetrouxemil.eu/

www.freguesiasaosilvestre.eu

www.gov-civil.pt

www.ipa.min.cultura.pt

www.ippar.pt

www.jf-cernache.pt

www.joaodeus.com

www.mnmachadodecastro.imc-ip.pt

www.monumentos.pt

www.museudaciencia.pt

www.ppcj.pt/caic.html

<http://pwp.netcabo.pt/paroquia.sjose/inicio.html>

www.retratoserecantos.com.pt

www.sjclunyportugal.com/pags/anamar.html

www.skyscrapercity.com

www.sta-clara-a-velha.ccg.uc.pt

www.steotonio.pt

www.uc.pt/zoologia

www.usuarios.lycos.es/sjsr/historia_santas.htm

www.viajar.clix.pt/com/tesouros

www.vildematos.com

www.webon.darq.uc.pt

CAMARA
MUNICIPAL
D
COIMBRA

ÍNDICE

| | |
|---------------------------------|-----|
| Agradecimentos | 03 |
| Prólogo | 05 |
| Apresentação | 07 |
| Aspéctos Técnicos | 09 |
| Almalaguês | 11 |
| Almedina | 29 |
| Ameal | 69 |
| Antanhol | 77 |
| Antuzede | 87 |
| Arzila | 107 |
| Assafarge | 113 |
| Botão | 129 |
| Brasfemes | 151 |
| Castelo Viegas | 163 |
| Ceira | 175 |
| Cernache | 193 |
| Eiras | 209 |
| Lamarosa | 227 |
| Ribeira de Frades | 245 |
| Santa Clara | 253 |
| Santa Cruz | 281 |
| Santo António dos Olivais | 327 |
| São Bartolomeu | 373 |
| São João do Campo | 393 |
| São Martinho de Arvore | 399 |
| São Martinho do Bispo | 411 |
| São Paulo de Frades | 433 |
| São Silvestre | 447 |
| Sé Nova | 461 |
| Souselas | 505 |
| Taveiro | 523 |
| Torre de Vilela | 531 |
| Torres do Mondego | 543 |
| Trouxemil | 553 |
| Vil de Matos | 575 |
| Bibliografia | 585 |

CÂMARA
MUNICIPAL
DE
COLMÊBRA